

## INTRODUÇÃO

Nos últimos seis anos, a tarefa de realizar uma extensa pesquisa bibliográfica acerca da temática da violência sexual infantil foi incluída em nossa trajetória acadêmica com o intuito de fundamentar a prática psicanalítica no Projeto CAVAS/UFMG<sup>1</sup>, cuja proposta central é a realização de atendimentos a crianças e adolescentes com histórico de abuso sexual e a pesquisa.

No decorrer dos atendimentos aos pacientes e, principalmente, do início da tarefa de supervisão aos estagiários novatos, tornou-se premente a sistematização do material clínico dos casos de violência sexual atendidos desde 2005. Dentre as várias interrogações que surgiam no grupo de estudos teóricos e nas reuniões clínicas, os indícios de uma *repetição compulsiva* do evento traumático chamavam atenção e reivindicavam respostas para que pudéssemos seguir como analistas daqueles pacientes. Os casos clínicos nos quais a perpetuação do abuso era a temática central impunham-se como extremamente perturbadores e instigantes. Perturbadores, pois o analista se vê diante de uma repetição que não cessa de ser anunciada, e instigantes, porque obrigam a pensar em saídas urgentes que possam frear as engrenagens desse ciclo funesto. Justamente a inquietação diante desse quadro foi o que funcionou como combustível na busca de esclarecimentos para nossas dúvidas.

Na experiência clínica do Projeto CAVAS/UFMG, essa repetição, na qual a vítima de agressão passa a imitar ou amar seu algoz, apresentava-se em nuances distintas. Encontramos indícios “brandos”, como a enorme culpa sentida por um paciente de sete anos que, algum tempo depois de ter sofrido uma tentativa de penetração, ficou excitado quando tomava banho com seu irmão de quatro anos. Outras manifestações evidenciaram a compulsão à repetição estereotipada do evento traumático, como é o caso de um paciente de onze anos, que sofrera graves maus-tratos e abusos sexuais antes mesmo de completar dois anos, passando, mais tarde, a assediar e obrigar meninos mais novos a se relacionarem sexualmente com ele. Além disso, outros fatos clínicos saltavam aos nossos olhos e indicavam a extrema passividade instalada no psiquismo de algumas mães, que relatavam terem sido

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa e Atendimento Psicológico a Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela Profa. Dra. Cassandra Pereira França.

abusadas na infância: a enorme dificuldade para perceber a agressão sexual sofrida por seus filhos e a submissão repetida a outros abusos, sexuais ou não.

Na verdade, estávamos diante do fato já constatado por alguns autores de que o impacto do abuso sexual na criança, além de provocar um intenso sofrimento e desorganização psíquica, possui potencial para desencadear um preocupante círculo vicioso. Fuks (1998) define como continuidade intergeracional essa perpetuação do abuso sexual por parte das vítimas, verificando em suas pesquisas no CEARAS<sup>2</sup> fatos clínicos que indicam de que forma essa repetição pode se concretizar. A autora descreve, por exemplo, uma tendência das crianças e adolescentes que sofrem o abuso sexual a “hipersexualizar” seus relacionamentos a partir dessa vivência, estabelecendo novas relações abusivas que originam, desde gestações muito precoces até quadros autodestrutivos relacionados à promiscuidade e à prostituição. Especificamente nas crianças do sexo masculino, observa conseqüências mais impactantes do ponto de vista social como a delinqüência, a drogadição e o abuso sexual de crianças.

Corroborando essas observações clínicas, outras pesquisas apontam para a correlação entre abuso sexual na infância e comportamento sexual criminoso na idade adulta. Em 2002, por exemplo, foi constatado que 66% dos homens pedófilos haviam sido abusados quando crianças, enquanto apenas 4% dos homens não pedófilos relataram essa vivência (Cohen et al, citado por Pizá & Ferraresi, 2004).

Em um trabalho realizado com presidiários agressores sexuais, Baltieri (2005), verificou que os agressores sexuais seriais (de três ou mais vítimas) apresentam um risco seis vezes maior de terem sido vitimizados sexualmente na infância. A especificidade da amostra desse estudo pôde revelar ainda que 10,89% dos agressores sexuais de crianças (em um grupo de cento e um apenas) possuíam histórico de abuso sexual, em contraste com apenas 3 a 4% dos agressores sexuais de adolescentes e adultos (grupo de noventa e sete apenas). Nesse sentido, Craissati e Beech (2004, citado por Baltieri, 2005) também concluíram que existem indícios de que a história pessoal de abuso sexual na infância pode colaborar para a gravidade do comportamento sexualmente violento na vida adulta e para a reincidência em delitos sexuais.

---

<sup>2</sup> Centro de Estudos e Atendimentos Relativos ao Abuso Sexual da Faculdade de Medicina da USP

Nessa direção, outras investigações registram que os molestadores de crianças possuem risco onze vezes maior de terem sido agredidos sexualmente na infância do que os agressores de mulheres adultas, dado considerado significativo do ponto de vista estatístico (Ward et al., 2002; Craissati & Beech, 2004, citados por Baltieri, 2005). No que diz respeito à correlação entre as consequências psiquiátricas e o abuso sexual na infância, as pesquisas indicam um maior risco para síndromes depressivas, transtornos de personalidade, abuso de substâncias, comportamento suicida, transtornos da preferência sexual e comportamentos sexuais agressivos (Fergusson et al., 1996; Widom et al., 1999; Pope, 2001, citados por Baltieri, 2005).

Cada vez mais se tornava evidente a existência de uma intensa ligação entre a criança e o objeto traumatizante – nesses casos, o agressor sexual. Esse tipo de ligação surpreendente aproxima-se de descrições como a da Síndrome de Estocolmo, termo criado em 1973 pelo psicólogo e criminalista Nils Berjerot para descrever o estado psicológico das pessoas envolvidas em um assalto a banco na cidade de Estocolmo, no qual foram mantidas reféns por quase uma semana e passaram a ser extremamente afetuosas com os criminosos, chegando ao ponto de defendê-los. Duas das mulheres prisioneiras acabaram se casando com seus sequestradores. De acordo com Kahtuni e Sanches (2009), trata-se de um mecanismo de defesa inconsciente associado a uma estratégia de sobrevivência, pois a sustentação de um vínculo afetivo com os agressores torna possível a diminuição do grau de estresse e o afastamento de uma realidade extremamente ameaçadora e penosa. No entanto, apesar da possibilidade de ser interpretada em termos psicanalíticos, essa síndrome não constitui uma noção psicanalítica e nem faz referência a casos específicos de violência sexual. Nesse sentido, a noção de identificação com o agressor, elaborada por Ferenczi quatro décadas antes, possui mais pontos de contato com a teoria psicanalítica freudiana e com a problemática de nossa clínica, pois Ferenczi analisou adultos que sofreram violência sexual na infância.

O primeiro passo da pesquisa sobre a identificação com o agressor foi a leitura de um texto profícuo: “Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)” (Ferenczi, 1933[1932]). O depoimento pessoal de Ferenczi sobre as dificuldades enfrentadas no manejo da transferência e da contratransferência – que induziam à repetição dos traumas vivenciados na infância – fez com que nos identificássemos com o autor, que se desdobrava para tentar amenizar o sofrimento psíquico de pacientes com histórias semelhantes àquelas que recebemos em nossa

clínica. Suas observações fizeram-nos imaginar como estariam, daqui a alguns anos, as crianças atendidas em nosso projeto de extensão e ainda proporcionaram um refinamento de nosso olhar para os sinais transferenciais da identificação com o agressor. Mais do que sua postura autêntica em relação à clínica psicanalítica, a importância concedida à sedução e ao evento traumático ajudou a suprir nossa necessidade de entender mais a respeito das conseqüências do traumatismo sexual. Cromberg (2004) também constatou a importância de autores como Ferenczi – que problematizam o abandono da teoria da sedução – e de suas reformulações para os pesquisadores da temática do abuso sexual, pois conseguiram realocar na teoria psicanalítica “a compreensão dos efeitos psíquicos do sofrimento causado pelos incestos que aconteciam verdadeiramente” (p.38).

A experiência acadêmica e as apresentações em congressos nos davam mostras do quanto poderia ser complicado falar sobre a temática da sedução de uma criança por um adulto: geralmente, as reações eram de repulsa, quando buscávamos entender a constituição psíquica do agressor sexual, ou de pena e comoção, quando se tratava de estudar as seqüelas psíquicas nas crianças. Sabemos que o ato incestuoso e a pedofilia incidem direta ou indiretamente nas vivências psíquicas do Édipo e causam angústia e estranhamento porque trazem à tona os desejos que, há muito tempo, fomos obrigados a suprimir a duras penas, a transformar em fantasia, em identificação (Ab'Saber, 2003). As relações sexuais entre pais e filhos ou entre a criança e o adulto constituem transgressões máximas, pois escancaram o acesso livre, ou seja, a realização dos desejos que a grande maioria de nós precisou abdicar em troca da inserção na civilização e no mundo simbólico.

Ao longo de nossas pesquisas, também verificamos de que forma a psicanálise enfrentou a problemática da sedução e do incesto. Historicamente, a sedução pelo adulto e a violência sexual relatada pelas histéricas acabou sendo relegada a um segundo plano, pois Freud encontrou fortes razões para privilegiar a não menos importante idéia de realidade psíquica em suas teorizações. Talvez por esse motivo, o trauma, a violência e a própria neurose traumática tenham constituído um tópico com muitas lacunas a serem preenchidas pela psicanálise, mesmo após mais de um século de pesquisas.

Por outro lado, é preciso considerar a extensão da obra de Freud e as oscilações a respeito dessa temática. De acordo com a análise feita por Laplanche (1988), Freud nunca teria abandonado a investigação das cenas reais, como na

descrição clínica do Homem dos Lobos, em que “impressiona vivamente a convicção apaixonada que impele Freud, como um detetive que fareja uma boa pista, a estabelecer a realidade da cena, reconstituindo-a em seus menores detalhes” (pp.46-47). Também nessa direção, Uchitel (2001) afirma que o estabelecimento de oposições, tais como trauma *versus* fantasia, cria uma dicotomia que inexiste em Freud, principalmente se considerarmos a totalidade de seus escritos:

O trauma, associado a uma causalidade e linguagem energética, introduz a obra freudiana. Mais tarde, com a superposição confusa de sedução e trauma e a importância que se atribui à fantasia, ao conflito psíquico e à defesa, o trauma passou a ter um valor secundário. Mas, como veremos, a partir de 1920, voltou a recuperar um lugar de importância, embora não tenha alcançado, até então, nem até o fim da obra de Freud, uma clara articulação com o trabalho clínico. (p.37)

Assim, entendemos que o privilégio concedido à noção de realidade psíquica não impediu que Freud se debruçasse, em alguns momentos, sobre as repercussões psíquicas do trauma e a etiologia traumática de uma neurose – mesmo muitos anos depois de ter abandonado a idéia de que a histeria era o resultado da sedução da criança pelo adulto. Temos exemplos disso em “Além do princípio de prazer” (1920), quando tratou da neurose traumática e da compulsão à repetição e, ainda mais tardiamente, em “Esboço de psicanálise” (1940[1938]b), texto no qual apontou a importância das experiências infantis e as possíveis consequências de um abuso sexual para o desenvolvimento psicosssexual, um evento que considerou como exceção à teorização do Complexo de Édipo, como podemos conferir na citação abaixo:

Nossa atenção é atraída primeiro pelos efeitos de certas influências que não se aplicam a todas as crianças, embora sejam bastante comuns – tais como o abuso sexual de crianças por adultos, sua sedução por outras crianças (irmãos ou irmãs) ligeiramente mais velhas que elas.... essas experiências despertam a suscetibilidade de uma criança e forçam os seus próprios impulsos sexuais para certos canais dos quais depois não podem se safar. (Freud, 1940 [1938b]/2006, p.200)

Sem desconsiderar a importância das observações de Freud nessas ocasiões em que tratou da neurose traumática, Pizá e Ferraresi (2004) apontam que a centralidade da noção de realidade psíquica nas teorizações psicanalíticas causou, por longa data, o ensurdecimento dos analistas para os relatos de abuso sexual e incestos realmente consumados. Nesse sentido, por ter retomado a teoria da sedução, Ferenczi é o autor que nos ofereceu mais pontos de apoio para pensar a prática clínica específica com pacientes traumatizados. Mesmo tendo conhecimento das numerosas críticas já dirigidas a este autor no que tange às suas inovações técnicas e à sua teoria

do trauma<sup>3</sup>, não podemos deixar de conferir a devida importância às suas idéias quando lidamos com os efeitos da violência sexual. E, de fato, a busca por materiais psicanalíticos sobre as repercussões do trauma sexual no psiquismo da criança sempre nos colocava diante das elaborações de Ferenczi. Apesar da abundância de referências e citações, raramente encontrávamos alguma elaboração contemporânea que ajudasse a sanar as dúvidas que surgiam a respeito da noção de identificação com o agressor.

A primeira questão consistia em entender se era possível ampliar a ação do mecanismo de identificação com o agressor aos casos em que a criança passava a agredir ou abusar de outras crianças. É comum encontrar esse tipo de generalização na literatura psicanalítica, mas o próprio texto de Ferenczi (1933[1932]) não faz referência à hetero-agressão, pelo contrário, apenas à instalação da passividade no psiquismo dessas crianças. Uchitel (2001), por exemplo, afirma que a criança identificada com o agressor "é triplamente vítima: por não ter mais o objeto idealizado que perde, por ser objeto de agressão e por converter-se ele mesmo em agressor" (p.124).

Outro problema encontrado durante nossas leituras diz respeito à utilização imprecisa dos termos identificação, introjeção e clivagem na elaboração teórica da identificação com o agressor – noções essenciais para a compreensão desse mecanismo, mas que não possuem uma definição estrita em psicanálise. Diante da complexidade da tarefa que se anunciava, indicando um caminho árido a ser percorrido, encontramos algumas indagações sobre a identificação com o agressor e suas relações com a teoria freudiana em Laplanche e Pontalis (1975):

Que papel atribuir à identificação com o agressor no conjunto da teoria analítica? Tratar-se-á de um mecanismo muito especial ou, pelo contrário, virá ele abranger uma parte importante daquilo que habitualmente se descreve como identificação? Designadamente, como virá articular-se com o que é clássico designar por identificação com o rival na situação edipiana? (pp. 300-301)

O acesso a esses questionamentos fortaleceu nosso intuito de tentar sistematizar essa noção e, de certa forma, ajudou a legitimar nosso objetivo de

---

<sup>3</sup> O foco na sedução concreta chegou a ser interpretado por alguns autores como um retrocesso aos avanços proporcionados à psicanálise pela noção de realidade psíquica. É importante ressaltar que a complexidade de sua teorização não será abarcada em nossa exposição, assim, referenciamos para o leitor alguns autores que se debruçaram longamente nessa empreitada, tais como Abraham e Torok (1995), Pinheiro (1995) e Favero (2004, 2009).

pesquisa<sup>4</sup>. Portanto, mantendo no horizonte o objetivo principal desse trabalho dissertativo – a investigação em profundidade da noção de identificação com o agressor e seus mecanismos subjacentes –, dedicamos o primeiro capítulo à análise detalhada do artigo “Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)” (1933[1932]) e à apresentação das principais questões que estão na base da elaboração de nosso problema de pesquisa. Considerando ainda que o estudo das origens da noção de identificação com o agressor está intrinsecamente ligado ao percurso clínico de Ferenczi, julgamos apropriado percorrer sucintamente seus últimos trabalhos, com o intuito de localizar a inserção dessa idéia em sua obra e o contexto clínico de seu surgimento. Desse modo, antes de concentrar nossa atenção nas teorizações específicas do referido artigo, fizemos uma breve apreciação dos textos compilados no Volume IV das suas “Obras Completas” (1992), que referenciam as temáticas do trauma e da identificação com o agressor.

No segundo capítulo, buscamos elucidar os mecanismos subjacentes à identificação com o agressor: identificação, introjeção e clivagem. A utilização peculiar desses termos no referido artigo nos levou a retomar as elaborações de Freud e do próprio Ferenczi.

No que tange à análise da identificação, ou das identificações – como diria Florence (1994), autor que utilizaremos como referência em nosso percurso –, consideramos necessário rastrear os meandros de sua construção na obra freudiana. A dificuldade para definir a modalidade identificatória referida por Ferenczi ao elaborar a noção de identificação com o agressor parece estar relacionada ao fato de que a própria identificação, representante de uma fase dos primórdios da constituição psíquica, foi uma noção pouco sistematizada em psicanálise, sobre a qual ainda não se produziu um estudo minucioso. Iniciamos nossa exposição abordando os contornos da identificação histórica e narcísica propostos por Freud até 1917 e seus desenvolvimentos teóricos posteriores, principalmente em “Psicologia das massas e análise do ego” (1921). Com esse instrumental teórico, buscamos determinar algumas *interseções entre a noção de identificação na obra de Freud e a identificação com o agressor ferencziana*.

---

<sup>4</sup> Interesse reforçado também pelo comentário da Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Cecília Carvalho – durante a qualificação desse trabalho, em 16 de dezembro de 2009 – de que nenhum estudo psicanalítico sobre a clínica dos pacientes vítimas de abuso sexual poderia prescindir das colocações feitas por Ferenczi em 1932.

A noção de clivagem foi abordada como uma das respostas psíquicas diante do trauma e nossa pesquisa começou com seu rastreamento desde os primórdios da psicanálise freudiana até sua formulação final em 1938, no texto “Esboço de psicanálise”. Os textos ferenczianos que tratam a clivagem também foram analisados a fim de promover uma comparação com a significação do termo na obra freudiana e trazer esclarecimentos sobre seu uso na formulação do conceito de identificação com o agressor.

No que diz respeito ao conceito de introjeção, considerado por vários autores (Pinheiro, 1995; Abraham & Torok, 1995; Kupperman, 2009) como a mais importante contribuição de Ferenczi para a metapsicologia psicanalítica, tal reconhecimento não garantiu a constância de sua significação. Pinheiro (1995), Abraham e Torok (1995) afirmam que sua especificidade foi se perdendo na psicanálise e na própria obra de Ferenczi, sendo que o exemplo máximo dessas distorções é encontrado no texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)” (1933[1932]). A partir dessa problemática relacionada à formulação da identificação com o agressor e também por se tratar de um conceito pouco conhecido, optamos por realizarmos a revisão do conceito de introjeção nas formulações ferenczianas de 1909 e 1912. A investigação do sentido do termo introjeção no texto de 1933 e a apresentação das críticas contemporâneas constituem os principais elementos abordados no item *A introjeção em 1933*.

No terceiro capítulo, exploramos os fatores intervenientes no estabelecimento do trauma psíquico nos casos de violência sexual. Para tanto, recorreremos à noção freudiana de séries complementares, fecunda quando se trata de analisar a interação entre variáveis endógenas e exógenas. Por último, com o intuito de ilustrar os possíveis destinos do traumatismo psíquico decorrente do abuso sexual e fazer trabalhar o conteúdo dos capítulos anteriores, apresentamos ainda duas breves vinhetas clínicas de casos atendidos no Projeto CAVAS.

Tendo sido expostos brevemente os objetivos que nos guiaram na pesquisa e a relevância teórica e técnica pretendida, esclarecemos a metodologia adotada nesse percurso. Por se tratar de um trabalho predominantemente teórico, são constantes as discussões conceituais e a busca de diálogo entre os autores, mas sem perder de vista, tal como nos indica Birman (1994), que a experiência psicanalítica é a base da pesquisa em psicanálise. Para este autor, mesmo quando nos voltamos para a elaboração teórica de questões aparentemente distanciadas, a práxis continua sendo a



origem primeira da teoria psicanalítica, determinante dos eixos que conduzem seu registro teórico. Nesse sentido, a pesquisa em psicanálise consiste em apreender as determinações da singularidade e extrair dela a dimensão comum, formulando idéias abstratas que são descartadas ou não posteriormente, na medida em que se mostram úteis ou verdadeiras na experiência clínica, em um movimento de ida e volta. Nossa intenção de que essa dissertação pudesse repercutir, de alguma forma, na prática psicanalítica estimulou a idéia de empregar as vinhetas de casos já encerrados, na medida em que se mostraram úteis para ilustrar e, ao mesmo tempo, para ajudar a compreender determinados aspectos da identificação com agressor.

## CAPÍTULO 1: A IDENTIFICAÇÃO COM O AGRESSOR NA OBRA DE FERENCZI

### 1.1 O autor e sua obra

Discípulo, paciente, amigo e confidente de Freud, com quem trocou cerca de mil e duzentas cartas, Sándor Ferenczi nasceu na Hungria em 1873 e faleceu em 1933. Optou pela medicina, profissão que evidenciou sua característica mais marcante: a vontade de ajudar quem necessita e, segundo Roudinesco e Plon (1998), desde o início de sua carreira, esteve disposto a ajudar os oprimidos, a escutar as mulheres e socorrer os marginais e excluídos da sociedade. Apesar de ser contemporâneo de Freud (1856-1939), Ferenczi só veio a conhecê-lo em 1908, após a leitura entusiasmada de “A Interpretação dos sonhos” (1900). No ano seguinte, escreveu o artigo “Transferência e introjeção” (1909), demonstrando uma grande capacidade de compreensão do corpo teórico psicanalítico e, ao mesmo tempo, criatividade para introduzir um novo conceito. A originalidade, ousadia e talento clínico foram qualidades que fizeram com que Freud o tivesse em alta conta, apelidando-o de seu “paladino” ou “grão-vizir secreto” (Bokanowski, 2000).

O percurso de Ferenczi na psicanálise foi dividido por Balint (1967) em três fases, demarcadas entre si por importantes alterações técnicas e teóricas. Na primeira e mais longa dessas fases (1908-1927), Ferenczi realizou um estudo aprofundado da técnica psicanalítica clássica – caracterizada pela objetividade, neutralidade e paciência ilimitada – iniciando, também, a transição para sua técnica ativa, baseada em intervenções diretivas, orientadas pela observação atenta da transferência. Apesar dos êxitos terapêuticos e do rico material clínico resultante da aplicação da nova técnica, Ferenczi precisou admitir que determinados pacientes não haviam sido beneficiados.

Tendo como princípio norteador de sua prática clínica a premissa segundo a qual enquanto um paciente deseja prosseguir com o tratamento, cabe ao analista buscar uma forma de ajudá-lo, independentemente das dificuldades dessa tarefa, o fracasso de sua técnica ativa representou uma “provocação irresistível” (Balint, 1967/1992) para Ferenczi. A busca pelo aperfeiçoamento técnico marcou o período seguinte (1927-1928) e levou Ferenczi a modificar suas intervenções no sentido de focalizar sua atenção nas expectativas do paciente em relação ao analista, procurando

flexibilizar-se ao máximo. Os textos resultantes dessa fase<sup>5</sup> mostram que Ferenczi, inicialmente, atenuou a força de suas intervenções e, ao invés de ordens e interditos, optou por conselhos e sugestões. Posteriormente, abandonou completamente mesmo a forma mais suave de intervenção e foi corajoso o bastante para admitir e publicar que o aumento da tensão provocada por sua técnica ativa levava muitos de seus pacientes a uma espécie de reativação infrutífera das experiências traumáticas da infância.

O retorno insistente dos traumas psíquicos durante as sessões foi, gradualmente, tornando-se um problema central para Ferenczi. Considerando que o traumatismo psíquico resultava não só do evento traumático, mas, também, da reação dos adultos e de sua indiferença diante do sofrimento da criança, Ferenczi concluiu que algumas das regras fundamentais da técnica psicanalítica tradicional, como a abstinência e a neutralidade do analista poderiam ser, em muitos casos, iatrogênicas (Kupermann, 2008). Em outras palavras, “a técnica analítica clássica podia, em certos casos, produzir estados semelhantes [ao trauma], na medida em que levava o paciente a rememorar ou a repetir o traumatismo original enquanto o analista mantinha sua passividade benevolente e objetiva.” (Balint, 1967/1992, p.XXI).

No terceiro período (1928-1933), uma significativa queda em sua produção científica parecia indicar uma crise intelectual. De fato, a história do movimento psicanalítico mostra-nos que nessa época havia uma crescente indisposição e distanciamento entre Ferenczi e a sociedade psicanalítica (Balint, 1967/1992). Incerto, talvez, da acolhida que seus textos receberiam, passou a não mais publicar suas observações. Em verdade, seus principais artigos dessa época só foram traduzidos para a língua inglesa mais de vinte anos após sua morte, e só depois de passados outros trinta anos suas obras completas foram publicadas na França. No Brasil, a primeira edição saiu ainda mais tardiamente, em 1991 e 1992.

Apesar da produção escassa, apenas um artigo a cada ano, o terceiro período trouxe grandes avanços teóricos, tendo sido marcado por trabalhos importantes sobre o trauma psíquico e elaborações fundamentais sobre as noções de desmentido e

---

<sup>5</sup> “A adaptação da criança à família” (1928a[1927]), “O problema do fim da análise” (1928b[1927]) e “Elasticidade da técnica psicanalítica” (1928[1927-1928]).

clivagem<sup>6</sup>. A técnica utilizada e os resultados dessa fase refletem a solução encontrada por Ferenczi para fixar os limites da tolerância e da complacência do analista, que deveria tratar seu paciente: tal qual um adulto afetuoso trataria uma criança.

Para Kahtuni e Sanches (2009) pode ser depreendido um *continuum*, que une as inovações da técnica ferencziana a partir de um aspecto comum: o grau de tensão psíquica produzido no paciente pelo analista. Assim, a técnica ativa estaria no ponto de tensão *máximo* e – passando pela técnica clássica, pela elasticidade da técnica, pelo relaxamento e neocatarse – encontramos o ponto *mínimo* de tensão, representado pela análise mútua. Para se ter uma visão geral, as autoras propõem a seguinte seqüência:

Primeiro período: técnica clássica (1908-1919)  
 Segundo período: técnica ativa (1919-1926)  
 Terceiro período: elasticidade da técnica (1928)  
 Quarto período: relaxação e neocatarse (1929-1930)  
 Quinto período: análise mútua (1932-1933). (Kahtuni & Sanches, 2009, p.218)

## 1.2 Indícios clínicos da identificação com o agressor

Nossa exposição sobre a identificação com o agressor começa com a constatação de um fato curioso, qual seja, o de que a primeira descrição da noção é atribuída à Anna Freud por Laplanche e Pontalis (1975)<sup>7</sup>. Não obstante, a história nos

---

<sup>6</sup> Os textos que assinalam esse período são: “A criança mal-acolhida e sua pulsão de morte” (1929), “Princípio de relaxamento e neocatarse” (1930[1929]), “Análise de crianças com adultos” (1931) e “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933[1932]).

<sup>7</sup> Mesmo julgando que o contexto considerado pela autora para a elaboração da noção de identificação com o agressor (o desenvolvimento normal da criança e os problemas educacionais corriqueiros) tem pouco em comum com a realidade de nossa prática no Projeto CAVAS, em comparação com a clínica de Ferenczi, registramos os principais pontos de sua teorização e algumas semelhanças e divergências com as elaborações de Ferenczi. De acordo com Anna Freud (1936), a identificação com o agressor é um mecanismo de defesa e, mais do que isso, “uma das mais poderosas armas do ego em seus tratos com os objetos que provocam angústia” (p.81). Assim, frente a qualquer tipo de crítica ou agressão provenientes dos pais ou professores, representantes da autoridade, a criança promove uma inversão dos papéis: assume a responsabilidade pela agressão e imita o agressor, em um processo muito semelhante à inversão passividade-atividade do *fort-da*, descrito por Freud em “Além do princípio do prazer” (1920).

A identificação com o agressor em Anna Freud consiste em uma combinação entre os mecanismos de introjeção e projeção, considerada normal quando é empregada pelo ego para lidar com seus conflitos com as autoridades. Segundo a autora, constitui um estágio anterior à moralidade, normal e necessário ao desenvolvimento superegótico, pois está relacionado com a internalização das críticas pela criança. Esse processo é sempre acompanhado pela projeção ou externalização da culpa – projeção entendida como uma defesa através da qual o indivíduo expulsa pessoas, coisas, qualidades, objetos e desejos que nega em si mesmo – e pela vingança em um objeto substituto: “ao transitar da passividade da

mostra que, quatro anos antes da publicação do livro de Anna Freud sobre “Os mecanismos de defesa do ego” (1936), Ferenczi já procurava entender manifestações transferenciais de extrema submissão e formulava a noção de identificação com o agressor. Assim, em 1932, apresentou seu último trabalho, intitulado “As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança” no XII Congresso Internacional de Wiesbaden que, em 1933, ano de sua morte, foi publicado com um novo título: “Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)”.

Os problemas clínicos com os quais Ferenczi se deparou na última fase, principalmente aqueles que se referem à repetição do trauma nas sessões de análise, além de terem sido responsáveis por incentivar as referidas modificações técnicas, também indicam o caminho percorrido para a formulação do conceito de identificação com o agressor. Os fatos encarados por Ferenczi eram os seguintes:

O efeito do choque da interrupção brutal da sessão de análise obrigou-me, por mais de uma vez, a prolongar a sessão até esgotar-se a reação emotiva, ao ponto de dedicar ao mesmo paciente duas sessões por dia ou mais<sup>8</sup>. Frequentemente, quando eu não queria ou não podia fazê-lo, a minha rigidez provocava um aumento supérfluo da resistência e uma repetição demasiado literal de acontecimentos traumáticos da pré-história infantil, e custava muito tempo para superar metade dos efeitos nefastos dessa identificação inconsciente no paciente. (Ferenczi, 1930[1929]/1992, p.58)

Apesar de não ficar claro, na citação acima, a que tipo de identificação inconsciente o autor estaria se referindo, podemos inferir a idéia de uma regressão ao infantil, de uma identificação por parte do paciente com a criança que era à época do traumatismo, ao mesmo tempo em que o analista é colocado no lugar do agente original do trauma, ocupando uma posição de autoridade. Através dessas constatações clínicas, depreendemos que, três anos antes da elaboração da noção de identificação com o agressor, Ferenczi já estava às voltas com o fenômeno da repetição traumática nas sessões, relacionada ao mecanismo da identificação. Essa problemática continuou sendo desenvolvida, como podemos observar no próximo trecho:

---

experiência para a atividade da brincadeira, a criança aplica aos seus companheiros de jogo a ocorrência desagradável que recaiu nela e, assim, se desforra por procuração" (p.83). A patologia sobrevém quando a criança não consegue ultrapassar esse estágio e continua sempre dirigindo a agressão para o outro (projetando), atacando-o com tanta severidade quanto faria seu superego consigo mesma caso as críticas e agressões houvessem sido internalizadas.

<sup>8</sup> A regulação do tempo e do número de sessões de acordo com o estado psíquico do paciente são expedientes clínicos que indicam o quanto a adaptação da técnica era considerada essencial, para Ferenczi, no tratamento de pacientes traumatizados.

A repetição encorajada pela análise tinha sido *excessivamente bem sucedida*. Podia-se constatar, sem dúvida, uma sensível melhora de certos sintomas; em contrapartida, porém, os pacientes começavam a queixar-se de estados de angústia noturna e sofriam mesmo de pesadelos horríveis; cada sessão de análise degenerava numa crise de angústia histérica. (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.98, itálicos do autor)

Diante desse impasse clínico, o autor relata que sua primeira hipótese foi a de que as repetições incessantes seriam reflexos das resistências subjacentes a um forte recalçamento, o qual só poderia ser desfeito por etapas, deixando que o paciente passasse várias vezes pela mesma situação de angústia. No entanto, após um período extenso de observação, suficiente para que constatasse a ineficácia de sua teoria, Ferenczi questionou novamente suas intervenções clínicas. Primeiro, procurou entender determinadas atitudes desses pacientes durante as sessões de análise, pois apesar de serem extremamente obedientes e demonstrarem aceitar suas interpretações, havia momentos de explosão de raiva que o surpreendiam e, durante os quais, ele era acusado de ser insensível e cruel. A partir dessa observação, concluiu que estava diante da seguinte conjuntura: apesar da transferência extremamente positiva e do empenho no tratamento, os pacientes também eram capazes de perceber que cada sessão os conduzia a crises cada vez piores e, por causa disso, sentiam ódio do analista. Ferenczi compreendeu que, por trás da docilidade e da transferência positiva havia um estado de extrema passividade, que os obrigava a permanecer submissos à sua autoridade e à dor que lhes era infligida pelo tratamento, em um movimento de identificação inconsciente com o analista.

Alguns anos antes, Ferenczi já havia concluído que as crises que ocorriam durante as sessões de análise eram impossíveis de controlar através do uso da autoridade ou de qualquer intervenção de relaxamento, considerando que a única saída eficiente consistia em tratar o paciente como uma criança:

vi-me pouco a pouco na obrigação de reduzir cada vez mais as exigências quanto à capacidade de trabalho dos pacientes.... deve-se deixar, durante algum tempo, o paciente agir como uma criança.... Por esse *laisser-faire* permite-se a tais pacientes desfrutar pela primeira vez a irresponsabilidade da infância, o que equivale a introduzir impulsos *positivos* de vida e razões para se continuar existindo. (Ferenczi, 1929, p.51, itálicos do autor)

Para interromper o ciclo de submissão que constatou nesses pacientes, Ferenczi também apostou na atitude do analista e na relação de confiança que deveria ser estabelecida no *setting* como elementos fundamentais. Nesse sentido, acreditava que somente a profunda autenticidade e a abertura do analista para a escuta das críticas e para o reconhecimento de seus erros poderiam conquistar a confiança do paciente:

a capacidade de admitir os nossos erros e de renunciar a eles, a autorização das críticas, fazemos ganhar a confiança do paciente. *Essa confiança é aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico.* Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatória mas como lembrança objetiva. (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.100, itálicos do autor)

Em caso contrário, a insensibilidade do analista, camuflada sob a capa da neutralidade, pode empurrar o analisando em direção à reprodução do trauma na transferência, trazendo o risco de uma retraumatização *pela própria análise.* Ao se deparar com a frieza do analista, a única saída encontrada pelo paciente é a revivescência do momento traumático – no qual não teve a quem recorrer e precisou clivar seu psiquismo para suportar o medo – que se manifesta como uma forte crise de angústia ou dissociação: “Não surpreende que o paciente não possa fazer outra coisa senão repetir exatamente, como quando da instalação da doença, a formação dos sintomas desencadeados por comoção psíquica.” (Ferenczi, 1933/1992, p.101). Apesar da revivescência do momento traumático ser considerada desejável para a cura dos sintomas e indicar a ab-reação de uma grande quantidade de afetos inconscientes, na experiência de Ferenczi não conduziram a um desfecho satisfatório:

A situação analítica, essa fria reserva, a hipocrisia profissional e a antipatia a respeito do paciente que se dissimula por trás dela, e que o doente sente com todos os seus membros, não difere essencialmente do estado de coisas que outrora, ou seja, na infância, o fez adoecer. Nesse momento da situação analítica, se forçássemos, além disso, o doente à reprodução do trauma, o estado de fato tornar-se ia insuportável; não deve surpreender que a reprodução não tenha podido ter um resultado diferente, nem melhor, do que o próprio trauma primitivo. (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.100)

Após implementar mudanças em sua postura como analista e na própria condução do tratamento, Ferenczi observou que os momentos de maior descontrole tinham sido atenuados e, mesmo que ainda ocorressem, não acarretavam mais um desequilíbrio psíquico tão danoso quanto antes aos pacientes. Admitindo seus erros, sendo sincero e empenhando-se em uma atitude maternal, conseguiu atingir seus principais objetivos: fazer com que seus pacientes pudessem confiar novamente em um adulto e diminuir a *retraumatização* durante a análise. A rigor, ao afirmar que o paciente severamente traumatizado, nos momentos de crise, é “como uma criança que não é mais sensível ao raciocínio mas, no máximo, à benevolência (*Freundlichkeit*) materna” (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.101), Ferenczi estava insistindo na necessidade de que o analista mantivesse um contato emocional genuíno com o paciente traumatizado. A linguagem, o tom de voz, o vocabulário, o ritmo da fala e a

postura corporal do analista deveriam se adaptar ao estado regredido do paciente<sup>9</sup> (Kahtuni & Sanches, 2009).

Esse expediente clínico, que nos remete à cena de uma mãe acolhendo seu filho e ao qual o Ferenczi (1933[1932]) atribuiu a qualidade de “relação mais íntima com o paciente” (p.101), ajudou a confirmar sua hipótese do traumatismo sexual como principal fator patogênico, pois quando se sentiam realmente seguros, esses pacientes acabavam relatando, com muita emoção, os abusos sexuais ocorridos na infância.

### 1.3 Reações à teoria do trauma ferencziana

Autores contemporâneos interpretam as formulações do artigo “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933[1932]) como mito ou metáfora sobre a sedução (Pinheiro, 1998; Vertzman, 2008), como podemos ver na citação a seguir: “Ferenczi constrói um mito que terá por eixo a violência sexual de um adulto sobre uma criança.... A historinha contada por Ferenczi” (Pinheiro, 1998, p.52). Julgam sua abordagem do traumatismo sexual como uma retomada ingênua da teoria da sedução de Freud que desconsiderou os avanços proporcionados pela noção de realidade psíquica à psicanálise (Pinheiro, 1995).

Ecossignificativos entre as observações de Ferenczi e nossa prática clínica levaram-nos a relevar tais críticas. Com relação ao primeiro apontamento, entendemos que sua argumentação é bastante clara no sentido de que desejava demonstrar uma realidade de sua clínica, não havendo indício algum em seu texto de que sua intenção fosse forjar um mito para sua teoria do trauma. Se Freud, na “Carta 69” (1897b), justificara o abandono da teoria da sedução relativamente à etiologia da histeria e a ênfase na realidade psíquica através da improbabilidade estatística de que houvesse tantos perversos em torno das crianças, Ferenczi (1933[1932]) constatou o oposto através de sua experiência clínica e foi categórico ao afirmar que “a objeção, a saber, que se trataria de fantasias da própria criança, ou seja, mentiras históricas, perde lamentavelmente sua força, em consequência do número de pacientes, em análise, que confessavam ter mantido relações sexuais com crianças” (p.101).

---

<sup>9</sup> Tal conduta era justificada pela suposição de uma severa clivagem da personalidade, tema que será analisado detalhadamente no subitem 2.2.



É verdade que Ferenczi se esforçou para demonstrar as repercussões da negligência imputada ao fator traumático na etiologia das neuroses, alertando para o perigo decorrente desse descuido nas análises: “o de se recorrer a explicações apressadas, invocando a predisposição e a constituição” (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.97)<sup>10</sup>. A leitura rigorosa do texto ferencziano nos leva a afirmar que essa empreitada para revalorizar a realidade factual não implicou a desconsideração dos desenvolvimentos freudianos sobre a realidade psíquica, tal como afirma Pinheiro (1995) na segunda crítica apresentada. Fica claro que Ferenczi não estava realizando uma “retomada ingênua” da teoria da sedução freudiana e que não perdeu de vista o Complexo de Édipo e as fantasias. Pelo contrário, suas elaborações delineiam os desdobramentos desses elementos cruciais para a constituição psíquica infantil em condições desfavoráveis, ou seja, quando a criança se depara com um adulto perverso:

as crianças, quase todas sem exceção, brincam com a idéia de ocupar o lugar do progenitor do mesmo sexo, para tornar-se o cônjuge do sexo oposto, isto, sublinhe-se, apenas em imaginação. Na realidade elas não queriam, nem poderiam dispensar a ternura, sobretudo a ternura materna. Se, no momento dessa fase de ternura, se impõe à criança mais amor, ou um amor diferente do que elas desejam, isso pode acarretar as mesmas consequências patogênicas que a privação de amor até aqui invocada<sup>11</sup>. (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.103)

Essas idéias incomodavam grande parte da sociedade psicanalítica da época e também contrariaram Freud, que chegou a adverti-lo para que não as publicasse (Kahtuni & Sanches, 2009). Em meio a tantas polêmicas, Ferenczi teve coragem para reconhecer os traumatismos precoces causados por violências sexuais, muitas vezes intrafamiliares, chamando atenção para o fato de que a importância do Complexo de Édipo não deveria excluir o reconhecimento das perversões efetivas dos adultos. O trecho seguinte ilustra sua percepção sobre o papel das fantasias edípicas da criança, como poderiam servir para preparar o caminho do adulto perverso e facilitar sua aproximação:

As seduções incestuosas produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar o papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica (sic) mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com os adultos se tiverem tendências psicopatológicas, sobretudo se seu equilíbrio ou seu autodomínio foram perturbados por algum infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou substâncias tóxicas. Confundem as brincadeiras infantis com os desejos de

<sup>10</sup> Kupermann (2008) explica que o trauma em Ferenczi não é decorrência da estruturação do psiquismo, mas “um efeito devastador de uma não adaptação do ambiente.... aos delicados processos envolvidos na constituição subjetiva da criança.” (p.149).

<sup>11</sup> O autor refere-se, provavelmente, a alguns textos desse mesmo volume, tais como “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929) e “Análise de crianças com adultos” (1931), nos quais aborda os efeitos da falta de amor para o psiquismo infantil

uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências. São freqüentes os verdadeiros estupros de meninas que mal saíram da primeira infância, relações sexuais de mulheres maduras com adolescentes, assim como atos sexuais impostos, de caráter homossexual. (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.101-102).

Nesse sentido, os estudos de Ferenczi sobre o traumatismo resultante da sedução abriram caminho para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual sobre a criança. Cromberg (2004) também destaca como o grande mérito de Ferenczi o fato de ter conseguido realocar na teoria psicanalítica “a compreensão dos efeitos psíquicos do sofrimento causado pelos incestos que aconteciam verdadeiramente” (p.38) e alertado que o conhecimento psicanalítico sobre as vicissitudes do Édipo na criança não deve excluir a realidade das violências homo ou heterossexuais, frequentemente intrafamiliares. Aliás, o tom dos relatos de Ferenczi sobre o perfil dos adultos abusadores e o contexto insuspeito da violência sexual infantil mostra-se plenamente condizente com as pesquisas atuais, as quais informam que 75% das vítimas conhecem seus agressores, sendo quase a metade deles pertencente ao círculo familiar da criança (Fuks, 2006). Assim, se não tivéssemos acesso à fonte da citação abaixo, poderíamos pensar que ela busca retratar a realidade cruel que veio à tona em nosso país após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Mesmo crianças pertencentes a famílias respeitáveis e de tradição puritana são, com mais frequência do que se ousaria pensar, vítimas de violências e de estupros. São ora os próprios pais que buscam um substituto para suas insatisfações dessa maneira patológica, ora pessoas de confiança, membros da mesma família (tios, tias, avós), os preceptores ou o pessoal doméstico que abusam da ignorância e da inocência das crianças. (Ferenczi, 1933[1932]/ 1992 , p.101).

Essas e outras afirmações ratificam a grande importância histórica desse último trabalho de Ferenczi. Naquela época, arriscou sua reputação no meio psicanalítico – já desgastada devido às suas extravagâncias técnicas – ao sustentar, categoricamente, o que já vinha apresentando em outros trabalhos: um retorno à primazia do traumático. Afinal, em sua experiência, o traumatismo não era apenas o resultado de uma hipersensibilidade constitucional da criança, mas uma consequência do choque entre a ternura da criança e as respostas passionais ou perversas do adulto. Em 1932, confirmou aquilo que, desde 1930, vinha anunciando:

após ter dado toda a atenção devida à atividade fantasística como fator patogênico, fui levado, nestes últimos tempos, a ocupar-me cada vez com maior frequência do próprio traumatismo patogênico. Verificou-se que o traumatismo é muito menos frequentemente a consequência de uma hipersensibilidade constitucional das crianças, que podem reagir de um modo neurótico até

mesmo a doses de desprazer banais e inevitáveis, do que um tratamento verdadeiramente inadequado, até cruel.... Hoje, estou de novo tentado a atribuir, ao lado do complexo de Édipo das crianças, *uma importância maior à tendência incestuosa dos adultos, recalcada e que assume a máscara da ternura.* (Ferenczi, 1930[1929]/1992, p.64, itálicos do autor)

Assim, a grande contribuição da qual poderíamos tirar efetivo proveito encontra-se justamente nas elaborações de Ferenczi sobre o trauma, pois ao focar os efeitos da sexualidade do adulto sobre a criança, ele traz à tona o papel do outro na constituição do psiquismo infantil e as formas pelas quais a sexualidade pode chegar à criança – oportunidade desperdiçada por Freud, quando abandonou sua primeira teoria da sedução<sup>12</sup>.

#### 1.4 O traumatismo sexual e a culpa introjetada

Se, nos primórdios da existência, a sexualidade infantil tipicamente pré-genital, vivenciada no nível da fantasia e dos jogos, recebe como resposta a sexualidade genital do adulto, o processo de desenvolvimento psicosexual tende a ser paralisado: “desse encontro nefasto entre o desejo edipiano e a invasão do desejo perverso do adulto só brotará angústia.... A função simbólica do Édipo, qual seja, a de domínio psíquico, que, com a ameaça de castração, viria sancionar a interdição do incesto, está cancelada” (França, 2010, p.167). Trata-se de uma excitação excessiva e inesperada para o corpo e o psiquismo da criança, despreparados para tais sensações. Essa é a “confusão de língua” mencionada no título do artigo: o encontro da ternura infantil (a sexualidade pré-genital e lúdica) com a paixão do adulto (a sexualidade genital), que pode ir da estimulação erótica precoce e excessiva do corpo infantil até o abuso sexual propriamente dito. Mais do que isso, as fantasias inconscientes de sedução em relação ao adulto, próprias do complexo de Édipo, tendem a se confundir com a realidade, provocando um grande sentimento de culpa na criança vítima de violência. Acontece que a onipotência característica de seu psiquismo faz com que a criança acredite que,

---

<sup>12</sup> Temos que reconhecer que tanto Freud quanto Ferenczi acabaram se atendo aos extremos da sedução, como se ela precisasse ser, necessariamente, mito *ou* verdade. Este ponto foi retomado por Jean Laplanche, que considerou o artigo de Ferenczi sobre a confusão de língua como um prefácio à sua teoria da sedução generalizada, avançando justamente por matizar a sedução considerando-a mito e verdade.

se recebeu aquilo que desejou e foi capaz de provocar o desejo do adulto, agora deve merecer também sofrer as consequências.

Para Ferenczi (1933[1932]), a culpa nos casos de traumatismos sexuais é justamente o resultado da introjeção do sentimento de culpa do adulto agressor e da desconfiança da criança com relação a seus próprios desejos e percepções. O adulto agressor, ao agir com remorso e grosseria, confunde ainda mais os sentimentos da criança, fazendo com que ela se sinta responsável pela falta que ele cometeu. O sentimento de culpa do adulto<sup>13</sup>, componente da *linguagem da paixão*, é capaz de reforçar ainda mais o silêncio sobre a violência ocorrida ao ser introjetado pela criança. Para Ferenczi, a introjeção da culpa também explica porque as crianças se tornam completamente incapazes de reagir ou de se defender frente ao desprazer, permanecendo sempre passivas e obedecendo mecanicamente durante a agressão. Esse assujeitamento silencioso frente à violência persiste na idade adulta, imprimindo a marca da compulsão à repetição nos relacionamentos amorosos e na vida sexual. Além disso, Cromberg (2004), em seu livro “Cena incestuosa”, nos explica que a culpa do adulto é

tão intolerável quanto o ato sexual em si, participa do traumático tanto quanto o ato sexual e é ela que culpabiliza a criança em seus fantasmas sexuais porque é a culpa do agressor que ressignifica estas fantasias como eróticas, agora na linguagem da paixão adulta. (p.181)

No que diz respeito às consequências do traumatismo sexual, Ferenczi abre um leque bastante variado, citando as neuroses, perversões e psicoses como patologias possíveis que parecem possuir como termo comum a submissão e a passividade diante das agressões:

A criança de quem se abusou converte-se num ser que obedece mecanicamente, ou que se fixa numa atitude obstinada; mas não pode mais explicar as razões dessa atitude. Sua vida sexual não se desenvolve ou assume formas perversas; não falarei aqui das neuroses e psicoses que podem resultar disso.... Levar-nos-ia muito longe falar aqui de todas as neuroses e das

---

<sup>13</sup> Parece controverso, de acordo com o que estudamos atualmente a respeito dos pedófilos e perversos, que os adultos sedutores sentissem culpa. Contudo, pela descrição feita por Ferenczi (1933[1932]), não podemos dizer que ele estava se referindo, necessariamente, a adultos perversos. Sua teorização cita adultos com “tendências psicopatológicas”, cujo equilíbrio psíquico e autocontrole “foram perturbados por algum infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou substâncias tóxicas” (p.101) e que “confundem as brincadeiras sexuais infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências” (p.102). Além do mais, Ferenczi ainda menciona uma suposta moralidade e culpa, ao afirmar que “após tal evento, não é raro ver o sedutor aderir estreitamente a uma rígida moral ou a princípios religiosos, esforçando-se por meio dessa severidade em salvar a alma da criança” (p.103). Aproximamo-nos aqui da idéia de que atos perversos em que observamos aparente frieza, ausência de culpa, vergonha ou arrependimento podem ocultar um superego extremamente sádico, cruel e persecutório que precisa ser projetado, totalmente externalizado, provocando a impressão de que inexistente (Kahtuni & Sanches, 2009).

consequências caracterológicas que podem resultar do enxerto prematuro de formas de amor passional. (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.103)

Ao longo do texto, o autor concentra sua atenção nesse elemento comum, ou seja, na fixação a uma atitude de passividade. Apesar de fazer alguns apontamentos a respeito das sintomatologias subseqüentes ao abuso sexual, considerou mais importante, do ponto de vista científico, ater-se à descrição de uma hipótese metapsicológica que fornecesse elementos para a compreensão das atitudes transferenciais de seus pacientes. Assim, descreveu dois modos de adaptação do indivíduo às situações traumáticas: autoplástico e aloplástico. O modo *aloplástico* consiste em uma “transformação do mundo exterior, de modo a... permitir ao ego manter sem modificações seu estado de equilíbrio preexistente e sua organização. Uma condição prévia para isso é um sentido de realidade altamente desenvolvido” (Ferenczi, 1930[1929]/1992, pp.239-240). Assim, no caso de crianças que passam por situações potencialmente traumáticas, quanto mais força egóica e idade, maior a chance de que sejam capazes de modificar as condições ambientais para se defenderem do agressor. Em caso contrário, entra em ação a reação *autoplástica* ao evento traumático – na qual o ego modifica a si próprio, acarretando uma destruição da integridade psíquica, em um processo de autodilaceração que implica clivagem, fragmentação e, em casos extremos, suicídio:

*a personalidade ainda fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e a introjeção daquele que ameaça e agride. Só agora compreendo porque meus pacientes se recusam, tão obstinadamente, a seguir-me quando os aconselho a reagir ao agravo sofrido com desprazer, como seria de esperar, com ódio ou com defesa. Uma parte da personalidade deles, o seu próprio núcleo, permaneceu fixado num certo momento e num certo nível, onde as reações aloplásticas ainda eram impossíveis e onde, por uma espécie de mimetismo, reage-se de maneira autoplástica. Chega-se assim a uma forma de personalidade feita unicamente de id e superego, e que, por conseguinte, é incapaz de se afirmar em caso de desprazer. (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.103, itálicos do autor)*

É importante ressaltar a observação de Ferenczi de que a identificação com o agressor não é caracterizada como um mecanismo de defesa<sup>14</sup>, fato que se deve à fragilidade egóica e ao fator surpresa de uma situação em que não há meios eficazes para se proteger. A saída encontrada é tornar o agressor intrapsíquico, fazendo com que deixe de ser um outro e, assim, possa ser submetido ao processo primário e modelado segundo o princípio do prazer, em um processo que resulta na minimização

<sup>14</sup> Falamos aqui do mecanismo de defesa do ego, no sentido de processo defensivo característico da neurose. No entanto, é necessário esclarecer que o termo mecanismo de defesa também foi empregado por Freud, em alguns momentos, para descrever a utilização defensiva dos destinos pulsionais (transformação no seu contrário, retorno sobre si mesmo) (Laplanche & Pontalis, 1975).

da ameaça externa e na clivagem do próprio ego. Assim, tem início a descrição da identificação com o agressor: quando o medo diante da autoridade do adulto provoca uma perda de consciência que paralisa as reações normais de repulsa ou resistência à agressão e impossibilita o recurso a qualquer tipo de defesa contra o desprazer. Em um texto anterior, Ferenczi descreve o processo psíquico decorrente de um traumatismo:

Parece que *a primeira reação a um choque é sempre uma psicose passageira*, ou seja, uma ruptura com a realidade, por um lado sob a forma de alucinação negativa (perda de consciência ou desmaio histérico, vertigem), por outro, com frequência, sob a forma de uma compensação alucinatória positiva imediata que dá a ilusão de prazer (Ferenczi, 1930[1929]/1992, p.64-65, itálicos do autor)

Permanece ainda a dúvida: estaria Ferenczi se referindo a uma perda de consciência temporária ou a uma *perda efetiva de partes do ego*, instância considerada responsável pelo contato com a realidade? A primeira hipótese encontra respaldo no trecho imediatamente anterior, pois o autor nos fala sobre uma perda de contato passageira com a realidade. Já a segunda suposição pode ser inferida da idéia de Ferenczi exposta na penúltima citação, na qual afirma que, quando o psiquismo é incapaz de reagir diante do desprazer, o impacto provocado pelo trauma força o ego a *modificar* a si próprio, produzindo aquela forma de personalidade composta apenas por id e superego. Para Uchitel (2001), esse resultado constitui uma formação psíquica que implica a destruição parcial ou total do ego precedente.

Apesar de não encontrarmos a resposta metapsicológica satisfatória para essa questão no texto de Ferenczi, ficamos com a pista de que essa nova configuração psíquica estabelecida pela identificação com o agressor manifesta-se através: 1) do comportamento de submissão e obediência, que visa garantir a própria sobrevivência quando não há saídas para a situação de abuso; 2) da perda de consciência, semelhante a um transe, que é o meio encontrado para restabelecer a calma anterior e 3) do aumento do sentimento de culpa. Mais alguns elementos essenciais sobre a teorização sobre a identificação com o agressor vão nos acompanhar ao longo da dissertação: o ciclo de *submissão*, a *clivagem* e a *repetição* do trauma, fatores localizados por Ferenczi no contexto específico de uma situação insuportável, caracterizada pelos sentimentos de abandono e solidão provocados pelo *desmentido*.

## 1.5 O desmentido

A noção de desmentido<sup>15</sup> é crucial para a compreensão da identificação com o agressor e constitui o ponto mais original da teoria do trauma de Ferenczi, marcando presença de forma consistente nos textos de sua última fase. Trata-se da negação da realidade do evento traumático, *não pela própria criança*, mas pelos adultos à sua volta, que dão mostras de uma profunda falta de compreensão de seu sofrimento. Assim, o trauma em Ferenczi se configura no psiquismo quando, após o evento traumático, a criança tenta relatá-lo a um adulto de sua confiança, mas é desacreditada, levada a negar suas próprias sensações corporais, a desvalorizar o ocorrido e fingir que nada aconteceu. A consequência direta do desmentido é justamente a interferência na capacidade da criança em reconhecer como reais suas próprias sensações corporais e percepções. Nessa direção, ao apontar essa dificuldade de contato com a realidade interna e externa desencadeada no indivíduo traumatizado, Uchitel (2001) afirma que o desmentido “agride o processo de simbolização, coloca em dúvida o sentido de realidade, a sustentação do ego, a percepção e a organização psíquica” (p.123).

Em 1928, no artigo “A adaptação da família à criança”, a temática da insinceridade dos adultos em relação às crianças já se esboçava e sua vinculação com o traumático apareceu mais adiante, no artigo “Análises de crianças com adultos” (1931), como podemos observar no trecho a seguir: “o pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido.... é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico” (p.80). Assim, o desmentido é considerado peça essencial na teoria do trauma, mais decisivo do que a violência propriamente dita, pois a criança não conseguirá legitimar sua percepção da realidade e a inscrição psíquica da violência ficará dissociada da totalidade do ego. Em “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933[1932]), a

---

<sup>15</sup> Com relação à terminologia, Kahtuni e Sanches (2009) apontam que a expressão adotada na tradução do alemão para o português é *negação*, mas há uma tendência a utilizar o termo *desmentido*, com o intuito de diferenciar a noção ferencziana do mecanismo defensivo freudiano da *negação* (*Verneinung*). A *negação* freudiana consiste em não reconhecer um desejo, fantasia ou sentimento; trata-se de não tomar conhecimento de uma realidade interna ou externa que causa muita dor. O *desmentido* está mais próximo do termo alemão *Verleugnung*, que significa mentir e foi utilizado por Freud para descrever outro mecanismo, a *recusa*. Em Ferenczi, o termo é utilizado para relatar uma situação bastante específica, na qual um adulto nega a realidade ou a relevância de um evento traumático sofrido por uma criança.

grande solidão enfrentada na infância, época na qual o indivíduo procurou ajuda dos adultos e viu suas queixas serem repelidas como tolices, demarca o modo de transferência baseado na submissão, característico das análises dos traumatizados. Também no artigo póstumo “Reflexões sobre o trauma” (1934[1931-1932]), há uma nota que descreve a reação dos adultos e suas consequências para a criança:

*O comportamento dos adultos em relação à criança que sofreu o traumatismo faz parte do modo de ação psíquica do trauma. Eles dão, em geral, e num elevado grau, prova de incompreensão aparente. A criança é punida, o que, entre outras coisas, age também sobre a criança pela enorme injustiça que representa. A expressão húngara que serve para as crianças, “katonadolog” (a sorte do soldado) exige da criança um grau de heroísmo de que ela ainda não é capaz. Ou então os adultos reagem com um silêncio de morte que torna a criança tão ignorante quanto se lhe pede que seja. (Ferenczi, 1934[1931-1932]/1992, p.111, itálicos do autor).*

Essa falta de reconhecimento dos fatos por parte dos adultos acarreta o desenvolvimento, pela criança, de “um padrão de desenvolvimento deficitário de percepção da realidade que faz com que ela passe a duvidar também de seus próprios sentimentos penosos e ambivalentes” (Kahtuni & Sanches, 2009, p.119). Diante da negação perversa da realidade, a criança fica desamparada e confusa, impossibilitada de elaborar suas experiências de sofrimento, forçada a seguir pelo caminho da *clivagem egóica* e da *identificação com o agressor*. Considerando, por outro lado, a situação ideal, Ferenczi já indicara os efeitos benéficos de uma presença acolhedora após o evento traumatizante: “tem-se mesmo a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia nem seqüelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda sua compreensão, ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade” (Ferenczi, 1931/1992, p.79-80).

No esquema a seguir, tentamos expor didaticamente os elementos que, segundo Ferenczi, colaboram para a instalação do agressor no psiquismo infantil. A ordem na qual foram posicionados os elementos pode se alterar e, ainda, mais de um evento pode ocorrer ao mesmo tempo. Procuramos determinar as relações de causa, efeito ou interdependência, ressaltando que o processo de identificação com o agressor não acontece de forma linear.





Para finalizar esse capítulo, apresentamos um apanhado das principais questões levantadas sobre a noção de identificação com o agressor: levando em conta a especificidade do conceito de introjeção em Ferenczi, o que significa “introjetar a culpa” e “introjetar o agressor”? Ferenczi teria utilizado os termos introjeção e identificação como sinônimos? Quais as semelhanças da identificação com o agressor e do processo de identificação melancólica? Como funcionaria um psiquismo composto “unicamente por id e superego”? A noção de clivagem utilizada se insere na teorização freudiana ou seria um termo com particularidades no texto de Ferenczi? Qual a ação do superego na identificação com o agressor? E, por último, o que determinará que a identificação com o agressor dê origem a uma neurose, a uma psicose ou a uma perversão?

## CAPÍTULO 2: INTERFACES CONCEITUAIS

### 2.1 Identificação

Definir a noção de identificação é uma tarefa bastante complexa, principalmente se levarmos em conta que se trata de um termo que não pertence apenas à psicologia ou à psicanálise, mas também à filosofia e à linguagem cotidiana (Laplanche & Pontalis, 1975). Seu uso desorganizado foi constatado por Florence (1994), ao afirmar que em “todas as bocas, freudianas ou não, a identificação faz sucesso como noção que serve para tudo, em toda espécie de psicologia, em que é confundida com as noções de imitação, compreensão, empatia, projeção, etc., como se tudo fosse a mesma coisa” (Florence, 1994, p.118). De acordo com a definição mais básica e recorrente, o termo identificação designa um processo de assimilação ou apropriação de traços ou atributos que promove a constituição de um indivíduo. No entanto, na psicanálise freudiana propriamente, o sentido para a identificação não pode ser considerado unívoco, visto que foi se multiplicando em função do momento da teorização e da temática com a qual esta noção foi sendo articulada (Sedat, 1996). Mesmo com os diversos desenvolvimentos encontrados na obra psicanalítica freudiana, não houve uma elaboração sistematizada que tenha ordenado as diversas modalidades identificatórias (Laplanche & Pontalis, 1975).

Apesar desses entraves, conforme nos diz Ribeiro (2000), a noção de identificação marcou presença desde os primórdios do pensamento freudiano e sua precária consolidação metapsicológica não impediu que se constituísse como um dos principais alicerces da teoria psicanalítica. Reconhecida como peça fundamental para a elaboração de temas importantes, como a constituição do psiquismo, o vínculo social e a formação sintomática, foi, progressivamente, assumindo também uma posição central nas teorizações sobre a escolha objetal, o complexo de Édipo e seus efeitos estruturais. Além desses desenvolvimentos, a noção de identificação acompanhou as modificações realizadas na configuração das instâncias psíquicas a partir da segunda tópica, que passaram a ser diferenciadas entre si pelas identificações das quais derivam.

A retomada exaustiva do conceito de identificação na obra freudiana, além de ser uma empreitada que foge ao escopo desse trabalho de dissertação, é uma tarefa que foi satisfatoriamente realizada por outros autores, tais como Florence (1994), no livro “As identificações” e por Ribeiro (2000), em “O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária”, que serviram como guias em alguns momentos de nossa trajetória. Desse modo, sem perder de vista as limitações e, ao mesmo tempo, a grande amplitude de suas consequências teóricas, faremos uma breve revisão dos caminhos da identificação em Freud, apresentando as etapas de construção desta noção.

### 2.1.1 Primeiros contornos em Freud: a identificação histérica e a narcísica

Uma das primeiras aparições do termo na obra freudiana pode ser verificada no “Rascunho L” anexo à “Carta 61” (1897a), cuja temática focaliza a identificação como principal componente do sintoma histérico e responsável por provocar sentimentos de culpa e autocensura. Além de algumas observações clínicas sobre a identificação de adolescentes com suas empregadas domésticas, há uma pequena anotação com o título “Multiplicidade de pessoas psíquicas” e, abaixo dele, temos que “a existência da identificação talvez nos permita tomar *literalmente* essa expressão” (Freud, 1897a/2006, p. 298, itálicos do autor). Apesar de se tratar apenas de uma frase, a frequência com que é citada nos textos que tratam da identificação aponta para sua relevância teórica, ainda condensada nessa pequena nota. De forma embrionária, encontramos aí a idéia do ego como precipitado de identificações, a temática da clivagem egóica e ainda uma provável alusão à patologia da personalidade múltipla, abordada brevemente em “O ego e o id” (1923b).

Alguns anos depois, através da análise do sonho do salmão defumado<sup>16</sup>, a investigação dos sintomas e das características da histeria ajudou a elucidar ainda

---

<sup>16</sup> Sonho famoso na obra freudiana através do qual uma paciente tenta fazer objeções à teoria de que todo sonho é realização de desejo. No conteúdo manifesto do sonho, a paciente, esposa de um açougueiro, está muito constrangida diante de sua decisão de oferecer um jantar, visto que só dispunha de um pedaço muito pequeno de salmão defumado, o que a obrigou a desistir da idéia. No entanto, no conteúdo latente, trazido pelas associações da paciente, a motivação do sonho era o ciúme de uma amiga sua, muito magra, em relação a seu marido que, no entanto, apreciava mulheres mais “cheinhas” (como ela mesma). Antes do sonho, ela visitara essa amiga e conversavam sobre o desejo desta de

mais o papel da identificação: “ela permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não apenas suas próprias experiências, como também as de um grande número de pessoas” (Freud, 1900/1999, p.160). Nessa ocasião, Freud estabeleceu uma relação entre a imitação e a identificação histérica, esclarecendo que com o termo imitação pode-se entender apenas que o paciente copia um sintoma alheio que lhe desperta atenção “por solidariedade”. A identificação histérica, por sua vez, constitui o processo psíquico subjacente à imitação, fundamentando-se em uma “inferência inconsciente” (Freud, 1900/1999, p.160), ou seja, na percepção de um elemento comum capaz de justificar a produção do mesmo sintoma em si próprio. Essa inferência não é admitida na consciência devido a uma situação de conflito com outros conteúdos psíquicos e o resultado é a imitação histérica, muito comum, na época, entre as pacientes de um mesmo hospital. Assim, nas palavras de Freud: “a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma *assimilação* baseada numa pretensão etiológica semelhante; ela expressa uma analogia e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente” (Freud, 1900/1999, p.161, *italico do autor*). A análise a seguir nos ajuda a compreender um pouco mais sobre a dinâmica da identificação histérica e suas consequências para o psiquismo:

Não há sintoma que não seja motivado por um *romance*, quer dizer, um conjunto de relações entre personagens, entre uma pluralidade de personagens. A identificação neurótica é uma identificação romanesca, ela é um modo de pensar inconsciente que modifica o eu. O eu sofre os efeitos do desejo sexual que as pessoas que agem no romance histérico representam.... O eu se estilhaça, fica maleável e sujeito à corvéia, paixão do outro, do múltiplo, da libido inconsciente – marionete de um drama cujos verdadeiros motivos não se pode chegar a adivinhar a não ser seguindo o jogo das identificações. Estas conduzem a um “romance” representativo das pulsões e das defesas inconscientes. Jogo duplo que autoriza o romanesco, jogo dramático, uma vez que o desejo se põe em cena, difratado em uma série de personagens de empréstimo, de aspectos contraditórios. (Florence, 1994, pp.118-119, *italicos do autor*)

Nesse sentido, é preciso considerar que não basta simplesmente existir um elemento comum para que se estruture uma formação sintomática, pois, além disso, a identificação histérica, a inferência inconsciente desse elemento, está a serviço de *moções de desejo* contraditórias e ambivalentes, na qual o sintoma representa, simultaneamente, “algum traço da pessoa amada e do rival, imita a realização de desejo do homem e da mulher, a atividade e a passividade” (Florence, 1994, p.119).

---

engordar. Freud interpretou, dentre outras coisas, que o sonho de sua paciente expressava seu desejo de que o desejo da amiga nunca se realizasse, para que ela não fosse atraente aos olhos de seu marido: “ela se colocara no lugar da amiga, ou, poderíamos dizer, que se ‘identificara’ com a amiga” (Freud, 1900/2006, p.160). A partir dessa análise, Freud estabeleceu uma analogia entre a formação onírica e a constituição do sintoma histérico.

Continuando nosso percurso e seguindo a ordem cronológica dos textos freudianos, passaremos para a articulação teórica entre a identificação e as noções de escolha objetal e recalçamento, analisada no texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910), no qual Freud interpretou a homossexualidade do artista como resultante de uma ampla e complexa transformação psíquica:

o amor da criança não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. (p.106)

Leonardo da Vinci, ao procurar como parceiros garotos bem jovens, buscava a imagem daquilo que ele mesmo havia sido na infância para sua mãe e amava a si mesmo em seus objetos de amor, tal como sua mãe o amou. A identificação com a mãe possibilitou ainda que pudesse recalcar a mãe da realidade – extremamente sedutora, segundo os historiadores – e, ao mesmo tempo, conservar, através das novas ligações amorosas, o vínculo incestuoso primitivo no inconsciente. Em termos econômicos, com o recalçamento do amor de objeto, ocorreu uma conversão da libido objetal em libido narcísica<sup>17</sup>.

O passo seguinte na teorização da identificação foi em “Totem e tabu” (1913 [1912-1913]), livro em que Freud se debruçou sobre as origens mais remotas da religião e da moralidade: os rituais mágicos, os tabus, o totemismo e o animismo. Aqui, a análise dos povos selvagens remanescentes e “das relíquias de seu modo de pensar que sobrevivem em nossas maneiras e costumes” (p.21) é realizada através de comparações com o psiquismo infantil e com o funcionamento neurótico. Sem desconsiderar a riqueza de detalhes e a abrangência temática desse livro para a psicanálise, nosso foco se dirigiu especificamente para a nova abordagem da identificação, apresentada como elemento organizador e principal mola impulsionadora do processo civilizatório:

Cada um dos irmãos que se tinham agrupado com o propósito de matar o pai estava inspirado pelo desejo de tornar-se semelhante a ele e dera expressão ao mesmo *incorporando partes do representante paterno* na refeição totêmica. Entretanto, em consequência da pressão exercida sobre cada participante pelo clã fraterno como um todo, esse desejo não pôde ser realizado. De futuro, ninguém poderia nem tentaria atingir o poder supremo do pai, ainda que isso fosse o

---

<sup>17</sup> Freud irá avançar um pouco mais nesse raciocínio quando, em “Luto e melancolia” (1917[1915]), aponta para a necessidade de estudos mais aprofundados sobre a temática da identificação e procura diferenciar a identificação narcísica da histérica: “ao passo que na primeira a catexia objetal é abandonada, na segunda persiste e manifesta sua influência, embora isso em geral esteja confinado a certas ações e inervações isoladas [conversões histéricas e sintomas neuróticos resultantes da formação de compromisso entre as partes do conflito psíquico]” (p.256).

objetivo pelo qual todos tinham-se empenhado. Assim, após um longo lapso de tempo, o azedume contra o pai, que os havia impulsionado à ação, tornou-se menor e a saudade dele aumentou, tornando-se possível surgir *um ideal que corporificava o poder ilimitado do pai* primevo contra quem haviam lutado, assim como a disposição de submeter-se a ele. (Freud, 1913 [1912-1913]/2006, p.151, *itálicos nossos*)

A aquisição da identidade – a individualização e a inscrição em determinada cadeia geracional por meio de um nome – e a possibilidade de socialização com seus semelhantes (trocas lingüísticas, econômicas e sexuais) exigiram do indivíduo primitivo o recalçamento do desejo incestuoso e do canibalismo. O recalçamento desses desejos primários, por sua vez, resultou da identificação engendrada pelo luto e pela renúncia a uma relação pulsional ambivalente com o objeto edipiano, o pai da horda primitiva (Florence, 1994). Nas palavras de Freud, quando esse processo ocorre, significa que “a atitude ambivalente para com o pai encontrou nela [na identificação] uma expressão plástica e assim também a vitória das emoções afetuosas do filho sobre as hostis” (Freud, 1913 [1912-1913]/2006, p.152). Em resumo, os pontos de contato mais importantes entre a identificação e o totemismo são os seguintes: o recalque do incesto e do canibalismo através da identificação são condições para que o indivíduo adquira uma identidade; a identificação com o totem garante a individualização e a socialização; a transformação do pai morto em totem (em ideal) instala-o, retroativamente, como autor da lei e como ideal.

A identificação com o totem é, por conseguinte, uma “identificação resolutiva, simbolização ativa e lúdica da ambivalência, sublimação do Édipo” (Florence, 1994, p.129), que altera a relação com o pai real, permitindo ultrapassar a rivalidade rancorosa e a colagem homossexual. A identificação histórica e a homossexual, por sua vez, conservam a ambivalência e a relação incestuosa, falhando justamente na elaboração do luto do objeto edipiano e na renúncia à ambivalência pulsional proporcionadas pela identificação ou apropriação de um traço paterno ou ideal. Assim, a consequência da formulação freudiana de “Totem e tabu” (1913 [1912-1913]), que abordou a constituição do psiquismo e a resolução do complexo de Édipo, a partir da organização mítica da horda primitiva, consiste em que

a relação dos irmãos com o ideal (o Pai morto) os faz, cada um deles, virtualmente pai.... Esta ligação com um mesmo ideal sustenta a identificação dos sujeitos entre si, como membros de uma comunidade que se funda sobre a lei paterna. O ideal substitui o objeto da ambivalência: essa mutação ocorre junto com o reconhecimento de que o pai está morto. É um trabalho assim que não se atinge na neurose, na qual só os sintomas anunciam, de maneira velada, a saída impossível das fixações edipianas. (Florence, 1994, p.130)

Nessa concepção, a criança foi capaz de abandonar uma fase de equivalência entre o investimento objetal e a identificação em troca do processo identificatório subsequente ao desinvestimento dos objetos parentais, renunciando à posição ambivalente e agressiva, calcada na onipotência infantil, para identificar-se com algo que representa simbolicamente o ideal parental<sup>18</sup>.

Tendo em vista as teorizações de “Totem e tabu” (1913[1912-1913]), é conveniente definir a noção de incorporação, abordada inicialmente na obra freudiana a partir da metáfora da refeição totêmica e, depois, transposta para o desenvolvimento psíquico. No mito da horda primeva, a “ingestão” do pai pelos filhos é responsável por promover a incorporação do pai, ato repetido nas cerimônias e datas especiais nas quais é permitido comer o animal totem que representa o pai com o objetivo de reforçar a identificação. Em 1915, com um acréscimo à terceira edição dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud assimilou o mecanismo de incorporação na descrição do desenvolvimento psicosssexual:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca*. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante. (p.187, itálicos do autor)

Essa importante nota foi escrita apenas alguns meses antes de “Luto e melancolia” (1917[1915]), artigo metapsicológico no qual encontramos um prosseguimento das idéias sobre a incorporação a partir de sua forte relação com a identificação narcísica. A incorporação é, então, designada como a forma de identificação mais antiga e primitiva, em oposição à identificação propriamente dita, presente em fases posteriores do desenvolvimento. No trecho em que enumera as pré-condições para a ocorrência da identificação narcísica, Freud aponta para a predominância do tipo narcisista de escolha objetal e para sua conexão com a incorporação:

A identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma – e uma forma expressa de maneira ambivalente – pela qual o ego escolhe um objeto. O ego deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o. (Freud, 1917 [1915]/2006, p.255).

Em termos sintéticos, Laplanche e Pontalis (1975) apontam três significações que podem ser encontradas na obra freudiana para o conceito de incorporação: a

<sup>18</sup> A temática da identificação como núcleo do ideal do ego, iniciada em Totem e tabu (1913[1912-13]) também foi desenvolvida em “A dissolução do complexo de Édipo” (1924b).

obtenção de prazer por fazer penetrar um objeto em si (atividade sexual típica da fase oral); a destruição desse objeto e a assimilação de suas qualidades para conservá-lo dentro de si, este último aspecto sendo o que efetivamente caracteriza a incorporação como o protótipo da identificação.

No entanto, o processo identificatório narcísico, típico da melancolia, não se resume à incorporação. Do ponto de vista econômico, ocorre que a libido desvinculada do objeto é redirecionada ao ego e serve ao estabelecimento de uma identificação com este objeto no próprio ego. Essa é a origem da qualidade *narcísista* atribuída por Freud, relacionada exatamente ao retrocesso da libido ao narcisismo original decorrente da substituição do amor objetual pela identificação<sup>19</sup>. A consequência típica desse processo é que o ego se cliva em uma parte sádica e em outra que passa a ser julgada e perseguida (que representa o objeto desinvestido) pela primeira, efetuando, com isso, uma importante divisão libidinal: “parte dela [da libido] retrocedeu à identificação, mas a outra parte, sob a influência do conflito devido à ‘ambivalência’, *foi levada de volta à etapa de sadismo que se acha mais próxima do conflito*” (Freud, 1917 [1915]/2006, p.257, itálicos nossos).

### 2.1.2 Os modelos identificatórios em Freud

Diante dessa exposição, a sistematização sugerida por Florence (1994) nos ajudou a organizar as idéias dispostas nas teorizações freudianas. Sua proposta é de que existem dois grandes modelos identificatórios – a identificação histórica e a identificação narcísica – que, além de abarcarem uma pluralidade de estruturas psíquicas, também são capazes de deslizar em um *continuum*, indo do normal ao patológico.

Assim, a *identificação histórica* é considerada responsável pela formação de sintomas e obedece à mesma lógica da identificação onírica ao expressar um desejo sexual recalcado que é “figurado regressivamente através das cenas do sonho e do

---

<sup>19</sup> O raciocínio no qual a identificação é considerada uma espécie de derivado do recalçamento ou do abandono do amor de objeto foi se tornando cada vez mais central e menos patologizante, atingindo seu ponto máximo em “O ego e o id” (1923b).



sintoma, a partir de elementos significantes extraídos dos ‘objetos’ dos desejos” (Florence, 1994, p.131). A *identificação narcísica*, por sua vez, consiste na transformação de uma relação de ter em uma relação de ser – em um movimento que desloca a libido que antes era investida nos objetos para dentro do próprio ego. A identificação narcísica pode ser subdividida em quatro tipos:

- a identificação narcísica propriamente dita é a mais primitiva, relaciona-se com o mecanismo de incorporação próprio da fase oral e é responsável por constituir o ego e suas divisões internas;
- a identificação da homossexualidade masculina, que determina o ego no que diz respeito à sua posição amorosa, está ligada ao recalçamento da relação incestuosa primitiva;
- a identificação totêmica ou simbólica consiste numa diferenciação egóica (que instaura o ideal do ego) formada pela introjeção do objeto ambivalente abandonado pelo indivíduo<sup>20</sup>;
- a identificação melancólica, capaz de reconduzir o indivíduo aos modos mais arcaicos da ambivalência, clivando o ego em uma parte sádica e em outra perseguida.

A dificuldade de estabelecer uma linha contínua para os termos que descrevem esses modelos identificatórios (a identificação histérica e a identificação narcísica) nas elaborações posteriores a 1917, fez com que Florence (1994) propusesse dois novos eixos. No primeiro, Freud desenvolve a temática da identificação a partir de análises sociológicas e antropológicas, que dão continuidade a “Totem e tabu” (1913[1912-13]), como pode ser visto nos seguintes artigos: “Psicologia das massas e análise do ego” (1921), “Mal-estar na civilização” (1930[1929]) e “Moisés e o monoteísmo” (1939[1934-1938]). O outro eixo está voltado para a problemática da estruturação do ego e de suas subestruturas, sendo representado principalmente por “Além do princípio do prazer” (1920), “O ego e o id” (1923b), “Inibição, sintoma e angústia” (1926[1925]) e “A divisão do ego nos processos de defesa” (1940[1938a]). Após termos seguido essa sugestão de leitura, verificamos que a problemática identificatória, principalmente no que diz respeito aos nossos questionamentos sobre a identificação com o agressor, é mais

---

<sup>20</sup> Florence (1994) afirma que a identificação totêmica é o resultado de todo um trabalho de luto que faz com que o eu seja o depositário dos objetos que a realidade obrigou a abandonar como objetos sexuais. Essa afirmação também esclarece que o grande problema do melancólico é que ele se recusa a fazer o luto desses objetos perdidos, idéia apresentada no artigo de André Green, “A mãe morta” (1988 [1980])

privilegiada em “Psicologia das massas e análise do ego” (1921)<sup>21</sup>, artigo que será abordado a seguir com maior detalhamento.

Em 1921, Freud propôs a investigação de um fato intrigante: a incrível modificação comportamental e psíquica sofrida pelo indivíduo “civilizado” ao fazer parte de um grupo. A noção de identificação – como processo responsável tanto pela constituição do ego e suas subestruturas, assim como pelos mais variados vínculos humanos, públicos e privados – apareceu como perspectiva privilegiada para essa investigação, por ser capaz de aproximar temas aparentemente muito diferentes como o comportamento dos grupos, o apaixonamento, a relação hipnótica e a transferência. O caminho parecia fecundo para abordar a problemática das modificações do caráter do indivíduo na multidão, mas, mesmo assim, Freud ponderou que as identificações ainda eram “processos insuficientemente conhecidos e difíceis de descrever” (Freud, 1921/2006, p. 114). Apesar disso, nessa ocasião realizou uma das exposições mais sistemáticas sobre o tema, apresentando três modalidades de identificação: a incorporação, a identificação regressiva e a identificação sem investimento sexual prévio.

Como vimos, as bases da noção de incorporação – como modalidade identificatória típica dos primeiros tempos edípicos – já haviam sido construídas entre 1913 e 1917. Em 1921, ao reforçar e rerepresentar a idéia de incorporação como um processo no qual “o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado” (Freud, 1921/2006, p.115), ou seja, como um processo composto por duas vertentes contrárias, Freud ressaltou a ambivalência como a peça chave para conectar as noções de incorporação e identificação: o indivíduo incorpora para possuir, mas também para destruir o objeto. A incorporação também foi fixada como a forma mais primitiva de laço emocional com um objeto.

O próximo passo foi o estabelecimento da distinção entre “ser” e “ter”, entre identificação e escolha objetual. Referindo-se ao Complexo de Édipo, Freud concluiu que a identificação “já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita” (Freud, 1921/2006, p.116), mas não deixou de ponderar sobre a dificuldade de “fornecer a representação metapsicológica clara dessa distinção. Podemos apenas

---

<sup>21</sup> Alguns outros textos importantes para a análise da identificação com o agressor, especialmente “O ego e o id” (1923b) e “A divisão do ego nos processos de defesa” (1940 [1938a]) serão abordados no subitem 2.2 deste capítulo.

ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (Freud, 1921/2006, p.116).

Seguindo a ordenação do texto freudiano, a segunda modalidade, a identificação regressiva, consiste na apropriação de um traço do objeto através da regressão libidinal, capaz de garantir o recalçamento do investimento objetal que vigorava anteriormente e configurar a estrutura própria do sintoma neurótico. Essa identificação poderia provir de sentimentos hostis e invejosos relacionados ao complexo de Édipo, como no caso da menina que passa a tossir tal qual sua mãe:

[a identificação] significa um desejo hostil, por parte da menina, de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetal pelo pai, ocasionando realização, sob a influência de seu sentimento de culpa, de seu desejo de assumir o lugar da mãe [que representa um modelo a se seguir]: “você queria ser sua mãe e agora você a é – pelo menos, no que concerne a seus sofrimentos”. (Freud, 1921/2006, p.116, itálicos do autor)

Ou, então, o sintoma poderia imitar o objeto desejado, como no caso de Dora (Freud, 1905[1901]), cuja tosse era a mesma de seu pai. Nesse caso, “só podemos descrever o estado de coisas dizendo *que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação*” (Freud, 1921/2006, p.116, itálicos do autor). O fato de que nesses dois casos Freud tenha definido que o objeto “copiado” possa ser o objeto de amor *ou* de ódio parece ser meramente didático e não contraria a centralidade do conceito de ambivalência para o estabelecimento da identificação, visto que os dois afetos estão normalmente presentes no complexo edípico, oscilando em sua intensidade.

A terceira variante identificatória também constitui uma via para a formação de sintomas, mas, ao contrário da modalidade anterior, ocorre mesmo na ausência de investimento sexual prévio, visto que está “baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação” (Freud, 1921/2006, p.117). Foi definida a partir da observação freudiana de que o forte vínculo que une os membros de um grupo é determinado por uma identificação calcada numa qualidade em comum que “reside na natureza do laço com o líder” (Freud, 1921/2006, p.117). Ampliando a discussão e a abrangência desse modelo identificatório, Freud incluirá o apaixonamento e a hipnose, dois estados que têm muito em comum entre si e em relação à formação do laço grupal. A presença e a intensidade da *submissão*, da *fascinação* e da *servidão* nessas relações são determinadas pela localização do objeto no psiquismo, ou seja, se, ao invés de ter sido instituído no lugar de ideal do ego, tiver substituído o próprio ego do indivíduo.

Em “Psicologia das massas e análise do ego” (1921), Freud também delimita as bordas do ideal do ego em relação ao ego, passo decisivo rumo à definição da instância superegógica descrita em “O ego e o id” (1923b). Para isso, Freud retoma o conteúdo de “Luto e melancolia” (1917[1915]) no intuito de se corrigir: naquela época, não percebera a trivialidade do processo de identificação narcísica nas fases mais primitivas do desenvolvimento psíquico. A partir desse momento, a identificação melancólica ou narcísica passou a ser a grande responsável pela formação e alteração do ego, através da introjeção dos objetos abandonados do complexo de Édipo e, com isso, tem-se a transformação do que antes era considerado patológico em fase constituinte do aparelho psíquico. Por conta desse desenvolvimento teórico, o ego pôde ser caracterizado como um precipitado de investimentos objetais abandonados que guarda em si a história das escolhas de objeto de cada indivíduo.

Por fim, a dinâmica proposta por Freud entre a identificação, o ego e o id, pode ser resumida da seguinte forma: com a instalação do objeto no ego através da incorporação, “regressão ao mecanismo da fase oral” (Freud, 1923b/2006, p.42), o id pode permitir o abandono de uma escolha objetual erótica. Assim, “quando o ego assume as características do objeto, ele está-se forçando, por assim dizer, ao id como objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’”. (Freud, 1923b/2006, p.43). Por outro lado, também é por meio da identificação, ou seja, da transformação de uma escolha objetual em uma alteração em sua própria estrutura, que o ego pode obter certo controle sobre os impulsos do id.

Após essa breve revisão das teorizações freudianas, as mudanças da noção de identificação ainda suscitam dúvidas sobre qual seria o modelo utilizado por Ferenczi (1933[1932]) ao descrever a identificação com o agressor. Assim, quando uma criança *identifica-se* com o agressor, o que isso pode significar, já que existem desenvolvimentos e acepções diferentes para esse termo? Poderíamos considerar a identificação histérica como o processo subjacente à imitação do agressor? Será que a identificação com o agressor torna necessário pressupor a existência de uma ligação afetiva anterior entre a criança e o abusador? Quais as semelhanças e diferenças entre a identificação com o agressor e a identificação melancólica? A saída identificatória descrita por Freud (1921), própria da formação de grupo, da hipnose e do apaixonamento poderia estar na raiz do que chamamos de identificação com o agressor?

### 2.1.3 Possíveis interseções com a identificação com o agressor

A proposta desse tópico é pensar a identificação com o agressor à luz das teorizações freudianas sobre a identificação, as possíveis aproximações e divergências entre as modalidades identificatórias apresentadas.

A consideração da hipótese de que a identificação com o agressor pode ser uma identificação do tipo histérica traz em seu esteio a suposição de um conflito psíquico inconsciente na criança com relação ao agressor ou à situação de violência e aos seus próprios desejos sexuais recalcados. Mesmo quando o abuso sexual não entra em conflito direto com as fantasias sexuais edípicas – proporcionando satisfação à criança que ainda não passou pelo recalçamento secundário –, poderá ser responsável por causar, ao mesmo tempo ou *a posteriori*, angústia e culpa intensas nesta criança que, *de fato*, ocupou o lugar da mãe ou do pai. Seguindo o raciocínio de Freud, é preciso supor que haja ainda um elemento em comum inferido inconscientemente pela criança na identificação com o agressor. Entendemos que a culpa é um sentimento que pode estar presente – como vimos anteriormente – tanto no adulto abusador (culpado por seus atos ilícitos) quanto na criança (culpada por suas fantasias sexuais, agora realizadas). Mesmo que Ferenczi (1933[1932]) também tenha apontado que a culpa do adulto é introjetada pela criança no processo de identificação com o agressor, ainda permanece como questão se a introjeção da culpa ao “modo histérico” seria capaz de provocar mais do que uma identificação ou sintoma histérico – certamente mais favoráveis ao tratamento analítico – ou seja, se é um mecanismo que possui força para originar a grande alteração e clivagem no ego infantil que caracterizam a identificação com o agressor.

Outro aspecto a ser examinado é que o estabelecimento da identificação histérica descrita em 1921 prevê que o outro seja considerado como um modelo a seguir ou que ele tenha sido, em algum momento, eleito como objeto de investimento libidinal. Como poderia o agressor sexual, alguém que causou dor e desrespeitou a vontade da criança, ser tomado como modelo? Podemos imaginar que *conseguir dominar, causar dor* e, principalmente, *não sofrer* são aspectos capazes de alçar o agressor à posição de um ideal, tal como os pais para a criança no complexo edípico. São justamente esses os traços que modificam o ego da criança quando ela se identifica com o agressor de forma maciça e, ativamente, passa a agredir tal como foi

agredida. Por outro lado, é preciso considerar que parece mais plausível entender as motivações inconscientes de uma criança que tenha se identificado com o agressor quando este é alguém próximo – familiar – que já se relacionou com ela de outras formas, inclusive carinhosamente, originando o sentimento ambivalente que propicia o estabelecimento da identificação neurótica ou histérica, calcada no conflito psíquico.

Pensando agora em outra vertente, parece inevitável a comparação entre os dois mecanismos – o movimento de identificação com o objeto perdido predominante na melancolia e o movimento de identificação com o agressor – devido à grande semelhança do arranjo psíquico resultante: verificamos que, em ambos, a libido que deveria estar disponível para investimento nos objetos foi redirecionada ao ego, e este foi dividido em uma parte sádica e outra parte perseguida e massacrada. Além disso, tanto na melancolia quanto na identificação com o agressor, o ego sofre uma perda por se modificar em função do objeto e ser subjugado por ele. No entanto, a partir da leitura de “Luto e melancolia” (1915[1917]), observamos que o sadismo dirigido ao ego – tão intenso na melancolia que pode levar ao suicídio – não provém exatamente da identificação com o objeto, é resultante, na verdade, da regressão libidinal a uma fase mais primitiva (fase oral), marcadamente ambivalente. Ao ressaltar esse elemento, encontramos um primeiro ponto de diferenciação entre essas identificações. Na identificação com o agressor, descrita por Ferenczi (1933[1932]), a parte sádica que passa a atacar o ego procede diretamente do objeto agressor – que é internalizado e tratado como realidade psíquica, através de deslocamentos e condensações, na tentativa de diminuir o medo e a ameaça causados por ele na realidade – e não da regressão libidinal a uma fase ambivalente. Outros pré-requisitos indicados por Freud (1915[1917]) também não são tão facilmente verificáveis na identificação com o agressor: ambivalência e vinculação com o objeto, identificação como substituta de um objeto que foi perdido ou abandonado, as auto-acusações ferrenhas e a relação íntima com a idéia de morte tão características da identificação melancólica.

O terceiro ponto a ser abordado refere-se ainda ao texto de 1921, “Psicologia das massas e análise do ego”, no qual Freud, ao tratar da temática da hipnose, ressaltou justamente a passividade e a paralisia decorrentes da relação estabelecida entre um ser onipotente e outro impotente, marcado pelo desamparo. Como podemos constatar na citação a seguir, esses mesmos aspectos foram fundamentais na descrição de Ferenczi (1933[1932]) sobre o processo de identificação com o agressor:

As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência. *Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor.* (p.102, itálicos do autor)

Nesse sentido, considerando que os traços de submissão, fascinação e servidão são marcantes e intensos nos casos de identificação com o agressor, interessa-nos compreender qual seria a natureza específica do laço emocional subjacente a esse modelo identificatório, que resulta em posições de passividade (hipnotizado, submisso ao líder ou apaixonado). Freud (1921) procurou investigar esse fator e, para isso, tomou a relação hipnótica como modelo artificialmente “controlado” do apaixonamento e da formação de grupos. No entanto, sem chegar a uma conclusão definitiva, deixou os seguintes apontamentos:

A hipnose contém um elemento adicional de paralisia derivado da relação entre alguém com poderes superiores e alguém que está sem poder e desamparado.... A maneira pela qual a hipnose é produzida e sua relação com o sono não são claras e o modo enigmático pelo qual algumas pessoas lhe estão sujeitas, enquanto outras lhe resistem completamente, indica algum fator desconhecido nela compreendido (p.125)

Para tentar avançar, fixaremos como premissa que a ligação que caracteriza o forte vínculo entre os apaixonados, do hipnotizador com o hipnotizado e do grupo com seu líder tem como característica indiscutível a assimetria: de um lado, o poder absoluto e, de outro, a necessidade extrema. Nesse sentido, podemos lançar a hipótese de que a *nostalgia por um estado de submissão extrema* seja a base desses laços emocionais e a responsável por promover a identificação nessas relações. Ferenczi (1909) também já havia apontado algo nessa direção, quando afirmou que “a primeira condição de êxito de uma hipnose é.... que o hipnotizador saiba despertar os mesmos afetos de amor ou de temor, a mesma fé cega em sua infalibilidade que a criança sentia por seus pais” (p.98). Com outras palavras, nos diz ainda que o nível de sugestionabilidade de um indivíduo estaria relacionado

*à criação artificial de condições onde a tendência universal (geralmente recalcada) para a obediência cega e a confiança incondicional, sobrevivência do amor e do ódio infantil-erótico pelos pais, é transferida do complexo parental para a pessoa do hipnotizador ou do sugestionador.* (Ferenczi, 1909/1991, p.108, itálicos do autor)

De forma semelhante, Calligaris (2005) nos diz que a experiência de estar completamente dominado por alguém costuma evocar uma sensação de prazer intenso – de ser um bebê desamparado, à mercê dos adultos que cuidam e fazem tudo por ele –, experiência humana que persiste na memória de cada um de nós como uma

promessa de gozo, de satisfação sem limites. Para esse autor, os resquícios dessa vivência primitiva indicam o motivo pelo qual, em determinadas situações da vida, a busca pela realização do desejo e pelo apaziguamento de necessidades fisiológicas pode promover o surgimento de servidões totalmente incompreensíveis à luz da razão.

Tendo em vista essas considerações, a identificação descrita por Freud em 1921, própria da formação de grupos, da hipnose e do apaixonamento também parece bastante adequada quando se trata da caracterização da identificação com o agressor, tendo em comum, principalmente, a possibilidade de o objeto passar a substituir o próprio ego<sup>22</sup> e o aspecto de paralisia e submissão decorrentes de uma relação radicalmente assimétrica<sup>23</sup>.

## 2.2 Clivagem

Neste subitem procuramos compreender, de forma geral, a clivagem, cisão ou divisão<sup>24</sup> como uma das respostas possíveis ao traumático e, especificamente, como esse mecanismo se relaciona com as teorizações de Ferenczi (1933[1932]) sobre a identificação com o agressor.

A clivagem do ego na teoria freudiana é vista como um produto da atitude de recusa<sup>25</sup> e, graças a essa relação muito próxima entre as duas noções, torna-se

---

<sup>22</sup> Para Cardoso (2002), a identificação propriamente dita aconteceria apenas quando o objeto é integrado e assimilado ao ego, provocando uma alteração nesta instância. Em sua opinião, quando o objeto é colocado no lugar de uma instância – tal como na descrição freudiana da formação de grupos, da hipnose e do apaixonamento – o que ocorre é um superinvestimento deste objeto, acompanhado por fenômenos da ordem da fascinação e da sujeição. Ao contrário do que ocorre na identificação propriamente dita, nesse segundo processo não se dá uma verdadeira integração do objeto no ego, mas sim, a conservação desse objeto às expensas do ego, ocasionando seu empobrecimento e submissão.

<sup>23</sup> Em função da densidade da temática da identificação e das múltiplas modalidades expostas ao longo deste subitem, disponibilizamos para o leitor, no Apêndice 1, o quadro que elaboramos para tentar facilitar a compreensão dos modelos identificatórios apresentados. Encontram-se referenciados os principais textos freudianos e uma breve definição de cada um dos modelos.

<sup>24</sup> Optamos por utilizar os termos clivagem, cisão e divisão como sinônimos da palavra alemã *Spaltung*.

<sup>25</sup> Esclarecemos que os termos recusa ou rejeição, aos quais iremos nos referir ao longo desse texto como sinônimos, correspondem à palavra alemã *Verleugnung*, que, de acordo com Hanns (1996), também pode ser traduzida como negação, renegação ou, ainda, repúdio. De acordo com esse autor, *Verleugnung* foi um termo utilizado por Freud para descrever a tentativa de negar algo afirmado ou admitido anteriormente, tratando-se de um “tipo específico de ‘negação’ que se aproxima de ‘desmentir’ e ‘renegar’” (p.303). O material rejeitado não é descartado permanentemente (tal como acontece na psicose, com o mecanismo da *Verwerfung*, cuja tradução mais freqüente é forclusão), ele permanece



inevitável que elas sejam abordadas ao mesmo tempo, na ordem cronológica em que aparecem na obra de Freud. Como interlocutor, continuamos com Ferenczi, autor que considera a clivagem do ego uma forma privilegiada de lidar com traumas graves, instaurando um estado de passividade psíquica observável nos processos analíticos como um tipo de transferência marcada por um amor e submissão excessivos, atitude aparentemente favorável ao tratamento, mas que resulta, paradoxalmente, na intensificação da angústia.

O termo clivagem (*Spaltung*) foi utilizado não só por Freud e Ferenczi, mas também por muitos outros nomes importantes da psiquiatria do final do século XIX, com o intuito de descrever a divisão da personalidade e da consciência nos estudos sobre a esquizofrenia, o automatismo mental, a hipnose e a dupla personalidade. Em 1893, Breuer e Freud descrevem a clivagem da consciência (*Bewusstseinspaltung*) durante o transe hipnótico e na cena histérica, contexto no qual a clivagem configurava-se como um termo geral para descrever a ruptura da unidade psíquica ou da personalidade, mas ainda sem especificidades para ser considerada uma noção psicanalítica. Posteriormente, Freud utilizaria a palavra clivagem para designar a divisão do aparelho psíquico em diferentes registros (consciente, pré-consciente, inconsciente). Na opinião de Kaufmann (1996), a transformação do termo clivagem em noção psicanalítica aconteceu somente em 1927, a partir do artigo “Fetichismo”, no qual a divisão psíquica passou a referir-se particularmente ao ego (*Ichspaltung*) e ao ato de recusar (*Verleugnung*). Em defesa da especificidade do termo, Laplanche e Pontalis (1975) argumentam que ao introduzir a idéia de uma divisão dentro do próprio ego – distinta da clivagem do aparelho psíquico em sistemas diferenciados ou daquela resultante do conflito entre as instâncias psíquicas –, Freud desejava evidenciar “um processo novo relativamente ao modelo do recalçamento e do retorno do recalçado” (Laplanche e Pontalis, 1975, p.104).

A fim de compreender as bases da utilização dessa noção por Ferenczi e promover uma comparação do termo, vamos rastrear os principais textos freudianos em que a questão da rejeição e da clivagem do ego foi abordada. Apesar do texto

---

diante do indivíduo e exige esforço para que sua presença continue sendo negada. Por vezes, recusa e rejeição também são utilizados para traduzir *Verwerfung*, mas como nossa exposição não contemplará essa conotação dos referidos termos, utilizaremos um e outro como sinônimos. Para mais detalhes sobre a diferenciação entre *Verleugnung* e *Verwerfung*, remetemos o leitor ao “Dicionário comentado do alemão de Freud”, escrito por Luis Hanns (1996).

“Confusão de língua entre os adultos e a criança” ter sido apresentado em 1932, vamos avançar na obra freudiana até 1938, considerando que tais desenvolvimentos serão de grande importância para nossas conclusões sobre a noção de identificação com o agressor.

### 2.2.1 Clivagem e rejeição na psicanálise freudiana

Uma alusão importante ao ato de rejeição da realidade aparece em 1923, no artigo “A organização genital infantil”, em uma clara referência ao Caso Hans (1909), como um exemplo da reação típica das crianças diante da percepção da diferença anatômica entre os sexos:

Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas *realmente*, ainda assim, vêem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a preconcepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria. (Freud, 1923a/2006, p.159, itálicos do autor)

Como podemos observar nesse trecho, a rejeição de uma percepção é considerada um modo de encobrir a percepção da realidade e negar a possibilidade da castração, originando uma teoria sexual infantil que, se tudo correr bem, será superada<sup>26</sup> ao longo do desenvolvimento psicosssexual da criança. Nesse momento, Freud não faz referência à clivagem egóica ou a qualquer patologia relacionada ao ato de rejeitar tais impressões.

Alguns rudimentos da idéia de clivagem do ego podem ser encontrados em textos anteriores a 1927, mas, como não aparecem vinculados à idéia de recusa, suscitam dúvidas se o que está em questão, na verdade, é o fenômeno da dissociação histórica<sup>27</sup> ou outra alteração patológica do ego. Em um trecho considerado por Freud

<sup>26</sup> De acordo com Freud, essa superação ocorre, mas não sem grandes dificuldades: a criança precisa descobrir que a mãe é capaz de gerar um bebê dentro de si e constrói outras teorias complicadas para justificar a troca do pênis pelo bebê, até ser capaz de admitir a idéia de que a mãe não possui um pênis.

<sup>27</sup> Alguns autores sugerem uma diferenciação entre os termos cisão e dissociação: Uchitel (2001) escolheu o termo cisão para descrever o ego dividido da psicose e do fetichismo, tal como foi concebido em “A divisão do ego nos processos de defesa” (1940[1938]a) e propôs que, para discriminar mais objetivamente os fenômenos da divisão egóica, o termo dissociação seja reservado apenas para a

como uma digressão em “O ego e o id” (1923b), encontramos um alerta para o risco de *ruptura do ego* proveniente do aumento, em número e força, das identificações do ego:

Se elas [as identificações objetais do ego] levam a melhor e se tornam numerosas demais, inevitavelmente poderosas e incompatíveis umas com as outras, um resultado patológico não estará distante. Pode ocorrer uma ruptura do ego, em consequência de as diferentes identificações se tornarem separadas umas das outras através de resistências; talvez o segredo dos casos daquilo que é descrito como 'personalidade múltipla' seja que as diferentes identificações apoderam-se sucessivamente da consciência. (p.43)

No ano seguinte, em “Neurose e Psicose” (1924[1923]) é que Freud, de fato, expõe a problemática do conflito entre o ego e o mundo externo, sugerindo a idéia de que a clivagem do ego estaria na base das perversões sexuais e aludindo a certo mecanismo análogo à repressão, capaz de dispensar o uso da repressão pulsional (em nota de rodapé, o editor aponta que tal mecanismo corresponde ao que será descrito, posteriormente, como rejeição ou *Verleugnung*). Nesse trabalho, delineia uma diferenciação básica entre neurose e psicose: na primeira, o ego consegue lidar com a frustração externa sendo fiel à realidade e tentando silenciar o id, ao passo que na psicose ele se deixa induzir pelo id ao desligamento de um fragmento da realidade. Freud questiona se estas seriam as únicas saídas diante das frustrações impostas pela realidade externa e procura aventar meios alternativos utilizados pelo ego para escapar ileso dos conflitos impostos pela realidade e pelo id. Através da observação clínica, enumera dois fatores que determinariam o êxito do ego para lidar com tais exigências sem adoecer, sendo o primeiro deles econômico, referente à magnitude das forças em jogo e, o segundo fator, a própria clivagem, que permite que o ego – ao se dividir – escape da *fragmentação* ou *ruptura*:

será possível ao ego evitar uma ruptura em qualquer direção deformando-se, submetendo-se a usurpações em sua própria unidade e até mesmo, talvez, efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio. Desse modo as incoerências, excentricidades e loucuras dos homens apareceriam sob uma luz semelhante às suas perversões sexuais, através de cuja aceitação poupam a si próprios repressões. (Freud, 1924[1923]/2006, p.170-171)

Em 1927, interessado em entender uma escolha objetal um tanto estranha, uma excentricidade sexual, Freud escreve o artigo “Fetichismo”, no qual expõe mais detalhadamente o mecanismo de rejeição. Tal como afirmou anteriormente, considera normal que as crianças rejeitem alguma parte da realidade, fato que pode ser observado claramente na convicção frequente de que as mulheres possuem ou um dia

---

neurose. No entanto, o próprio Freud (1940[1938]b) ressaltou que a cisão ou clivagem não deveria ser considerada como atributo apenas das perversões e psicoses, como veremos adiante no texto.

irão possuir um pênis. Agora, no entanto, dirige sua atenção para as consequências de uma situação específica, na qual o menino não se dispõe a abandonar essa idéia, mesmo após ter tido a oportunidade de ver os genitais femininos. O motivo da recusa em admitir que a mulher não possui pênis parece bastante óbvio: tal informação aponta a própria vulnerabilidade do menino, evocando a possibilidade de castração. A forma encontrada para manter a idéia do pênis feminino, mesmo depois da percepção (da ausência do pênis) ter sido admitida na consciência, é a criação de um fetiche, manobra que consiste sempre em uma substituição do pênis da mãe que o menino acreditou existir, por uma impressão imediatamente anterior à visão dos genitais femininos. Dizendo de outra maneira, o fetiche é um *substituto* para o pênis imaginado na mãe e a aversão dos fetichistas à genitália feminina oferece mais um forte indício da ação da rejeição sobre essa percepção.

Já nesse artigo, Freud atentou para o fato de que alguns pacientes – e não só os fetichistas – eram capazes de rejeitar fragmentos importantes da realidade sem desenvolverem uma psicose, constatação que levantou dúvidas sobre suas elaborações a respeito da rejeição da realidade como principal ponto de diferenciação entre a estrutura neurótica e psicótica, pois passou a considerar que

um fragmento de realidade, indubitavelmente importante, fora rejeitado pelo ego, tal como o fato desagradável da castração feminina é rejeitado nos fetichistas. Também comecei a suspeitar que ocorrências semelhantes na infância de maneira alguma são raras, e acreditei ser culpado de um erro em minha caracterização da neurose e da psicose. É verdade que havia uma saída para a dificuldade. Minha fórmula precisava apenas ser válida onde houvesse um grau mais elevado de diferenciação no aparelho psíquico; seriam permissíveis a uma criança coisas que acarretariam graves prejuízos a um adulto. (Freud, 1927/2006, p.158)

Ao considerar seus questionamentos, tendo como pano de fundo os casos clínicos, Freud foi capaz de relativizar o impacto da rejeição da realidade, antes concebida como modo de defesa exclusivo das psicoses, dotando-a de *gradações* que se correlacionariam, por exemplo, ao nível de desenvolvimento do psiquismo à época do evento traumático. Retomando a afirmação feita em 1924 (em “Neurose e psicose” e em “A perda da realidade na neurose e na psicose”) sobre a diferença entre a neurose e a psicose, relata brevemente o caso de dois irmãos que não conseguiram tomar conhecimento da morte do pai, ocorrida durante a infância e, nem por isso, tornaram-se psicóticos:

Fora apenas uma determinada corrente em sua vida mental que não reconheceu a morte (...); havia uma outra corrente que se dava plena conta desse fato. A atitude que se ajustava ao desejo e a atitude que se ajustava à realidade existiam lado a lado. Num de meus dois casos, a *divisão* constituía a base de uma neurose obsessiva moderadamente grave. Em todas as

situações da vida, o paciente oscilava entre duas presunções: uma de que o pai ainda estava vivo e atrapalhava suas atividades; outra, oposta, de que tinha o direito de se considerar como sucessor do pai. Assim, posso ater-me à expectativa de que, numa psicose, uma daquelas correntes – a que se ajustava à realidade – esteja realmente ausente. (Freud, 1927/2006, pp.158-159, *itálicos nossos*)

Em todo o texto, é apenas nesta passagem que encontraremos a palavra divisão relacionada ao mecanismo de rejeição pelo ego de um fragmento da realidade, sendo descrita como resultado de sua ação no psiquismo. Assim, o que temos até agora é a descrição de Freud sobre o mecanismo de rejeição<sup>28</sup> e sua conseqüência direta: um tipo de compromisso entre duas correntes de pensamento opostas, uma fiel à percepção da realidade e outra que nega essa mesma percepção. Apoiando-se em dados clínicos oferecidos por pacientes fetichistas e por outros que haviam rejeitado algum fragmento importante da realidade e não haviam desenvolvido psicoses, Freud (1927) concluiu que a percepção rejeitada não é, como na psicose, excluída ou escotomizada, mas continua presente no psiquismo convivendo lado a lado com a idéia oposta e gerando outras patologias.

Somente dez anos mais tarde, Freud retomou a questão da clivagem egóica, no artigo “A divisão do ego no processo de defesa” (1940[1938]a) que, apesar de inacabado, trouxe contribuições importantes para a metapsicologia dos processos de defesa do ego frente ao mundo externo. Nesse trabalho, a divisão egóica é considerada uma solução que possui como característica central a permanência de duas reações opostas no ego, resultantes da seguinte situação psíquica: 1) existência de um conflito intenso entre as exigências pulsionais e a realidade, cujo conteúdo está relacionado ao perigo de castração; 2) o ego fica na posição de decidir se reconhece o perigo externo e renuncia às exigências pulsionais ou se rejeita a realidade a fim de preservar sua satisfação. Assim, Freud (1940[1938]a) determina um contexto bastante específico para a emergência da clivagem egóica, caracterizado essencialmente pelo embate entre a pulsão e a sua proibição pela realidade e cujo desfecho é determinado pela atitude do indivíduo de não escolher apenas um desses rumos possíveis, mas ambos, simultaneamente: “rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição; por outro [lado], no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subseqüentemente tenta desfazer-se do medo.” (Freud, 1940[1938]a/2006, p.293).

<sup>28</sup> No intuito de ser mais preciso quanto à utilização dos termos, Freud (1940[1938a]) propôs que o termo repressão (*Verdrängung*) fosse reservado para a supressão dos afetos e designou formalmente a palavra rejeição (*Verleugnung*) para os casos nos quais uma idéia ou percepção precisa ser afastada.

Essa atitude frente à realidade, que Freud (1940[1938]a) chama de astuta, torna possível que as duas partes do conflito obtenham satisfação ao mesmo tempo: “permite-se que o instinto conserve sua satisfação e mostra-se um respeito apropriado pela realidade” (p.293). O respeito pela realidade talvez seja um ponto importante para considerarmos diante de um arranjo psíquico baseado na clivagem do ego, pois a variação nesse nível de contato com a realidade pode determinar o tipo de estruturação psíquica resultante da clivagem. No entanto, Freud alerta que apesar de ser uma solução engenhosa, o sucesso desse arranjo nunca é completo, pois só é alcançado “ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa” (p.293). Não fica claro nesse texto, quais seriam as consequências do aumento dessa fenda no ego: o distanciamento progressivo da realidade ou um afastamento cada vez maior entre a parte consciente e a parte inconsciente do próprio ego. Se considerarmos a segunda possibilidade, quais as consequências clínicas desse fato? A fenda egóica significaria um aumento progressivo da parte inconsciente do ego e, conseqüentemente, uma deficiência de suas funções-padrão<sup>29</sup> com relação ao mundo externo?

Nesse sentido, coerente com suas elaborações da segunda tópica sobre as defesas inconscientes do ego, Freud nos alerta que a idéia de fenda egóica traz em seu esteio a pressuposição, já ultrapassada, de que existiria uma “natureza sintética dos processos do ego”, pois essa função de síntese, apesar de existir e ser importante, “está sujeita a condições particulares e exposta a grande número de distúrbios” (Freud, 1940[1938]a/2006, p.293-294). Essa ressalva sobre a insuficiência ou inconstância da função sintética do ego e de sua fenda inerente conduz à constatação de que a clivagem egóica constitui um arranjo psíquico muito comum, presente em todos nós e, dependendo da extensão da fenda provocada no ego, pode conduzir a perdas maiores ou menores da função sintética. Sendo o ego descrito como uma instância desenvolvida a partir da camada mais externa do id e originada a partir de uma íntima relação com o mundo externo (Freud, 1923b,1938b), as alterações patológicas provocadas pela clivagem estariam necessariamente ligadas a um afastamento da

---

<sup>29</sup> A descrição das funções das instâncias realizada no “Esboço de psicanálise” (1940[1938]b), alguns meses mais tarde, esclarece que elas irão mediar o contato entre ego e mundo externo (a serviço do princípio de prazer); entre ego e id (que passa a ser considerado um perigo externo, já que sua satisfação conduziria a conflitos com o mundo externo); entre id e mundo externo, para evitar o perigo, a ansiedade e o desprazer, tal como foi acrescentado em “Análise terminável e interminável” (1937).

realidade, que pode variar desde a completa cessação do contato até o afrouxamento restrito a algum ponto específico.

Freud admite que existam grandes semelhanças entre o comportamento de rejeição e o afastamento da realidade típico das psicoses, mas ressalta uma diferença importante entre os dois procedimentos e essa observação parece ser o principal avanço do artigo “A divisão do ego no processo de defesa” (1940[1938]a), em relação ao “Fetichismo” (1927):

O menino não contradisse simplesmente suas percepções, e alucinou um pênis onde nada havia a ser visto; ele não fez mais do que um deslocamento de valor – transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo.... Esse deslocamento, é verdade, relacionou-se apenas ao corpo feminino; com referência a seu próprio pênis, nada se modificou. (Freud, 1940[1938]a, p.295)

Diante desse quadro, à primeira vista, incoerente, Freud afirma que é como se “em todo vaivém entre rejeição e reconhecimento, fosse todavia a castração que encontrasse a expressão mais clara” (Freud, 1940[1938]a/2006, p.296). Além disso, contraditoriamente a essa atitude atrevida no enfrentamento à realidade, o paciente citado por Freud desenvolveu um sintoma fóbico que consistia em um medo intenso de ser devorado pelo pai, além de uma ansiedade contra o fato de que alguém pudesse tocar um de seus dedos do pé, sinais que denotavam seu medo da castração e, conseqüentemente, o reconhecimento dela. Nesse sentido, mesmo com a rejeição de fragmentos importantes, o que os sintomas “colaterais” da clivagem do ego escancaram é que a realidade continua sendo reconhecida de uma forma ou de outra: mesmo que o indivíduo negue com todas as suas forças, há uma outra parte dentro dele que não o deixa apagar suas percepções e lembranças reais. Além da lembrança referente à percepção da ausência do pênis nas mulheres, Freud (1940[1938]a) aponta um outro fator que precisa estar presente para que se dê a rejeição de um fragmento da realidade e, conseqüentemente, a clivagem do ego: a ameaça de castração. É dentro dessas condições que ocorre a formação do fetiche, pois o substituto do pênis faltante das mulheres permite ao menino dar de ombros com relação à ameaça de castração.

No último texto em que a questão da clivagem é abordada, “Esboço de psicanálise” (1940[1938]b), Freud afirma explicitamente aquilo que já vinha apontando nas entrelinhas: a rejeição e a clivagem do ego são comuns não só à psicose e à perversão, mas também às neuroses, pois em todos esses quadros e, inclusive, dentro

dos padrões de normalidade, o ego é capaz de desviar exigências aflitivas do mundo externo através da negação ou rejeição de determinadas percepções:

Negações desse tipo ocorrem com muita freqüência e não apenas com feticistas e, sempre que nos achamos em posição de estudá-las, revelam ser meias-medidas, tentativas incompletas de desligamento da realidade. A negação é sempre suplementada por um reconhecimento: duas atitudes contrárias e independentes sempre surgem e resultam na situação de haver uma divisão do ego. (Freud, 1940[1938]b/2006, p.217)

A respeito do aspecto econômico que define o arranjo psíquico ou o resultado das duas tendências em oposição na clivagem do ego, onde a primeira aceita a realidade e a segunda a rejeita, Freud (1940[1938]b) afirma que “se a segunda é ou se torna a mais forte, a pré-condição necessária para uma psicose acha-se presente. Se a relação é invertida, há então uma cura aparente do distúrbio delirante.” (p.215). Acrescenta ainda uma distinção importante à descrição da clivagem do ego e do fetichismo realizada em 1927 e 1938a, ao afirmar que a criação do fetiche não deve ser relacionada à clivagem do ego até que o comportamento do feticista nos mostre que tanto a negação de sua percepção, quanto o reconhecimento da ausência do pênis – premissas opostas – persistem sem influenciar uma a outra. Assim, não basta o fetiche, mas também é preciso que exista algum vestígio do reconhecimento da castração ou da percepção, ou seja, um sinal de que o indivíduo não está realmente alucinando a presença de pênis na mulher. Exemplos desse tipo de sinal seriam os sintomas fóbicos e a ansiedade patológica no caso descrito na página anterior. A rejeição ou negação deve ser sempre suplementada por um reconhecimento e o resultado final (a estruturação neurótica, perversa ou psicótica) dessa operação depende de qual das duas atitudes irá se apoderar da maior quantidade de energia psíquica.

Mesmo após todas essas considerações, Freud (1940[1938]b) ainda se mostra incerto com relação à rejeição e à clivagem egóica, admitindo que uma das características mais comuns nas neuroses consiste em que duas atitudes contrárias e independentes estejam presentes na vida mental do indivíduo e, portanto “nem sempre é fácil decidir” (p.217) se estamos diante de uma clivagem resultante de uma repressão ou de uma rejeição. Contudo, apesar dessa dificuldade diagnóstica, ele conclui que a diferença essencial entre a repressão e a rejeição é topográfica ou estrutural: na neurose, uma das atitudes pertence ao ego e a contrária, a que é reprimida, pertence ao id; na perversão, as duas tendências situam-se no ego.

Le Gaufey (1996), considerando as teorizações da segunda tópica, especialmente aquelas que se referem à inconsciência da instância egóica, retoma o



questionamento freudiano sobre a dificuldade de distinção entre a rejeição e o recalçamento. Para este autor, “há clivagem por toda parte, mesmo que em diferentes graus quantitativos” (p.83) e a ausência da formação de compromisso sintomática não é um fator capaz de diferenciar o recalçamento da clivagem egóica, pois nesta a impossibilidade de manter um isolamento completo entre as duas tendências também pode conduzir ao aparecimento de sintomas fóbicos ou à ansiedade. Nesse sentido, Le Gaufey conclui que “se acrescentarmos que no jogo das tópicas freudianas uma parte do eu pode ser inconsciente, veremos ainda melhor até que ponto clivagem e recalçamento, tão diferentes à primeira vista, tendem a se superpor parcialmente” (p.83).

Mannoni (1973) também recorreu aos desenvolvimentos da segunda tópica freudiana para problematizar a noção de clivagem, concluindo que esta instância não possuiria uma unidade realmente coesa a ser dividida: “a noção de *clivagem* do Eu não parece que pode ser útil... provavelmente porque não concebemos mais o Eu como um aparelho de síntese” (p.17). Expostas as principais críticas, ainda é preciso reconhecer que não trazem grandes novidades, pois o próprio Freud (1940 [1938]b) enfatizou a precariedade da função de síntese do ego e a dificuldade de decidir se estava diante de um recalçamento ou de uma clivagem. Mas, mesmo assim, optou por manter a distinção e firmou nos seus últimos textos a importância que concedia à rejeição e à clivagem egóica<sup>30</sup>.

### 2.2.2 A clivagem na obra ferencziana

Tendo sido realizada a abordagem crítica dos conceitos de rejeição e clivagem egóica na obra de Freud, passamos a expor a utilização desses termos em Ferenczi, considerando especialmente suas duas últimas fases<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Laplanche e Pontalis (1975) apresentaram dois argumentos para justificar a distinção entre a rejeição e a clivagem egóica, de um lado, e o recalçamento neurótico de outro. O primeiro diz que na clivagem e na rejeição temos a “coexistência de dois tipos diferentes de defesa do ego, e não de um conflito entre o ego e o id” (p.563) e o segundo argumento consiste em que a rejeição é uma defesa do ego que incide na realidade exterior, configurando a recusa de uma percepção, enquanto o recalçamento incide sobre conteúdos psíquicos internos.

<sup>31</sup> Tais como foram definidas por Balint (1967): 1927-1928 e 1928-1933.

No texto “O problema do fim da análise” (1927), Ferenczi faz uso da expressão clivagem da personalidade ao relatar a análise de um paciente com distúrbios neuróticos, “anomalias e singularidades de caráter” (p.15). Ao descobrir que o paciente mentia sobre assuntos que seriam cruciais em sua análise, Ferenczi admitiu ter ficado indignado, mas em seguida, através de outro incidente, ficou claro que o paciente possuía também algum distúrbio de memória. Ferenczi (1927) interpreta a situação da seguinte maneira: “no próprio momento em que eu obtinha a prova irrefutável de sua tendência consciente para a mentira, adquiri a convicção de que o sintoma de clivagem da personalidade, pelo menos nele, era apenas o sinal neurótico dessa tendência de caráter” (p.16). Ao falar sobre clivagem da personalidade – não do ego – e tratá-la como um sintoma, entendemos que o autor está se referindo à personalidade múltipla, aproximando-se do trecho de 1923, no qual Freud descreveu essa mesma patologia, algo que podemos confirmar no decorrer do texto de Ferenczi quando afirma que:

todos os casos da chamada “clivagem da personalidade” [apresentam-se] como sintomas de uma insinceridade parcialmente consciente que coage certas pessoas a manifestar alternadamente apenas partes de suas personalidades. No vocabulário da metapsicologia, poderíamos dizer que essas pessoas têm *vários superegos*, cuja unificação não foi bem sucedida. Do mesmo modo, os cientistas que não afastam *a priori* a possibilidade de “várias verdades” a respeito de um mesmo assunto poderiam ser pessoas cuja moral científica ainda não atingiu o estágio da unidade. (Ferenczi, 1927, p.16, *itálicos do autor*)

Salta aos olhos aqui a idéia de “vários superegos” para descrever a clivagem da personalidade e não fica claro quais seriam as consequências dessa conjectura. Também não há referências à questão identificatória ou egóica, pontos nodais da exposição freudiana em “O ego e o id” (1923b) sobre esta temática. O que podemos depreender é que Ferenczi, ao atribuir a este paciente anomalias de caráter e a qualidade de uma “insinceridade parcialmente consciente”, julga que, mesmo que exista tal clivagem da personalidade, ainda assim, a mentira passaria pelo crivo da consciência. O único ponto em que julgamos existir certa semelhança com a montagem da clivagem egóica freudiana encontra-se no exemplo dos cientistas que não podem abrir mão da existência de “várias verdades” a respeito de um mesmo tema, indicando uma possível dificuldade em reconhecer a castração, e que Ferenczi correlaciona com uma determinada moral científica que ainda não atingiu o estágio da unidade.

Somente em 1933, as expressões “clivagem da personalidade” ou “clivagem psíquica” – utilizadas como sinônimos por Ferenczi – voltam a aparecer em sua obra, vinculadas a uma etiologia bastante específica: os traumatismos infantis, especialmente o traumatismo sexual. Trata-se do texto “Confusão de línguas entre os

adultos e a criança”, no qual, após descrever a instalação da identificação com o agressor no psiquismo, o autor expõe a importância de se considerar a extensão do dano provocado pela clivagem, principalmente ao lidar com pacientes extremamente regredidos durante a sessão. Distintamente do que Freud descreve em suas teorizações mais apuradas sobre a clivagem egóica (1927, 1940[1938]a e b), Ferenczi está nos mostrando aqui um estado psíquico diferente e, apesar dos aspectos semelhantes à idéia de *ruptura do ego* exposta por Freud em 1923, no presente texto podemos encontrar alguns elementos singulares: 1) uma situação insuportável e extremamente aflitiva está na origem da clivagem da personalidade; 2) as principais manifestações psicopatológicas são crises de angústia intensa acompanhadas por perda de consciência – e não há menções à alternância de personalidades ou à tendência à mentira, encontradas no artigo ferencziano de 1927.

Outra idéia desse texto nos interessa por estar diretamente relacionada ao mecanismo de identificação com o agressor e por trazer um esclarecimento sobre o resultado da clivagem psíquica. Ao descrever a situação da criança após o abuso sexual – o medo intenso e a fragilidade diante do adulto autoritário, que emudecem e obrigam a obedecer, levando-a a identificar-se totalmente com o agressor e a entrar em uma espécie de transe traumático – o autor introduz o elemento, cuja introjeção pela criança conduz à clivagem psíquica, a culpa do adulto abusador: “Se a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão; a bem dizer, já está *dividida*, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua crença no testemunho de seus próprios sentidos está desfeita.” (Ferenczi, 1933[1932], p.102, *itálicos nossos*).

Ao longo do texto, encontraremos ainda outras passagens, nas quais o autor descreve outras manifestações possíveis e níveis mais graves da clivagem da personalidade, enfatizando que o fator que se mantém é a relação intrínseca com o choque traumático e, em casos extremos, a perda de consciência:

não existe choque, nem pavor, sem um anúncio de clivagem da personalidade. A personalidade regride para uma beatitude pré-traumática, procura tornar o choque inexistente.... Se os choques se sucedem no decorrer do desenvolvimento, o número e a variedade dos fragmentos clivados aumentam, e torna-se rapidamente difícil, sem cair na confusão, manter contato com esses fragmentos, que se comportam todos como personalidades distintas que não se conhecem umas às outras. (Ferenczi, 1933[1932], p.104-105)

No artigo póstumo “Reflexões sobre o trauma” (1934[1931-1932])<sup>32</sup>, encontramos mais algumas referências que nos ajudam a compreender a noção de clivagem psíquica, as consequências do traumatismo e da identificação com o agressor. O primeiro ponto não se refere diretamente à clivagem, mas trata da desorientação psíquica e da desconexão da realidade como consequências de situações traumáticas extremas, nas quais foi impossível obter qualquer tipo de auxílio:

O mais fácil de destruir em nós é a consciência.... A desorientação ajuda: 1º) imediatamente, como válvula de escape, como sucedânea da autodestruição; 2º) pela suspensão da percepção mais ampla do mal, em particular do sofrimento moral, mais elevado – eu não sofro mais, quando muito uma parte do meu corpo; 3º) por uma *formação nova de realização de desejo* a partir dos *fragmentos*, no nível do princípio de prazer. (Ferenczi, 1934[1931-1932], p.111, itálicos do autor)

Em outra passagem, Ferenczi retoma a idéia exposta em 1933 sobre a clivagem da personalidade como uma forma de tornar o trauma inexistente, retornar à situação de tranqüilidade anterior criando uma “falsificação otimista”, mas, curiosamente, aqui utiliza a expressão “clivagem narcísica”:

A condição prévia para tal falsificação parece ser o que se chama a “clivagem narcísica”, ou seja, a criação de um lugar de censura (Freud) com uma parte clivada do ego, que mede, por assim dizer..., a extensão do dano, assim como a parte dela mesma que a pessoa pode suportar, só permitindo acesso à percepção do que é suportável na forma e no conteúdo. (Ferenczi, 1934[1931-1932], p.114)

Considerando tudo que estudamos até esse momento, entendemos que a referência a Freud está ligada ao mecanismo de censura e não à clivagem narcísica, até porque, esta última não parece ter pontos em comum com a teorização freudiana, tal como já apontamos anteriormente. Assim, a clivagem psíquica ou da personalidade descrita por Ferenczi relaciona-se mais com aquele tipo de fragmentação ou ruptura egóica descrita brevemente por Freud em 1923, do que propriamente com a clivagem do ego em duas correntes opostas, tal como foi definida na metapsicologia freudiana em 1927 e 1938. É um primeiro indício de que Freud e Ferenczi, apesar do uso de termos semelhantes, estão se referindo a processos diferentes tanto no que diz respeito à origem ou causação, quanto aos arranjos psíquicos resultantes da clivagem. Em Freud, a noção de clivagem egóica está relacionada à rejeição de um fragmento da realidade que se opõe à satisfação pulsional ou que é excessivo e ameaça fragmentar o ego, resultando sempre na formação de duas atitudes opostas que convivem lado a

---

<sup>32</sup> Trata-se de uma compilação sobre a temática do traumatismo psíquico, que agrupou algumas notas redigidas por Ferenczi entre 1931 e 1932.

lado no ego sem entrar em conflito. Para Ferenczi, a clivagem é a consequência do traumatismo psíquico e está diretamente relacionada com os eventos de desorientação psíquica e com a tentativa de encobrir a percepção traumática<sup>33</sup>.

### 2.3 Introjeção

O conceito de introjeção é considerado a mais importante contribuição de Ferenczi para a metapsicologia psicanalítica, tendo se revelado um instrumento teórico fundamental no estudo da constituição psíquica, da transferência e dos processos criativos (Kahtuni & Sanches, 2009; Kupermann, 2009). A relevância dessa formulação também é ressaltada por Freud (1923c) na ocasião do 50º aniversário de Ferenczi, em que ressalta a importância do texto “Transferência e introjeção” (1909) para a ampliação de importantes seções da teoria psicanalítica e para a descoberta de processos essenciais da vida mental. Apesar desse reconhecimento, autores como Pinheiro (1995), Abraham e Torok (1995) apontam que a significação original do termo introjeção foi se perdendo na obra de Ferenczi e na psicanálise, apresentando como exemplo máximo dessas distorções a utilização dessa noção, por Ferenczi, no texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)” (1933[1932]).

Considerando apropriada a análise da argumentação desses autores para atingir o objetivo principal desse trabalho – a elucidação dos termos que compõe a identificação com o agressor – iremos revisar o conceito de introjeção tal como foi formulado em 1909 e 1912 e, posteriormente, investigaremos o sentido das expressões

---

<sup>33</sup> Klein (1955) oferece outro ponto de vista a respeito do sofrimento psíquico causado pela clivagem. Para a autora, esta é uma defesa contra o medo de aniquilação por forças internas – e não apenas externas, como descrevem Freud e Ferenczi –, capaz de efetuar a dispersão da ansiedade e a desconexão das emoções através da fragmentação do ego em partes que podem, inclusive, ser excindidas via identificação projetiva. Apesar de sua eficácia, o mecanismo da clivagem torna-se inconveniente justamente porque pode vir acompanhado do sentimento de desintegração e de caos interno, provocando intenso sofrimento: “eficaz na medida em que efetua uma dispersão da ansiedade e uma desconexão das emoções. Mas ela falha, num outro sentido, porque resulta num sentimento muito semelhante à morte – pois é a isso que equivalem a desintegração e o sentimento de caos que acompanham a cisão”. (Klein, 1955, p.173). Apesar de sua clara referência ao fato de que a clivagem é uma defesa contra forças internas, o resultado da utilização desse mecanismo é bastante semelhante à descrição de Ferenczi sobre a clivagem da personalidade pós-traumática.

que utilizam o termo introjeção no texto de 1933, sob a luz das teorizações anteriores do próprio Ferenczi. Com isso, pretendemos ter um pouco mais de clareza sobre a pertinência das críticas e sobre a significação do termo introjeção na teorização sobre a identificação com o agressor.

### 2.3.1 A introjeção em 1909 e 1912

O artigo “Transferência e introjeção” (1909) é considerado o primeiro “golpe de mestre” de Ferenczi, pois foi elaborado apenas dois anos depois da iniciação de seus estudos sobre a obra freudiana, fato que evidenciou tanto sua surpreendente capacidade de compreensão da psicanálise, quanto sua clareza de pensamento e sensibilidade clínica (Bokanowski, 2000). Nessa ocasião, através de uma análise minuciosa do fenômeno transferencial, Ferenczi chega à formulação de que a “tendência para a transferência por parte dos psiconeuróticos não se manifesta apenas no âmbito de uma psicanálise, nem unicamente em relação ao médico” (Ferenczi, 1909/1991, p.77). Acompanhando sua linha de pensamento, percebemos um movimento de diluição dos limites da transferência, noção que passa a ser definida simplesmente como “um mecanismo psíquico característico da neurose em geral, que se manifesta em todas as circunstâncias da vida e abrange a maior parte das manifestações mórbidas”. (Ferenczi, 1909/1991, pp.77-78). É justamente a partir dessa premissa – da existência de uma tendência generalizada à transferência – que Ferenczi propõe o conceito de introjeção, como uma tentativa de explicar o processo subjacente a esse *deslocamento* dos afetos flutuantes no psiquismo para o mundo externo.

Os afetos flutuantes são provenientes do processo de recalçamento, ou seja, da retirada da libido de determinados complexos de representações. Como sabemos, o psiquismo não tolera que os afetos ou as representações desligados fiquem à deriva e reage com a produção de angústia. Diante dessa situação, inicia-se um esforço psíquico para dar algum destino aos afetos flutuantes, o que se dá através de dois principais mecanismos: a conversão desses afetos em sintomas orgânicos ou o seu deslocamento para uma obsessão. No entanto, ambas as tentativas de anular a excitação não são perfeitamente bem-sucedidas e, por conta disso, sempre haverá um

resto, uma quantidade variável de afetos livremente flutuantes com a qual o psiquismo precisará lidar. Ferenczi (1909) considera que essa excitação residual constitui a matéria-prima para a transferência ou deslocamento do afeto – que anteriormente estava ligado a uma representação conflitiva – em direção aos objetos externos. Assim, nas palavras de Ferenczi: “para escapar de certos complexos penosos, portanto recalçados, [os pacientes] são impelidos, pelas explicações causais e as analogias superficiais, a testemunhar sentimentos exagerados (amor, repulsa, atração, ódio) por pessoas e coisas do mundo externo”. (Ferenczi, 1909/1991, p.79).

A transferência é, então, considerada um caso específico do processo psíquico mais amplo de introjeção, definido como a tendência à inclusão na esfera psíquica da maior parte possível do mundo externo e cujo *objetivo* consiste em atenuar a intensidade da libido insatisfeita, por um processo de diluição<sup>34</sup> que se dá através da busca infinita de novos objetos de transferência. Nas palavras de Ferenczi: “*o neurótico procura incluir em sua esfera de interesses uma parte tão grande quanto possível do mundo externo, para fazê-lo objeto de fantasias conscientes ou inconscientes*” (Ferenczi, 1909/1991, p.84, *itálicos do autor*). Dessa maneira, os elementos do mundo externo são convocados (introjetados) para diluir os afetos flutuantes, o que também promove uma diminuição do risco de que as representações recalçadas possam se ligar novamente aos afetos originais.

Utilizando como recurso a comparação com o mecanismo de *projeção*, Ferenczi descreve o funcionamento dos neuróticos que procuram introjetar para diluir os afetos flutuantes e dos paranóicos, que também fazem essa busca de objetos no mundo externo, mas para “colar neles (...) a libido que os incomoda” (Ferenczi, 1909/1991, p.84). Nesse sentido, a tendência do paranóico é projetar no exterior as emoções que se tornaram penosas para o psiquismo e seu objetivo é retirar toda sua libido do mundo externo, esforçando-se para não introjetar e para rechaçar qualquer vestígio do que é exterior ao seu ego: “acredita reconhecer em outrem todo amor e todo o ódio que nega existir em si mesmo. Em vez de admitir que ama ou que odeia, alberga o sentimento de que todo o mundo se preocupa exclusivamente com ele, para perseguir ou amá-lo” (Ferenczi, 1909/1991, p.84).

---

<sup>34</sup> Na “Carta 125” (1899), é interessante notar a grande semelhança da identificação com a noção de introjeção ferencziana e sua função de ampliar os limites egóicos, pois Freud considera aí que a identificação é a principal via de acesso às neuroses, responsável por “dissolver o próprio ego em figuras externas” (Freud, 1899/2006, p.331).

Contrariamente, a atitude do neurótico em relação ao mundo externo faz com que seu ego seja “patologicamente dilatado, ao passo que o paranóico sofre, por assim dizer, uma contração do ‘ego’” (Ferenczi, 1909/1991, p.84). Dessa forma, apesar do termo introjeção, na visão de Ferenczi, conter um movimento de dentro para fora<sup>35</sup>, Mezan (1993b) nos esclarece que a diferença fundamental entre projeção e introjeção não está na direção do movimento, que é a mesma (do psiquismo para o exterior). Na verdade, os dois processos se diferenciam pelo destino dado pelo psiquismo aos afetos deslocados para o objeto: na projeção há um desinvestimento dos objetos e redirecionamento da libido para o próprio ego, enquanto na introjeção a libido é investida nos objetos na tentativa de trazê-los para dentro do psiquismo.

Nesse sentido, entendemos que o processo introjetivo é constituído por dois momentos: extensão dos investimentos libidinais (afetos flutuantes) aos objetos e recolhimento desses investimentos que são realocados na forma de traços identificatórios, afetos, identificações e fantasias (Pinheiro, 1995; Trotta, 2010). Além disso, para Pinheiro (1995), a introjeção possibilita a inclusão de representações e associações na esfera psíquica e permite ao sujeito estruturar-se narcisicamente. O indivíduo estende a libido aos objetos do mundo e depois – feita a ligação da excitação residual – traz de volta representações, associações, fantasias e identificações, produzindo sentido e povoando seu psiquismo.

Em um movimento tipicamente freudiano, Ferenczi (1909/1991) partiu de considerações sobre o patológico – conversões, paranóias e compulsões – para concluir que tanto “a projeção paranóica e a introjeção neurótica constituem apenas exagerações de processos mentais” (p.84) e que, na verdade, fazem parte do desenvolvimento normal do ego. Essa formulação ampliou ainda mais a abrangência do conceito de introjeção e possibilitou sua aplicação em diversos temas da psicanálise:

para todo entendimento da formação da personalidade saudável (constituição do superego e do ideal de ego, das *identificações*, da capacidade de aprender com a experiência etc.), tanto quanto para a compreensão e o tratamento de inúmeras patologias emocionais, como por exemplo, melancolia, bulimia, anorexia nervosa, obesidade, hipocondria, sintomas de vazio – descritos nos quadros depressivos – *borderline* e falso *self* (Kahtuni & Sanches, 2009, p.225, *itálicos das autoras*)

---

<sup>35</sup> Laplanche e Pontalis (1975) afirmam que Ferenczi, ao comparar a introjeção a uma paixão pela transferência, definiu mal a noção de introjeção e terminou por igualar o termo à projeção.



Em 1912, Ferenczi afirma que o problema da introjeção na neurose está no plano quantitativo, em uma “uma exageração inconsciente desse mesmo mecanismo dinâmico, uma espécie de doença introjetiva” (p.182). Por outro lado, na paranóia, Ferenczi pressupõe uma forte tendência para retirar o amor dos objetos, uma “doença projetiva”, associada a um decréscimo da função introjetiva. Este último elemento possui uma relação direta com o prognóstico do paranóico: quanto menos introjetar, menor também será sua possibilidade de cura. Nos casos mais graves, afirma Ferenczi (1912), o paranóico “jamais enxertará um elemento estranho em sua personalidade”. (p.182). Assim como a introjeção pode estar presente na paranóia e é benéfico que esteja, a projeção também pode atuar nas neuroses, por exemplo, na produção de alucinações histéricas.

Além de trazer esclarecimentos sobre o funcionamento neurótico e paranóico, o conceito de introjeção também foi aplicado à teorização sobre a constituição do psiquismo. Ferenczi (1909) afirma que, a princípio, um bebê experimenta todas as coisas (os estímulos internos e externos) da mesma maneira, sem conseguir diferenciar o que vem de dentro e o que vem de fora. Só mais tarde ele poderá ser capaz de separar os objetos percebidos e opor-lhes seu ego, seu mundo interno. Nessa ocasião será capaz de distinguir “pela primeira vez, o percebido objetivo (*Empfindung*) do vivenciado subjetivo (*Gefühl*)... efetuando, na realidade, a sua primeira operação projetiva” (p.85), ao transformar um afeto subjetivo em uma sensação objetiva. No entanto, sempre haverá conteúdos do mundo externo que não se deixam expulsar facilmente, impondo-se como um desafio ao ego, que termina por ceder, reabsorvendo (*introjetando*) uma parte do mundo externo que passa a integrá-lo. Assim, “o primeiro amor, o primeiro ódio, realizam-se graças à transferência: uma parte das sensações de prazer ou de desprazer, auto-erótica na origem, deslocam-se para os objetos que as suscitaram<sup>36</sup>” (p.85).

No artigo “O conceito de introjeção” (1912), com o objetivo de lapidar seu conceito, Ferenczi volta a afirmar que a introjeção consiste na “extensão ao mundo externo do interesse, auto-erótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na

---

<sup>36</sup> Mesmo ao falar de prazer auto-erótico, Ferenczi sustenta a idéia de que este deve ter sido suscitado por um objeto, o que marca sua posição teórica de que a criança não é capaz de produzir prazer em si mesma de forma autônoma. Para Pinheiro (1995), o próprio conceito de introjeção possibilitou a Ferenczi afastar-se de qualquer determinismo biológico ou concepção naturalista do indivíduo em suas teorizações e conceber o aparelho psíquico, desde seus primórdios, como essencialmente intersubjetivo.

esfera do ego”. (p.181). Acrescenta que esse processo inclui não só a transferência, mas todo amor objetal, fenômenos também considerados extensões do ego ou introjeções: “em última análise, o homem só pode amar-se a si mesmo e a mais ninguém; amar a outrem equivale a integrar esse outrem no seu próprio ego” (p.181). Nesse sentido, enfatiza que a introjeção representa a união entre o ego e seus objetos de amor e vice-versa, pois “o mecanismo dinâmico de todo amor objetal e de toda transferência para um objeto é uma extensão do ego, uma introjeção” (p.182).

Assim, a introjeção se constitui como processo inerente tanto ao desenvolvimento constitutivo quanto ao funcionamento normal ou patológico do aparelho psíquico, sendo definida como a “‘identificação do ego’ com numerosas pessoas ou mesmo com a humanidade inteira, a receptividade às estimulações externas” (Ferenczi, 1909/1991, p.87). As manifestações advindas do movimento de introjeção, na tentativa de atenuar as excitações excessivas e desligadas do psiquismo, foram descritas por Ferenczi da seguinte forma:

A história da vida psíquica individual, a formação da linguagem [Ferenczi refere-se aqui à identificação ou atribuição de sons e ruídos orgânicos aos objetos], os atos falhos da vida cotidiana, a mitologia... podem reforçar a nossa convicção de que o neurótico percorre os mesmos caminhos do indivíduo normal quando tenta atenuar seus afetos flutuantes pela extensão de sua esfera de interesses, pela introjeção, portanto, quando espalha suas emoções por todo tipo de objetos que pouco lhe interessam, para deixar no inconsciente suas emoções vinculadas a certos objetos que lhe interessam demais. (Ferenczi, 1909/1991, p.86)

Para Costa (1995), a inovação ferencziana está justamente nessa afirmação de que a introjeção e a produção de sentido são atividades constitutivas do aparelho psíquico. Há uma aproximação com a obra freudiana, pois assim como Eros cria o aparato lingüístico como defesa contra a pulsão de morte, as introjeções ferenczianas constituem a própria condição para a existência do sujeito: “se a criança introjeta compulsoriamente o que lhe afeta é porque existe uma ‘força libidinal’ que, por este meio, enfrenta a condição da precariedade humana, figurada na luta entre a vida e a morte” (Costa, 1995, p.13).

Ferenczi (1909) também abordou o complexo de Édipo a partir da noção de introjeção e sua ligação com a identificação, como nos mostra o trecho a seguir:

*Os objetos de amor são introjetados: são mentalmente integrados ao ego. A criança ama seus pais, ou seja, identifica-se com eles, sobretudo com o do mesmo sexo... vendo-se assim em todas as situações em que se encontra aquele dos pais que tiver sido objeto de identificação. Nessas condições, a obediência deixa de ser um desprazer; o rapaz sente inclusive satisfação diante das manifestações da onipotência paterna, dado que em suas fantasias apodera-se dessa potência e, portanto, está obedecendo somente a si mesmo quando se dobra à vontade paterna. Naturalmente, essa obediência espontânea tem um limite que varia segundo os indivíduos e, quando esse limite é transposto pelas exigências dos pais, quando a pílula amarga da coerção*

não está envolta na doçura do amor, a criança retira prematuramente sua libido dos pais, o que pode levar a uma perturbação brutal de seu desenvolvimento psíquico. (p.101, itálicos nossos)

É importante notar que nas teorizações de Ferenczi de 1909 e 1912, as noções de identificação e transferência aparecem como que subordinadas ao processo de introjeção, são “tipos” de introjeção. Em 1922, encontramos mais algumas pistas sobre as idéias de Ferenczi a respeito da distinção entre a identificação e a introjeção. Ao descrever o ideal do ego como etapa sucedânea do narcisismo original da criança, situa a identificação como um processo paralelo, “fase particular do desenvolvimento, entre o narcisismo e o amor objetal” (Ferenczi, 1922/1993, p.179). Outro trecho nos mostra um pouco mais de sua leitura sobre a identificação:

os objetos do mundo externo não são realmente “incorporados” como na fase canibal mas tão-somente na imaginação ou, como se diz, eles são *introjetados*, suas propriedades são anexadas e atribuídas ao próprio ego. Ao identificar-se assim com um objeto (pessoa), cria-se de certo modo uma ponte entre o ego e o mundo externo, e esse vínculo permite em seguida deslocar a ênfase do “ser” intransitivo para o “ter” transitivo; portanto permite à identificação evoluir para o verdadeiro amor objetal. (Ferenczi, 1922/1993, p.179, itálicos do autor)

A delimitação está entre os limites da incorporação e da introjeção, mas não entre identificação e introjeção, sendo esta última noção definida como o mecanismo subjacente ao processo de identificação. De acordo com o texto, a introjeção estaria mais próxima da identificação por ser capaz de anexar e atribuir propriedades ao ego de uma maneira específica, que a diferencia da incorporação, ou seja, ela ocorre “tão-somente na imaginação”. Mannoni (1994) também ressalta esse ponto de semelhança ao afirmar que “a identificação propriamente dita nada tem que não seja psíquico” (p.175). Nessa direção, Laplanche e Pontalis (1975) apontam que a introjeção é um processo pelo qual o indivíduo faz passar, *através da fantasia* (de um modo fantasmático), de fora para dentro, objetos e qualidades inerentes a esses objetos. Os autores consideram ainda que, apesar de serem conceitos muito próximos, a distinção incorporação-introjeção deve ser mantida, pois a incorporação refere-se a um invólucro corporal e o termo introjeção é mais amplo: já não se refere apenas ao interior do corpo e aos limites corporais, mas também ao interior do aparelho psíquico, de uma instância (por exemplo, introjeção no ego, no ideal do ego).

### 2.3.2 A introjeção em 1933

Como já apontamos anteriormente, Ferenczi utiliza de forma indiscriminada os termos introjeção e identificação, sendo que o termo introjeção faz três aparições no texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da ternura e da paixão)” (1933[1932]). Na primeira, há uma equivalência de sentido entre identificação e introjeção, são sinônimos que se referem à *inclusão* do agressor no psiquismo da criança:

Por identificação, digamos, por *introjeção do agressor*, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico; mas o que é intrapsíquico vai ser submetido, num estado próximo do sonho – como é o transe traumático –, ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio do prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória.... Seja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada (p.102, itálicos nossos)

No segundo trecho, ao explicar a mudança provocada pela identificação com o agressor na criança, Ferenczi especifica outro elemento introjetado nesse processo: “a mudança significativa, provocada no espírito da criança pela *identificação ansiosa* com o parceiro adulto, é a *introjeção do sentimento de culpa do adulto*” (Ferenczi, 1933[1932]/1992, p.102, itálicos nossos). Aqui, Ferenczi refere-se a um traço do objeto cuja inclusão provoca uma mudança drástica no ego infantil e no comportamento da criança, que se fixa em uma posição de submissão, pois a introjeção da culpa faz com que fantasie o merecimento dos castigos e da agressão. Vemos aqui que o sentido do termo introjeção está atrelado à inclusão do objeto agressor no psiquismo.

Em seguida, há um retorno ao sentido do primeiro trecho, no qual é dado à introjeção o mesmo sentido da noção de identificação: “a *personalidade ainda fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e a introjeção daquele que a ameaça e a agride*” (Ferenczi, 1933/1992, p.103, itálicos do autor). O que podemos constatar é que, realmente, há uma indiscriminação entre os termos.

Na opinião de Pinheiro (1995), Abraham e Torok (1995), as nuances das elaborações de 1909 e 1912 sobre a noção de introjeção foram se obscurecendo, pois além de sofrer numerosas variações de sentido nas releituras feitas por Abraham, Freud, Klein e outros autores, acabou sendo utilizada pelo próprio Ferenczi para descrever processos que parecem ser diametralmente opostos. Estes autores partem

da suposição de que a existência de uma flexibilidade de sentido ou uma abertura à pluralidade de sentidos são fatores indispensáveis para que o processo de introjeção possa se efetivar. Nesse sentido, o trauma psíquico configura uma situação totalmente diferente, pois seria o resultado da imobilização do sentido pelo adulto, como acontece na violência sexual através do *desmentido*, em que o adulto nega as percepções e as tentativas da criança para significar o evento, oferecendo uma interpretação conclusiva, autoritária e forçada. Quando isso acontece, de acordo com Costa (1995), “o sentido do acontecimento é congelado. A criança não pode mais pensar no que lhe aconteceu, exceto sob o modo da culpa e da auto-agressão recriminatória” (Costa, 1995, p.14).

Aquilo que Ferenczi (1933[1932]) chamou de “introjeção do agressor” representaria, para esses autores, na verdade, a ausência da introjeção propriamente dita – alicerce da vinculação neurótica aos outros e ao mundo externo, responsável por enriquecer o psiquismo com representações de objeto que, associadas entre si, produzem as fantasias.

Para Abraham e Torok (1995), a noção de introjeção originalmente elaborada por Ferenczi abarca três pontos principais: extensão dos interesses auto-eróticos; eliminação dos recalques com conseqüente alargamento egóico e objetualização do auto-erotismo primitivo através da inclusão do objeto no ego. No entanto, segundo os autores, essa tripla significação acabou sendo reduzida, por autores contemporâneos e pelo próprio Ferenczi, ao seu aspecto mais superficial: a posse do objeto por incorporação. Para tentar retificar esse suposto erro de Ferenczi, Abraham e Torok propuseram que o termo “incorporação do agressor” seria mais adequado a essa formulação, argumentando que essa troca terminológica poderia facilitar a compreensão das diferenças entre a introjeção de 1909/1912 e aquela mencionada em 1933.

Poderíamos supor que a *incorporação* do agressor ocorre de acordo com as vertentes de destruição e conservação do objeto (Laplanche & Pontalis, 1975, ver p.30), características típicas de todo processo de incorporação, pois a criança, ao colocá-lo dentro de si seria capaz de destruí-lo e, assim, retornar para a situação de ternura anterior à agressão. Se, através dessa manobra, a criança consegue se livrar do medo que sente do agressor externo, por outro lado, possibilita que o mesmo objeto incorporado passe a modificar sua personalidade e a amedrontá-la desde seu interior. Nesse sentido, poderíamos concordar com a proposta de mudar o termo de introjeção para incorporação, mas devemos considerar que não encontramos nada no texto

ferencziano ou na descrição da identificação ou introjeção do agressor que faça referência à inclusão do objeto através do invólucro corporal própria do mecanismo de incorporação.

À luz dessas considerações, podemos dizer que a ocorrência da “introjeção do agressor” ou “identificação com o agressor” (1933[1932]) é capaz de prejudicar a “função introjetiva” (1909,1912), no sentido originalmente proposto por Ferenczi: a criança submetida ao abuso, realmente fica paralisada em seu desenvolvimento psíquico, tolhida em sua capacidade de direcionar a libido ou o interesse a novos objetos e, ainda, inibida para fantasiar e brincar – fato clínico frequentemente constatado, resultante do prejuízo da função introjetiva (1909,1912).

No entanto, apesar de ser uma noção fértil, precisamos reconhecer que Ferenczi realmente não foi fiel às suas teorizações e que o termo introjeção, tal como foi descrito em 1909/1912, não encontra correspondência de significação nos trechos analisados de 1933, no qual é utilizado como sinônimo de identificação ou, talvez, como sugerem Pinheiro, Abraham e Torok (1995) assemelhe-se ao mecanismo de incorporação. Portanto, vamos utilizar a noção de introjeção seguindo a forma como Ferenczi a utilizou no texto de 1933, mais próxima das teorizações freudianas a respeito da identificação, cujas nuances e diferenciações parecem ter sido bem captadas e condensadas por Lambotte (1997):

Entenderemos por introjeção o processo pelo qual um sujeito incorpora ou reincorpora um objeto, seja ele parcial ou total, *não no interior dos limites corporais* que diferenciam um “dentro” e um “fora”, mas exatamente no interior do próprio sistema psíquico. Igualmente, a introjeção dará lugar a fantasmas que não cessarão de colorir de uma maneira particular a visão de mundo do sujeito.

Quanto à identificação, nós a tomaremos como o processo pelo qual um sujeito se modela sobre outrem, seja que lhe tome emprestados traços ou o conjunto de sua personalidade. Diferentemente da introjeção, que acumula no interior do aparelho psíquico objetos bem delimitados, a identificação afeiçoa a personalidade do sujeito a ponto de que se torna difícil discernir, na configuração psíquica assim constituída, a especificidade dos empréstimos sucessivos e seus proprietários originais. (Lambotte, 1997, p.160, *itálicos nossos*)

## **CAPÍTULO 3: FATORES INTERVENIENTES NO ESTABELECIMENTO DO TRAUMA PSÍQUICO NA VIOLÊNCIA SEXUAL**

O que determina que uma criança recorra a um ou outro mecanismo identificatório diante da situação traumática? Que particularidades regem as engrenagens da identificação com o agressor? Vejamos de que maneira alguns fatores contingenciais, relacionados ao estabelecimento do trauma no psiquismo e que operam de forma complementar ou adicional podem determinar tanto a modalidade identificatória que constitui a base da identificação com o agressor, como a extensão da clivagem egóica e a patologia subsequente.

### **3.1 Fatores exógenos *versus* endógenos**

A primeira variável a ser considerada consiste na existência de violência física conjugada à vivência do abuso sexual infantil. Tendemos a julgar que quanto maior a violência física, o trauma psíquico resultante será, naturalmente, mais intenso. Em nossa experiência clínica, observamos que quando a violência física é proeminente, os familiares e os próprios profissionais que atendem a criança mostram-se muito sensibilizados: se desdobram para oferecer cuidados e tomar as devidas providências. No entanto, é preciso considerar a complexidade da experiência e suas inúmeras possibilidades de significação. Em primeiro lugar, não encontramos na literatura psicanalítica comentários que embasem esse julgamento de que o abuso sexual originará um trauma psíquico mais grave se tiver sido perpetrado com violência. Aliás, Alvarez (1994) alerta que, mesmo quando o abuso se assemelha mais a um carinho, isso não necessariamente anula seu impacto, pois “há um despertar, às vezes para uma poderosa experiência sensual que a criança não consegue deixar de temer profundamente.... temos que trabalhar com grande delicadeza nesses momentos para ajudar a criança a distinguir amor de perversão sexual” (p.171). Além disso, nos casos de ausência de violência, é comum que a criança demore muito tempo para contar o que houve, comportamento que cria no entorno um sentimento de desconfiança, de

que pode ter havido um consenso entre ela e o abusador ou que seu relato possa ser fantasioso.

A mesma autora ressalta, ainda, a importância de se levar em conta o *período*, ou seja, por quanto tempo ocorreu o abuso. De acordo com sua experiência clínica, se a criança é abusada cronicamente desde pequena, as complicações psíquicas serão mais graves e o processo de recuperação mais longo e lento. Nesses casos, o analista deve estar aberto para compreender os significados dessa vivência na história da criança, que precisará adquirir uma noção de como é *não ser abusada*, de respeito e limites, pois, como aponta a autora, ela

pode ter se tornado fascinada pelo abuso ou ter se tornado, ela própria, alguém que abusa. Ela pode temer muito mais a pessoa que abusa dela do que o próprio ato de abuso. Pode ainda sentir um profundo amor pela figura de quem abusa dela e esse amor pode ser mais forte do que seu medo ou desgosto.... nossas noções de proteção, de justiça, de cuidado, podem ser muito irreais para ela. (Alvarez, 1994, p.162)

A cronicidade do abuso está logicamente relacionada com a existência de laços de parentesco ou vinculação afetiva com o abusador, visto que uma pessoa estranha geralmente encontra grandes dificuldades para se relacionar com uma criança, por muito tempo, sem despertar suspeitas. A existência de uma ligação de parentesco entre a vítima e o agressor – para além dos sentimentos de mágoa, de ter sido traída em sua confiança e utilizada como objeto – traz implicações adicionais, como a proteção do agressor pelo grupo familiar e a culpabilização da criança por ter se deixado levar ou mesmo por ter seduzido o adulto. Para Pizá e Ferraresi (2004), nesse contexto torna-se maior o risco de que a criança seja forçada a omitir os fatos do abuso sexual, diante da “manipulação por adultos interessados em preservar o agressor (geralmente mãe em incesto pai/ filha)” (p.99).

Além disso, o vínculo anterior entre o abusador e a criança “facilita a ‘coerção amorosa’: ‘eu sei que você gostou, mas é algo que deve ficar entre nós’” (Fuks, 2006, p.43). Nesse sentido, Fuks (2006) aponta que o silêncio das crianças é mais freqüente nesses casos. Cria-se uma bolha na qual todos da casa sabem que a violência está acontecendo, mas a situação continua sendo ignorada e ninguém está autorizado a falar. O não-dito intrafamiliar muitas vezes pode revelar algo mais grave: a ausência da proibição do incesto nessas famílias. Seja como for, essa situação interfere na capacidade do indivíduo violentado em reconhecer como reais suas próprias percepções e sensações corporais: “algo que existe é tratado como inexistente, o que danifica o ego ao ser atacada sua capacidade de reconhecer uma percepção, de



aceitar algo como existente, de discriminar como própria uma sensação corporal” (Fuks, 2006, p.50).

Ademais, mesmo que a criança rompa esse pacto de silêncio, terá de arcar com o peso das perdas reais decorrentes dessa denúncia, e que até mesmo aumentarão a magnitude traumática: o afastamento da criança do meio familiar através do abrigo institucional, a prisão do chefe de família e conseqüente desamparo do grupo familiar – fatores que costumam incrementar a culpa na criança, provocando a sensação de que teria sido melhor que tudo ficasse em seu lugar e que o silêncio tivesse sido mantido. Naqueles casos em que, após a denúncia, há a desintegração do núcleo familiar, Azevedo (2001) nos diz que se a criança não procura ajuda imediata ou não é protegida, a única opção que lhe resta é submeter-se para continuar viva.

Até agora falamos do abuso sexual intrafamiliar, o mais comum na realidade brasileira, mas não devemos nos esquecer de que um vínculo forte e ambivalente com o abusador é possível mesmo nos casos em que este seja um desconhecido, pois, pelo viés da transferência das imagens paternas, uma ligação pode ser prontamente estabelecida entre a criança e um adulto estranho. Raciocínio que encontrou embasamento nas elaborações de uma das principais teóricas da psicanálise infantil, Melanie Klein (1932), sobre a capacidade para a transferência espontânea, quer seja positiva ou negativa, com base na oscilação nos níveis de ansiedade da criança diante do adulto.

Assim, se é possível que a criança transfira para outros adultos a forte ligação com os pais, então podemos supor que a mágoa e a decepção serão intensas diante da surpresa de um adulto que agride ou seduz para um ato sexual, mesmo que não exista, na realidade, uma ligação prévia entre ela e o agressor. O que virá dessa experiência poderá afetar negativamente as representações parentais da criança, fazendo com que ela deixe de acreditar na possibilidade de ser protegida da violência e se entregue passivamente às ordens do agressor. É claro que quanto mais positiva for a vivência, anterior ao abuso, com o par parental, mais a criança terá condições de saber que o corpo não é um lugar apenas de dor, mas também de prazer. Quando os pais e a realidade não oferecem amparo à criança após o evento traumático, o resultado poderá ser o desenvolvimento de uma relação persecutória com seu próprio corpo e com o ambiente à sua volta (Costa, 1984). Seja como for, é importante ressaltar que independente do abuso sexual ter sido praticado por familiar ou por algum estranho, o que machuca ainda mais a criança é não ter sua palavra validada, fato que

“produz uma perda na auto-estima que a levará a renegar suas percepções da realidade exterior” (Fuks, 2006, p.49)<sup>37</sup>.

Consideramos, até aqui, as forças externas ou exógenas que podem atuar na determinação da magnitude do trauma psíquico e da patologia resultante, mas sabemos também que esses fatores não repercutem igualmente ou com a mesma intensidade em todas as crianças. Essa constatação nos obriga a considerar que os fatores contingenciais devem operar de forma complementar ou adicional com variáveis endógenas, possibilitando, assim, distintos arranjos psíquicos. Nesse sentido, para se ter uma dimensão do impacto da vivência traumática, é preciso observar o momento da constituição psíquica na qual a criança se encontrava por ocasião do abuso sexual: se as tópicas estavam clivadas, se o aparelho psíquico já estava recalando e se a instância egóica era capaz de mobilizar defesas diante das frustrações externas. Além disso, como nos diz Fuks (2006), o estabelecimento do trauma no psiquismo também depende das “condições psicológicas em que se encontra o sujeito no momento do abuso, a possibilidade de integrar esses fatos à sua personalidade consciente, e o poder de pôr em funcionamento as defesas psíquicas que lhe permitam conviver com o trauma” (p.45).

A partir da configuração psíquica da criança no momento do abuso sexual podem advir distintas reações. Assim é possível vermos, como aponta Ferenczi (1933[1932]), crianças que, após a violência sexual, ficam tão amedrontadas pelo adulto e pela situação, que entram em uma espécie de transe traumático que as impede de reagir ou protestar. Ou, então, casos em que mesmo as tópicas já tendo sido diferenciadas “a incidência inesperada e massiva da realidade relativa ao abuso faz explodir aquilo que já se construiu, de modo que as formas usuais de funcionamento começam a se desarticular” (Fuks, 2006, p.47). Afinal, mesmo que o ego já possua alguns recursos ou defesas, podem não ser suficientes para se proteger de um ataque intrusivo e, às vezes, com tão poucas chances de significação para a criança, como é a violência sexual.

Mas, uma das maiores conseqüências para o desenvolvimento dos processos psíquicos da infância está nos efeitos da vivência abusiva sobre o Complexo de Édipo,

---

<sup>37</sup> É comum observarmos na clínica que mulheres abusadas sexualmente na infância têm sua auto-estima tão comprometida que não conseguem perceber sua própria beleza. No Projeto CAVAS tivemos a possibilidade de acompanhar garotas púberes que escondem seu corpo e, como forma de defesa, renunciam a qualquer vaidade e à feminilidade, vestindo-se como meninos ou deformando o próprio corpo através da obesidade.

processo naturalmente marcado por experiências violentas e intensas para o psiquismo. Ab'Saber (2003) afirma que, sem dúvidas, o saldo positivo da virada edípica – representado pelo ganho de potência no plano da realidade compartilhada e pela discriminação entre desejo e lei, obtidos graças à delimitação da onipotência – ficará prejudicado. Se, por um lado, a angústia de castração ao final do Édipo é responsável por estabelecer a dissociação do aparelho psíquico, a estruturação do recalque e do inconsciente, local onde a violência do Édipo “poderá ser redimida”, quando sobrevém a violência de fato, essa coincidência entre o tempo fantasístico incestuoso, próprio do Édipo, e a realidade arremessa a criança

em um impressionante caleidoscópio de formas psíquicas arcaicas, onde todos os estratos do primitivo estão expostos a olho nu e onde a reversibilidade simbólica edípica torna-se limite concreto, espécie de tampão real das possibilidades de desenvolvimento psíquico, que mantém os sujeitos regredidos, fragmentados e masoquisticamente submetidos. (Ab'Saber, 2003, p.9)

### 3.2 A noção de séries complementares

Apesar de ser desejável que pudéssemos descrever todas as variáveis envolvidas no estabelecimento de uma identificação com o agressor, a clínica nos mostra que esta é uma tarefa infundável. Diante dessa constatação, vimos a enorme importância de trazer para o centro da discussão uma elaboração freudiana fundamental para a análise da interação entre fatores endógenos e exógenos no estudo das psicopatologias: o conceito de séries complementares. Embora tenha tido, historicamente, grande importância para a psicanálise, pois possibilitou a superação da dicotomia endógeno *versus* exógeno na determinação da etiologia da histeria, é uma noção que costuma ficar esquecida ou ser relegada a um segundo plano. No entanto, sua importância cresce ainda mais aos nossos olhos quando lembramos que Freud (1916-1917 [1915-1917]), mesmo tendo se concentrado no estudo da causação da histeria, deixou apontamentos sobre a viabilidade de se seguir o esquema das séries complementares para determinar a etiologia da perversão, das neuroses narcísicas e da neurose obsessiva<sup>38</sup>. Um exemplo interessante está nessa afirmação a respeito da

<sup>38</sup> Também para Laplanche e Pontalis (1979) é possível aplicar a noção de séries complementares “noutros domínios em que igualmente intervém uma multiplicidade de fatores que variam em razão inversa” (Laplanche & Pontalis, 1979, p.619).

relação entre a adesividade libidinal e a perversão: “na anamnese de pervertidos, muito amiúde encontrava-se uma marca muito precoce de alguma tendência instintual ou de alguma escolha objetal anormal a que a libido da pessoa permanecia ligada por toda a vida” (Freud, 1916-1917[1915-1917]/2006, p.351).

Na teorização freudiana, o longo percurso evolutivo da libido através das fases psicosssexuais e as inúmeras possibilidades de interrupção que daí decorrem são condições imprescindíveis para o estudo da etiologia das psicopatologias. A partir dessa premissa, foi definida a noção de séries complementares como conjuntos de fatores cuja interação, em razão inversa e complementar determina o desencadeamento da neurose histérica. Na primeira série descrita por Freud interagem a constituição sexual hereditária e as experiências infantis<sup>39</sup>, originando as disposições ou fixações libidinais. A segunda série complementar opõe justamente as fixações às experiências casuais ou traumáticas no adulto (frustrações) e a última série apresentada por Freud nessa ocasião diz respeito à interação entre as experiências infantis e as experiências posteriores.

Assim, temos que o desenvolvimento imperfeito da libido pode deixar como rastro fixações muito fortes e/ou muito numerosas em fases precoces da organização psicosssexual, aspecto que representa o fator endógeno no estabelecimento da neurose. Já o fator exógeno é representado pelas frustrações externas e está fortemente relacionado com a tendência neurótica ao conflito psíquico. No entanto, para o estabelecimento do conflito, não basta a frustração – que impossibilita a satisfação de determinados impulsos libidinais, forçando-os a encontrar novas vias –, é preciso também que esses novos caminhos encontrem uma desaprovação por parte do ego que impeça novamente sua satisfação. A partir daí, as tendências libidinais rechaçadas tentam vias indiretas, submetendo-se a distorções e atenuações, dando origem às formações sintomáticas. Porém, se a instância egóica ainda não atingiu um desenvolvimento satisfatório, o estabelecimento do conflito patogênico não ocorrerá e a formação de sintomas estará ausente. Então, qual será o destino da libido não satisfeita nesses casos?

---

<sup>39</sup> Freud ressaltou a enorme importância das experiências infantis, afirmando que “exigem uma consideração especial. Elas determinam as mais importantes consequências, porque ocorrem numa época de desenvolvimento incompleto e, por essa mesma razão, são capazes de ter efeitos traumáticos.” (Freud, 1916-1917[1915-1917]/2006, p.364).

### 3.3 Destinos do trauma no psiquismo infantil

Se tentarmos responder a essa questão seguindo as trilhas freudianas, encontraremos duas vias principais utilizadas pelo psiquismo para lidar com o excesso de excitação que irão resultar em um mesmo destino: a inibição do desenvolvimento psicosssexual. A primeira dessas vias pressupõe um indivíduo com o desenvolvimento psicosssexual incompleto diante de uma situação traumática. Freud (1916-1917[1915-1917]) aventa, para esse caso, a possibilidade de uma inibição do desenvolvimento que, sequer, irá provocar uma regressão libidinal aos pontos de fixação. São situações em que as experiências sexuais na infância exercem seu efeito traumático apoiadas em aspectos endógenos mínimos: a constituição sexual e o desenvolvimento incompleto. Nesse sentido, outros fatores como as fixações libidinais, a fantasia e o mecanismo do *a posteriori*<sup>40</sup> (que são fundamentais na determinação da magnitude da efração causada pelo evento traumático), parecem ter uma participação incipiente: “existem casos em que todo o peso da causação recai nas experiências sexuais da infância, casos em que essas impressões exercem um efeito definidamente traumático e não exigem nenhum outro apoio” (Freud, 1916-1917 [1915-1917]/2006, pp.366-367).

A segunda via a que Freud se refere encontra-se nas teorizações sobre a neurose traumática em “Além do princípio de prazer” (1920) e é complementar à anterior, pois esclarece o motivo pelo qual o desenvolvimento fica estagnado, qual seja, a urgência em completar uma tarefa mais básica: encontrar meios para fixar excitações excessivas que o psiquismo não pôde tolerar, permitindo, desse modo, sua abreação<sup>41</sup>.

A fim de ilustrar a problemática que temos estudado nessa dissertação, mas sem pretender esgotar as possibilidades, vamos apresentar brevemente dois arranjos psíquicos distintos relacionados à identificação com o agressor, que acompanhamos na clínica do Projeto CAVAS. Cada um dos casos possibilitou o aprofundamento

---

<sup>40</sup> Freud afirmou, inclusive que “o fator do deslocamento para trás, no tempo, é necessariamente muitíssimo reduzido ou até mesmo está completamente ausente, pois nelas [nas crianças] o início da doença advém imediatamente após as experiências traumáticas” (Freud, 1916-1917[1915-1917]/2006, pp.365-366).

<sup>41</sup> Freud (1920), através da metáfora da “vesícula viva”, caracteriza o traumatismo psíquico como uma vivência capaz de causar uma efração na camada protetora que representa o ego, liberando um afluxo de excitações que o psiquismo não pode tolerar.

diferenciado de temas que tratamos ao longo dessa dissertação, especialmente a interação entre a identificação com o agressor, a identificação e a clivagem.

### 3.3.1 Clara

Apesar de viver em um estado depressivo há muitos anos, Clara só chegou até nós porque sua filha foi encaminhada para atendimento no Projeto CAVAS. Mãe com uma história sofrida que marcou com rugas profundas seu rosto de menos de trinta anos: foi maltratada e espancada pelo pai em toda sua infância e não podia contar com sua mãe, mulher submissa e deprimida. Para fugir dessa situação e da vida dura no campo, casou-se com seu primeiro namorado. Também não queria engravidar, mas acabou tendo quatro crianças em sequência e sua dificuldade para oferecer os cuidados mínimos a esses bebês estava fortemente vinculada à depressão, que se fazia presente de forma intensa após cada uma das gestações.

Na ocasião de seus primeiros atendimentos relatou que costumava sair para trabalhar e deixar as filhas por conta de um vizinho que mal conhecia e morava sozinho. Não estranhava que elas voltassem sempre com algum dinheiro ou presentes e foi surpreendida pelo relato de uma das filhas, já pré-adolescente, de que havia seis meses que esse homem pagava para “passar a mão” nelas. A demora em contar o que estava acontecendo para a mãe poderia receber várias explicações, no entanto, nesse caso, entendemos que as filhas provavelmente enxergavam o processo depressivo da mãe, percepção capaz de corroer as esperanças de que houvesse, por parte dela, um posicionamento mais vitalizado diante da situação complicada em que estavam envolvidas.

Somente depois de dois anos de atendimentos, uma revelação ajudou a esclarecer a dinâmica da apatia de Clara diante dos fatos: ela mesma havia sido vítima de abuso sexual pelo pai durante sua infância. Perguntamo-nos, então, se seu silêncio seria significativo de que, até aquele momento, essa vivência estava isolada e não havia se conectado ao que acontecera com suas filhas. A falta de atitude diante das evidências do abuso sexual e a forte reação diante da narrativa da filha – não conseguiu mais ter relações sexuais com o marido desde então – ilustram bem o que Pinheiro (1995) nos diz:

Portador em si mesmo de seus traumas encravados, o adulto fará todo o possível para não se confrontar nunca mais com as mesmas cenas traumáticas que obrigaram-no, para sobreviver, a se cindir. O contato com a criança é, sem dúvida, alguma coisa que o mobilizará no mais íntimo de si mesmo. (p.41)

O contato estreito entre o adulto e a criança, ainda mais acentuado na relação mãe/filha, coloca em xeque uma organização psíquica alcançada a duras penas. Clara mantinha no mais íntimo segredo suas vivências dolorosas – talvez em um canto completamente separado e carente de simbolização – atitude psíquica que a impediu de perceber que o mesmo sofrimento estava sendo infligido às suas filhas. Sabemos que outros efeitos psíquicos da violência sexual vivenciada pelas mães, como o despedaçamento de suas fantasias, o enfraquecimento egóico e conseqüente prejuízo no contato com seu mundo interno e com a realidade exterior, também contribuem para essa “cegueira”. Fuks (2010) aponta, em consonância com nossas observações clínicas, que a análise ferencziana sobre a violência sexual e a postulação da identificação com o agressor abriu a possibilidade “de que essa identificação opere condicionando não uma agressão direta, mas uma tolerância ou cumplicidade inconscientes” (p.144)<sup>42</sup>.

Além disso, consideramos que esse movimento de afastamento e abandono – tanto do próprio mundo interno quanto da realidade circundante – típico das defesas depressivas, é capaz de transformar a economia psíquica a tal ponto que

o regime do princípio de prazer/ desprazer declina para sua modalidade mais primitiva que visa evitar a dor e o desprazer. O afastamento e mesmo a evacuação dos estímulos sensoriais e pulsionais expressam um retrocesso do aparelho psíquico para seu modo mais primitivo de funcionamento: o da fuga. (Delouya, 2002, p.59)

Nesse sentido, encontramos semelhanças entre os sujeitos depressivos, que apenas visam evitar a dor e o desprazer e essas mães que não conseguem perceber o mesmo sofrimento que vivenciaram sendo infligido a seus filhos. A dificuldade de reconhecimento da situação de violência pode ser entendida ainda como a “expressão da incapacidade do psiquismo materno de tolerar o horror que significa a reprise do

---

<sup>42</sup> É importante salientar que com essas elaborações não pretendemos apontar qualquer intencionalidade na postura dessas mães, mas, sim, atentar para a repetição compulsiva da situação traumática, agora nos corpos de seus filhos. Em outras palavras, a constatação desse movimento inconsciente não deverá impedir a consideração de outros problemas e agravantes tais como a submissão econômica e as ameaças feitas pelos agressores. Existe ainda um receio de que as teorizações psicanalíticas sobre a universalidade dos desejos incestuosos venham a minorar a culpa do agressor ou descaracterizar a própria situação de abuso (Fuks, 2010). Com o intuito de enfatizar a culpa do homem agressor “nos Estados Unidos, feministas defendem o *direito de desconhecimento* das mães imersas nessa situação” (Fuks, 2010, p.145, itálicos da autora) que também estariam sofrendo, elas próprias, uma violência.

drama que se passou em sua própria infância” (França, Roman & Bacelete, 2010, p.71).

### 3.3.2 Felipe

Seguindo outra direção, selecionamos um caso clínico em que a identificação com o agressor está ilustrada pelo encaixe da passividade e do sadismo, no qual o sujeito traumatizado pode ser triplamente vítima: "por não ter mais o objeto idealizado que perde, por ser objeto de agressão e por converter-se ele mesmo em agressor" (Uchitel, 2001, p.124).

Felipe, criança de onze anos, atendida no Projeto CAVAS, viveu uma situação de total desamparo acompanhada por vivências traumáticas em uma fase muito precoce e nos levou a imaginar de que forma seu psiquismo incipiente pôde lidar com essas circunstâncias. É um bom exemplo de como, diante da excitação liberada pelo evento traumático, o psiquismo convoca um processo capaz de converter o estado de passividade extrema em atividade.

Encaminhado pelo Juizado da Infância e da Juventude devido à desconfiança de que sofria negligência, o garoto estava sob a guarda da mãe, mas esteve abrigado em uma instituição por um ano, devido aos maus-tratos que vinha sofrendo. Em um ato falho na primeira sessão, denunciou as precárias condições em que vivia, ao dizer que “um ano [no abrigo] foi pouco”.

No entanto, mesmo a extrema pobreza da família (ficavam sem luz em casa, passavam fome) não parecia afetá-lo minimamente, sabia sobre sua história de vida, mas não se mostrava triste ou angustiado, pelo contrário, ria de tudo e dizia que estava ótimo. Nesse ritmo festivo, pedia para a analista levar balões para as sessões, enquanto ele trazia uma toalha de natal, balas e enfeitava toda a sala como se fosse para uma comemoração. Essas atitudes, que poderiam facilmente ser classificadas como defesas maníacas, encontram outra possibilidade de compreensão quando o que está em jogo são eventos traumáticos de grande magnitude. Entendemos que, para fugir da angústia massiva, o trauma passa a ser admitido na consciência na forma de uma falsificação otimista, sendo a condição prévia de tal arremedo justamente a clivagem narcísica. Através desse mecanismo, o psiquismo contabiliza a extensão do



dano, embeleza o que foi sofrido e só autoriza o acesso à percepção do que é suportável na forma e no conteúdo (Ferenczi, 1933[1932]).

De acordo com sua mãe, o irmão e outros colegas abusaram sexualmente de Felipe antes que completasse um ano e meio de idade, sendo esse um dos motivos que a levaram a expulsar esse filho de casa aos treze anos. Na vida de Felipe, essa expulsão era uma marca forte, pois esse foi o terceiro filho deixado para trás pela mãe, e era sob essa mesma ameaça de abandono que ele também vivia, pois era o último filho em casa. O vínculo frágil e ambivalente era evidente no relacionamento entre ele e a mãe: “Felipe é um grude comigo”, “quer ficar de mãos dadas o tempo todo e, às vezes, quando fica muito nervoso, até dou o peito para ele sugar”, “toma banho e dorme junto comigo”. Essas origens marcadas pelo vazio de um objeto primário capaz de suprir as necessidades mínimas de um bebê levam, como nos dizem Delouya (2002) e Lambotte (1997), a um eterno recuo e fixação na imagem desse objeto faltante. Considerando essa premissa, podemos formular a hipótese de que, na identificação com o agressor, a força da adesividade libidinal na imagem de um objeto que submete e agride, também encontra sua fonte em uma vivência extremamente frustrante com o objeto primário – o que resulta na fragilidade egóica e na fixação em uma posição identificatória narcísica. Desse modo, fica preparado o terreno para que a criança se vincule repetidamente a objetos que agridem, fazem sofrer, mas, ao mesmo tempo, definem sua sobrevivência.

Por mais paradoxal que possa parecer para alguém tão carente de maternagem, Felipe exercia a função de babá de uma menina de três anos, desde que ela nasceu: aprendeu a fazer mamadeira, trocar a fralda, a interpretar o choro e a irritação da menina. Diz à analista que estes são cuidados que ele mesmo não recebeu quando bebê, pois sabe que em seus primeiros meses de vida ficou sob a responsabilidade do irmão adolescente, que o deixava sujo e sem comer até que sua mãe chegasse à noite. Fala das lembranças de abandono, principalmente a de ficar sempre na janela, chorando e pedindo que não o deixassem sozinho. Mostra as marcas de queimadura de cigarro feitas pelo irmão e, ainda mergulhado nesse relato de desamparo, acrescenta que é daltônico “só de um olho” e que confunde o verde e o vermelho. Estaria nos dizendo dessa maneira que só foi possível sobreviver a tudo isso clivando suas percepções para tentar suavizar as cores da realidade?

Em outra sessão conta, com muita tristeza, que sua mãe não quis trazê-lo na semana anterior e, por isso, havia chorado até dormir. Após comentar esse fato, tentou

escrever seu nome no papel, mas não conseguiu: reclamou que as partes ficaram separadas e que nunca havia conseguido escrever seu nome com todas as letras unidas. Vemos aqui mais uma metáfora do daltonismo “de um olho só”, indicando a presença de movimentos de clivagem do ego.

Outros indícios da clivagem também se apresentaram ao longo de suas sessões: apesar de se dizer uma ótima babá, contou, em gargalhadas, que andava batendo na menina de quem cuidava. Além do mais, zombava e diminuía a analista, dando gargalhadas escandalosas, para, em seguida, fazer elogios que demonstravam seu fascínio pela imagem idealizada da mulher: “moderna, bonita, inteligente, com carro, brincos, colar e brilho no cabelo”. Um fascínio que se expressava, também, pelo hábito de se vestir de mulher e usar perucas de pano. Porém, costumava falar mal de homossexuais, demonstrando nojo e zombando: “não conheço nenhum gay e nem quero conhecer, porque isso não é coisa de Deus!”, ou então, “tenho um colega que é metade homem, metade mulher, credo!”. Ao ser confrontado pela analista com as informações trazidas por sua mãe de que ele próprio gostava de se vestir de mulher, Felipe ficou extremamente angustiado, tenso e disse ter ouvido vozes: “o diabo entrou em mim, me fez ficar doido e atravessar a rua de olhos fechados... ele me chamava com a voz da minha mãe... foi tentando, tentando, até que eu não agüentei mais e vesti de mulher”. Temos nesses episódios acima mais três manifestações da clivagem do ego: o carinho contrastando com o sadismo em relação à criança de quem cuidava; o deboche da figura da mulher versus a sua idealização; a verbalização acerca do nojo da homossexualidade contraposta ao desejo de se travestir e de se relacionar com outros meninos (sempre tentava beijá-los, tendo sido flagrado pela mãe fazendo sexo oral em um menino menor).

Apesar de observarmos a modificação de uma parte importante do ego de Felipe, julgamos que ele não apenas imitava os comportamentos de seu agressor. Trata-se de algo mais complexo, como se a identificação com o agressor fosse capaz de instalar dois outros internos no psiquismo: um fragilizado, que representa a criança abusada e maltratada e o outro agressor. No caso de Felipe, seu lado fragilizado aparecia quando ele se submetia às agressões e chantagens de colegas maiores, e também ao se exhibir aos meninos de sua rua, vestido de mulher, mesmo sabendo que iriam caçar dele. Em outras ocasiões, porém, o agressor interno parecia possuí-lo, especialmente diante de alguém mais frágil que ele próprio, momento em que o fragmento danificado em seu psiquismo, encontrava como saída para se libertar da

angústia de morte, a produção dessa mesma sensação no outro. Mais do que isso, será que ao agredir essas crianças menores, Felipe também estaria tentando “roubar” delas algo que ele perdeu ou nunca lhe foi dado o direito de possuir: uma infância protegida?

E o que dizer sobre o sua aparente maturidade, seu lado maternal afluído, sua dedicação e responsabilidade como babá? No mesmo texto dedicado à identificação com o agressor, Ferenczi (1933[1932]) descreve um fenômeno curioso que consiste na eclosão súbita de novas faculdades em resposta ao choque traumático: a progressão traumática ou prematuração patológica. Quando uma grande aflição, seguida de angústia de morte se abate sobre a criança, são despertadas, subitamente, capacidades que só deveriam se manifestar na idade adulta. Assim, em um quadro oposto ao da regressão traumática, a criança que sofreu uma violência sexual, na tentativa de cuidar de si mesma, pode ativar muito cedo e de uma forma estereotipada as emoções e aptidões de um adulto.

Pensando em um possível prognóstico para o caso, presumimos que a *forte angústia* provocada no momento da confrontação entre a fala preconceituosa de Felipe sobre os homossexuais e sua atitude de vestir-se de mulher possa constituir um indício da existência de contato entre as partes clivadas. A importância clínica desse dado está no fato de que a presença de angústia pode indicar a existência de conflito entre realidade negada e percebida. Nesse sentido, seria possível promover uma reintegração das partes clivadas e ajudar Felipe a se dar conta do conflito instalado nele. Esta consideração abre espaço para a intervenção psicanalítica nesses casos, pois a fragmentação egóica ainda não teria atingido um ponto máximo. Aliás, mesmo que os mecanismos de cisão e projeção tenham operado intensamente, de acordo com Klein (1955),

a desintegração do ego nunca é completa, enquanto a vida existir... a presença por integração, por perturbada que seja – até mesmo em suas raízes –, é, em algum grau, inerente ao ego.... são esses fatos que permitem à análise conseguir algum grau de interpretação, algumas vezes até mesmo em casos muito graves. (Klein, 1955, p.200)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura psicanalítica nos diz que a saída para um evento traumático encontra seu ideal na solução neurótica, na qual o psiquismo é capaz de integrar o excesso de excitação através das fantasias, dos recalques e sintomas, além de permitir que o trauma reapareça através da compulsão à repetição, dos pensamentos e dos sonhos – modo de funcionamento que, apesar de causar sofrimento e conflito, oferece elementos essenciais para a elaboração psíquica e condições para o próprio tratamento analítico. Buscando compreender outros arranjos psíquicos com os quais nos deparamos na clínica com crianças que haviam sofrido abuso sexual, encontramos em Freud (1940[1938]b) alguns apontamentos sobre os destinos possíveis dessa vivência:

visto essas impressões estarem sujeitas à repressão, seja em seguida, seja logo que buscam retornar como lembranças, constituem elas o determinante para a compulsão neurótica que depois tornará impossível ao ego controlar a função sexual e provavelmente o fará voltar as costas permanentemente a essa função. Se ocorre esta última reação, o resultado será uma neurose; se não ocorre, desenvolver-se-á uma variedade de perversões. (p.200)

Assim, quando não é possível que as percepções e sensações dessa experiência entrem no esquema do recalque e da neurose – seja devido à radicalidade das circunstâncias ou à própria fragilidade infantil – o psiquismo pode ser obrigado a se defender da excitação massiva através do mecanismo da rejeição e clivagem, solução que, como vimos, não se mostra tão promissora e abre caminho para o estabelecimento da identificação com o agressor. Ao tentar manter a vivência traumática isolada no psiquismo, sem assimilação ao restante dos conteúdos psíquicos, consegue-se controlar a angústia. Contudo, a clivagem psíquica provocará um desligamento (de extensão variável) entre o ego e a realidade que pode encontrar expressão não só na exigência de submissão sem limites de si próprio, mas também nas perversões, através da repetição estereotipada, em ato, dos abusos sofridos<sup>43</sup>.

A criança, em uma fuga que pode culminar na passagem ao ato, é levada a se defender através da externalização do invasor, no intuito de destruí-lo no mundo externo. Nessa direção, Cardoso (2002) afirma que “pela via do sadismo, o ego parece buscar ligar o excesso, a força pulsional des-ligada.” (p.202). Para a autora, nesses casos, a alteridade pode ser considerada até mesmo inexistente, pois passa a ser

---

<sup>43</sup> Como vimos no caso de Felipe (pp.81-84)

representada exclusivamente pela própria fantasia do indivíduo, caracterizando suas relações interpessoais como especulares e não-mediatizadas.

Para Kernberg (1995), essa reversão do sofrimento através do ódio e da hetero-agressão é uma revanche sobre o objeto agressor e também sobre o agressor internalizado. A fixação do indivíduo a um padrão de comportamento sádico expressa a tentativa de vingança por todo sofrimento a ele infligido anteriormente. Atua sadicamente porque teve a experiência de ser maltratado por um objeto sádico e transmuta-se, inconscientemente, em seu próprio objeto persecutório ao atacar suas vítimas, mas não consegue escapar da contingência de ser vítima e executor ao mesmo tempo:

como vitimizadores, não podem viver sem sua vítima – o self projetado, despojado e perseguido; como vítimas, eles permanecem ligados internamente a seus perseguidores e, algumas vezes, também externamente, quando apresentam comportamentos que chocam violentamente o observador. (Kernberg, 1995, p.31)

A inversão das posições passiva-ativa caracteriza uma resposta do tipo perversa resultante da transformação da submissão absoluta diante de um outro invasor em atividade, revertendo uma cena traumática interna que, de outro modo, estaria fadada a se repetir infinitamente. Nessa direção, Uchitel (2001) afirma que, no processo de identificação com o agressor,

quem sofre se assimila ao objeto externo que teme, introjeta a agressão produtora da ansiedade e do medo e tenta, assim, se libertar deles produzindo ansiedade e medo no outro.... permite sair, nem que seja por instantes, do lugar traumático e doloroso e, ao mesmo tempo, vingar-se (p.125)

O ponto de vista de Ferenczi sobre o trauma se relaciona justamente com esse excesso libidinal que não encontra representação, com as lembranças no corpo e com a realidade material<sup>44</sup>. Nesse sentido, considera a violência sexual um evento com potencial traumático desorganizador que dificulta a elaboração psíquica e a ligação representacional da libido no psiquismo infantil. O autor, porém, nos fala sobre outro movimento psíquico, diferente da inversão das posições passiva/ ativa que acabamos de descrever. Em sua concepção, um evento traumático de grande magnitude pode desencadear a suspensão das atividades psíquicas e a instauração de uma

---

<sup>44</sup> Um exemplo desse ponto de vista é apresentado por Ferenczi (1932) quando diz que determinados eventos reaparecem nos sonhos de uma paciente, mas não possuem exatamente um conteúdo psíquico e, assim, ela “só podia e devia repetir as experiências traumáticas de sua vida, de um modo puramente emocional e sem conteúdos representativos, durante um sono profundamente inconsciente, quase comatoso” (Ferenczi, 1932/1992, pp.112-113).

passividade extrema, acompanhadas pela paralisação da motilidade, das percepções e do pensamento, um quadro de prostração psíquica semelhante à depressão<sup>45</sup>.

Se levarmos em conta a imaturidade física e psíquica das crianças abusadas sexualmente – incompatível com a grande dor a que seu corpo e psiquismo são submetidos – torna-se mais compreensível a recorrência aos comportamentos de servidão para tentar aplacar a angústia de morte e de dilaceração de seus corpos. Desse modo, configura-se um quadro clínico caracterizado pela submissão e obediência, no qual a criança abusada age como um autômato diante da violência, fixando-se em uma posição passiva que se mantém na vida adulta e que pode ser observada na relação transferencial (Ferenczi, 1933[1932]). Apesar de ser favorável o fato dessa criança não perpetuar o ciclo de violência, o agressor também ocupa uma grande parte de seu psiquismo e a repetição da situação traumática pode ocorrer indiretamente<sup>46</sup>.

Essa estratégia do psiquismo – na qual o ego fica obrigado a seguir os comandos de um invasor para tentar se livrar de sua tirania e perseguição implacável no mundo externo – representa o caminho da repetição compulsiva do trauma, atrelada a uma diminuição da atividade psíquica<sup>47</sup>. Nas crianças vítimas de abuso sexual é comum que isto seja constatado através do empobrecimento do brincar, dos processos criativos, das fantasias e em uma inibição da capacidade de pensar. Coelho Jr. (2003) enfatiza as consequências desse excesso de realidade material que incide desastrosamente sobre as fantasias sexuais da criança, explicando porque o recurso à fantasia fica tão prejudicado:

ao lado da emergência de fantasias infantis recalcadas, entendo que aparece a invasão da realidade, uma realidade perfurante, que vem e rompe a 'vesícula' em que diferentes fantasias poderiam ser contidas. Assim, o efeito sinistro.... com referência ao trauma, seria também efeito de uma excessiva presença da realidade material, inevitável e impossível de ser minimamente suavizada ou transformada pelo recurso à fantasia, até porque ela atacaria o próprio invólucro que protegeria as fantasias. (Coelho Jr., 2003, p.80)

---

<sup>45</sup> Quanto a essa vertente da identificação com o agressor, originalmente descrita por Ferenczi (1933[1932]) e que resulta na instalação da passividade, devemos considerar, ainda, que quanto menor for o nível de desenvolvimento psíquico atingido pela criança, maior será a facilidade para recorrer ao modo narcísico de identificação, ao mecanismo de incorporação.

<sup>46</sup> Como vimos no caso de Clara (pp.79-81)

<sup>47</sup> Schwartzman (2004) reúne três principais direções defensivas às quais o aparelho psíquico recorre quando esse excedente de excitação ameaça sua integridade: *a repetição compulsiva*, como tentativa de anular o excedente pulsional, *a diminuição geral de sua atividade* e a ruptura dos recursos do aparelho psíquico, com a consequente produção de somatizações.

Lado a lado com esses esclarecimentos sobre o funcionamento psíquico da criança traumatizada ainda persistiam algumas dúvidas e, com o objetivo de avançar um pouco mais na pesquisa sobre a identificação com o agressor, retomamos a formulação de Ferenczi (1933[1932]) de que o psiquismo traumatizado chega “a uma forma de personalidade feita unicamente de id e superego, e que, por conseguinte, é incapaz de se afirmar em caso de desprazer” (p.103). Como compreender o funcionamento psíquico reduzido a essas instâncias? Formulamos a hipótese de que o agressor introjetado pode representar a instância superegóica tirânica que subjuga o ego fragilizado, ferido em seus ideais identificatórios e tão débil que não é capaz de gerenciar mais nada. Recorremos à afirmação de Freud (1924a) de que o masoquismo se origina da pulsão de morte não projetada para o exterior que, sendo impedida de atuar no mundo externo, intensifica a agressão sádica em direção ao ego. Se substituirmos os termos dessa formulação, teremos que o estado de submissão e passividade próprios da identificação com o agressor resultam da impossibilidade de externalizar ou ligar os conteúdos sexuais impostos pelo adulto a outros complexos de representações, o que intensifica a agressão direcionada ao ego. Além disso, como já sabemos, Ferenczi (1933[1932]) nos diz que o trauma pode desencadear a introjeção do agressor.

Diante dessas formulações entendemos que o agressor pode se configurar no psiquismo da criança como um *outro interno perseguidor*. Cardoso (2002) ressaltou, ainda, que situações passíveis de evocar a passividade absoluta no indivíduo – a hipnose, os traumas de grande magnitude, o uso de estimulantes e anestésicos – foram utilizadas por Ferenczi como paradigmas para a elaboração do modelo metapsicológico da instância superegóica. Essa observação reforça a idéia de que o trauma pode provocar um incremento do poder de assujeitamento da instância superegóica que receberia, então, um acréscimo de sadismo capaz de obturar o ego, já fragilizado pela intromissão da sexualidade adulta e mais vulnerável a novas invasões internas ou externas<sup>48</sup>. Os conteúdos e a excitação provenientes do abuso sexual, sem chance de obter tradução ou de se ligar a outras representações, formariam esse núcleo perseguidor no psiquismo, sempre em busca de novas ligações. Segundo Cardoso (2002), esta dinâmica relaciona-se com situações nas quais o ego não

---

<sup>48</sup> Ferenczi (1933[1932]) afirma que diante de um evento com intensidade física e psíquica excessivas, o ego se torna incapaz de modificar a excitação que vem de fora e o impacto provocado força sua destruição total ou parcial.

consegue “tratar” esses elementos para fazê-los entrar no registro de tradução-recalcamento, só restando a saída da repetição compulsiva e fragmentada que encaminha a criança para um modo de funcionamento pulsional, sem contenção psíquica para o conteúdo sexual traumático.

Por conseguinte, consideramos possível que a identificação com o agressor seja capaz de instalar *duas figuras* representantes da cena da agressão no psiquismo: uma fragilizada, o ego que representa a criança abusada e maltratada, e o agressor, atuando como superego. Os resultados que advêm dessa interação podem originar diferentes arranjos psíquicos, os quais já começamos a descrever no capítulo anterior e, agora, pretendemos detalhar. Um deles consiste na submissão do ego aos comandos do invasor, numa tentativa de se livrar da tirania e da perseguição implacável, e a outra possibilidade se realiza quando, no desespero para se desvencilhar, o psiquismo é levado a se defender pela externalização do invasor, possibilitando sua destruição no mundo externo, por meio da passagem ao ato.

Se o psiquismo não puder suportar a parte que representa o agressor, esta será projetada para o mundo externo e poderá, caso a identificação projetiva<sup>49</sup> seja bem sucedida, incitar o outro a agir como um sádico. Frente a frente com seu agressor, agora encarnado (e muitas vezes, por coincidência, de forma extremamente realística) só lhe resta a submissão e a obediência. É como se a atitude passiva e temerosa da criança diante dos adultos, nos quais é projetada a representação do agressor, propiciasse ou facilitasse encontros que reeditam a cena traumática na qual, originalmente, a criança foi obrigada a se calar para garantir sua sobrevivência. Nesse arranjo da identificação com o agressor entendemos que o ego, mesmo submetido e maltratado, é preservado em alguma medida.

Por outro lado, quando a parte violentada e frágil é considerada insuportável, então, ela será projetada para o exterior, restando internamente o agressor. O indivíduo tentará destruir o que projetou no mundo externo agindo ele próprio como abusador,

---

<sup>49</sup> A identificação projetiva é um mecanismo de defesa primitivo, descrito por Klein (1955) no qual “o sujeito projeta uma experiência psíquica intolerável sobre um objeto, mantém empatia (no sentido de percepção emocional) com aquilo que ele projeta, tenta controlar o objeto num esforço continuado para defender-se contra a experiência intolerável e, inconscientemente, numa interação real com o objeto, leva-o a vivenciar o que foi projetado por ele.” (Kernberg, 1995, p.167).



mimetizando o comportamento daquele que o agrediu, exatamente com alguém que considere semelhante a si próprio quando era submetido à agressão. Para esse “novo abusador”, crianças mais novas constituem alvos óbvios por sua fragilidade e pela facilidade com que são colocadas em posição de obediência. Nessa configuração, manifesta-se predominantemente a face do sadismo, mas podemos inferir a presença da face complementar masoquista, já que a criança agride no outro justamente a projeção de seu ego infantil, maltratado e fragilizado. Além disso, se a identificação projetiva for bem sucedida, podemos esperar que a nova vítima comporte-se como em um transe hipnótico: submetendo-se sem se rebelar ou questionar. Esse seria um encaminhamento perverso, pois o indivíduo projeta para o exterior seu próprio ego, ação psíquica que acarreta prejuízos no contato com o mundo interno e com a realidade.

Nesse ponto, é interessante examinar a contribuição de Kernberg (1995), que analisa a identificação com o agressor como um fenômeno clínico capaz de deslizar por diferentes estruturas psicológicas, em um movimento que determina os comportamentos de hetero ou auto-agressão. De acordo com sua teorização, “a fixação em objetos odiados específicos pode ser encontrada ao longo de todo o espectro da psicopatologia e ilustra, algumas vezes de forma caricatural, o vínculo existente com o inimigo ou com o perseguidor” (Kernberg, 1995, p.33) em um *continuum* desenvolvimental que vai da hetero-agressão para a depressão masoquista. Podemos depreender que, quanto mais elevado se mostrar o nível de desenvolvimento atingido pelo psiquismo, menor será a atuação agressiva e, que nesses termos, a identificação com o agressor poderia estar presente em qualquer organização psíquica: neurótica, *borderline*, psicótica ou perversa.

A partir dessa teorização, foi possível entender também que o amplo leque de patologias subsequentes à identificação com o agressor apontado por Ferenczi, o qual pode abarcar desde as perversões até as psicoses, nos leva a supor que os mecanismos identificatórios subjacentes também poderiam variar na mesma medida. A constatação dessa multiplicidade de combinações entre os termos subjacentes à identificação com o agressor e a variedade de patologias resultantes nos indicou um caminho para compreender a falta de rigor conceitual de Ferenczi no artigo “Confusão de língua entre os adultos e a criança (a linguagem da ternura e da paixão)” (1933[1932]). Talvez a imprecisão na utilização dos conceitos de introjeção e identificação na descrição da identificação com o agressor seja mesmo inevitável,

principalmente se considerarmos que cada um desses mecanismos identificatórios pode se vincular a distintos arranjos psíquicos (por exemplo, a incorporação e a identificação narcísica se relacionam com a configuração melancólica).

Kernberg (1995) também nos permite avançar um pouco mais em nossa compreensão sobre a identificação com o agressor através de suas elaborações sobre o sentimento de ódio e suas consequências para a constituição psíquica. Afirma que se o ódio é excessivo, a integração das relações objetais internalizadas fica impossibilitada, prejudicando a constância objetal e o avançar do desenvolvimento edípico. Em circunstâncias mais favoráveis, quando não existem impedimentos para que a constância objetal possa se realizar, segue-se normalmente a integração do ego e do superego e o estabelecimento das fronteiras que separam o ego do id, consolidando a estrutura psíquica normal. Quando nada disso é possível, Kernberg (1995) constata que o ódio patológico é “absorvido pelo superego” (p.32) e apresentando o desejo de humilhar outras pessoas como um exemplo da manifestação do sentimento de ódio após sua mediação pelo superego<sup>50</sup>.

Constatamos, ainda, que a teorização proposta por Ferenczi, apesar de sua importância incontestável para nós que trabalhamos com a temática da violência sexual, traz em si alguns problemas. Um deles diz respeito ao modelo de criança implícito em seus textos, considerada um ser intrinsecamente frágil, sempre desprovida de recursos de defesa e facilmente atingida pelos eventos externos. Em nossa clínica do Projeto CAVAS/UFMG, acompanhamos casos em que a violência sexual, apesar de parecer muito grave, não comprometeu o funcionamento psíquico das crianças, especialmente quando já haviam construído barreiras para lidar com os impactos do ambiente, através de experiências estruturantes anteriores, configurando um contexto psíquico que permitiu com que prosseguissem em seu desenvolvimento. Em outras situações, observamos que um avanço sexual sutil arremessava algumas crianças em um estado de desorganização tão grave que nem mesmo anos de análise pareciam capazes de abrandar. É fato que, geralmente, constatamos nas anamneses dessas crianças a presença de uma fragilidade extrema e grande dificuldade de lidar com as frustrações desde os primeiros anos de vida, o que, muitas vezes, coincide com a dificuldade de estabelecer um laço afetivo com um par parental que possa suprir, minimamente, suas necessidades narcísicas.

---

<sup>50</sup> Essa elaboração de Kernberg (1995) é semelhante à teorização de Cardoso (2002) a respeito da simbolização da pulsão em interditos superegóicos, em culpa e em ideais.

Além disso, o amplo leque de patologias subsequentes à identificação com o agressor que, de acordo com o que estudamos em Ferenczi, pode abarcar desde as perversões até as psicoses, nos levou a supor que os mecanismos identificatórios subjacentes também poderiam variar na mesma medida. A constatação dessa multiplicidade de combinações entre os termos subjacentes à identificação com o agressor e a variedade de patologias resultantes nos indicou um caminho para compreender a falta de rigor conceitual de Ferenczi no artigo “Confusão de língua entre os adultos e a criança (a linguagem da ternura e da paixão)” (1933[1932]). Talvez a imprecisão na utilização dos conceitos de introjeção e identificação na descrição da identificação com o agressor seja mesmo inevitável, principalmente se considerarmos que cada um desses mecanismos identificatórios pode se vincular a distintos arranjos psíquicos (por exemplo, a incorporação e a identificação narcísica que se relacionam com a configuração melancólica).

Um horizonte interessante, que apenas começamos a elaborar nessa dissertação, ainda pode ser desenvolvido em futuras pesquisas: a possibilidade de se lançar um novo olhar sobre a constituição psíquica dos agressores sexuais. Essa via de estudo deverá levar em consideração as estatísticas sempre crescentes do abuso sexual infantil e a aparente multiplicação de pedófilos, aumento cuja origem pode estar conectada à identificação com o agressor, como mecanismo capaz de estabelecer um círculo vicioso, no qual a vítima perpetua a violência sofrida. Nesse sentido, levamos em consideração o alerta feito por Kupermann (2008), quando afirma que

Na era do abandono e da insensibilidade em que vivemos, persistir em uma leitura estrutural para o trauma, referente ao assujeitamento do psiquismo às forças sempre excessivas da pulsão, desprivilegiando o papel do ambiente e mesmo do contexto sócio-cultural no qual a questão do trauma é problematizada, é arriscar tornar a psicanálise efetivamente obsoleta (p.158)

Portanto, tendo como ponto de partida as questões suscitadas pela clínica, buscamos elaborar uma contribuição para pesquisadores interessados por temáticas similares, no sentido definido por Laplanche de "algo que esclarece, ainda que em medida modesta, uma região do campo psicanalítico, e ao mesmo tempo se articula de maneira a ser aproveitável por outros" (citado por Mezan, 1993a, p.88). Enfim, terminamos esse trabalho com a impressão de que a escolha do tema de investigação – o estudo aprofundado da noção de identificação com o agressor e de seus mecanismos subjacentes, especialmente a identificação e a clivagem – poderá servir como mais uma ferramenta de análise para nos ajudar a compreender a dinâmica

psíquica e o sofrimento que se instala nas crianças que vivenciaram, na realidade concreta, aquilo que deveria ter permanecido sob o véu das fantasias. Com esse intuito em mente, procuramos apurar nossa escuta clínica através do estudo da teoria psicanalítica e, juntamente com Ferenczi entendemos que, mesmo com o tratamento psicanalítico,

talvez não lhe possamos oferecer tudo o que lhe caberia em sua infância, mas só o fato de que possamos vir em sua ajuda já proporciona o impulso para uma nova vida, na qual se fecha o dossiê de tudo o que se perdeu sem retorno (Ferenczi, 1934[1931-1932], p.117)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>51</sup>

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Ab'Saber T. (2003). "Repassando os fundamentos". In R. U. Cromberg, *Cena incestuosa: abuso e violência sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Balint, M. (1967). As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: perspectivas para uma evolução futura. In: Ferenczi, S. *Obras Completas: Psicanálise IV* (pp. XVII-XXV). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Baltieri, D. A. (2005). *Consumo de álcool e outras drogas e impulsividade sexual entre agressores sexuais*. Tese de doutorado, Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Birman, J. (1994). A direção da pesquisa psicanalítica. In J. Birman, *Psicanálise, Ciência e Cultura* (Coleção Pensamento Freudiano). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, III, 13-27.
- Bokanowski, T. (2000). *Sándor Ferenczi*. (Coleção Psicanálise de Hoje). São Paulo: Via Lettera.
- Calligaris, C. (24 de março de 2005). A gravidade e a complexidade do estupro [Ilustrada]. *Folha de São Paulo*, p.E10.
- Cardoso M. R. (2002). *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Coelho Jr., N. E. (2003). Trauma, cisão e simultaneidade. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, 35, 75-91.
- Costa, J. F. (1984). Violência e Identidade. In J.F. Costa, *Violência e Psicanálise* (pp. 79-102). Rio de Janeiro: Ed. Graal.

---

<sup>51</sup> De acordo com o estilo APA (*American Psychological Association*)

- Costa, J. F. (1995). Uma fonte de água pura. In T. Pinheiro, *Ferenczi: do grito à palavra* (pp. 9-17). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Ed. UFRJ.
- Cromberg, R. U. (2004). *Cena Incestuosa: abuso e violência sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Delouya, D. (2002). *Depressão, estação psique: refúgio, espera, encontro*. São Paulo: Escuta: Fapesp.
- Favero, A. B. (2004). *Os destinos da sedução em psicanálise*. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Favero, A. B. (2009). *A noção de trauma em psicanálise*. Tese de doutorado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Ferenczi, S. (1991). Transferência e introjeção. In *Obras Completas: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909).
- Ferenczi, S. (1991). O conceito de introjeção. In *Obras Completas: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912).
- Ferenczi, S. (1993). “Psicologia de grupo e análise do ego”, de Freud (Progresso da psicologia individual). In *Obras Completas: Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1922).
- Ferenczi, S. (1992). A adaptação da família à criança. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928[1927]a).
- Ferenczi, S. (1992). O problema do fim da análise. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928[1927]b).
- Ferenczi, S. (1992). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928[1927-1928]).

- Ferenczi, S. (1992). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929).
- Ferenczi, S. (1992). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).
- Ferenczi, S. (1992). Análises de crianças com adultos. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança (A linguagem da ternura e da paixão). In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões sobre o trauma. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934[1931-1932]).
- Figueiredo, L. C. (2003). *Psicanálise: Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Florence, J. (1994). As Identificações. In J. Florence (Org.), *As Identificações: Na Clínica e na Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- França, C. P., Roman, I. D. V. & Bacelete, L. (2010). Abuso sexual de crianças na família: reflexões psicanalíticas. In C. P. França (Org.), *Perversão: as engrenagens da violência sexual infantojuvenil* (pp.67-72). Rio de Janeiro: Imago.
- França C. P. (2010). Os desígnios do Édipo consumado. In C. P. França (org.), *Perversão: as engrenagens da violência sexual infantojuvenil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, A. (1996). *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. (Trabalho original publicado em 1936).
- Freud S. (1999) *A Interpretação dos sonhos*. Edição comemorativa 100 anos. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

- Freud S. (2006). Carta 61. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, p.296) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897a).
- Freud S. (2006). Carta 69. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp.309-310) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897b).
- Freud S. (2006). Carta 125. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp.331-332) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud S. (2006). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 73-142). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud S. (2006). Totem e tabu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 11-164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912-1913]).
- Freud S. (2006). Luto e melancolia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 243-266). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915]).
- Freud S. (2006). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 251-476). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1917[1915-1917]).
- Freud S. (2006). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-76). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud S. (2006). Psicologia das massas e análise do ego. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).



- Freud S. (2006). Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923a).
- Freud S. (2006). O ego e o id. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 13-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923b).
- Freud S. (2006). Dr. Sándor Ferenczi (em seu 50º aniversário). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 297-302). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923c).
- Freud S. (2006). Neurose e psicose. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 163-172). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924[1923]).
- Freud S. (2006). O problema econômico do masoquismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 173-188). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud S. (2006). Fetichismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 149-160). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud S. (2006). A divisão do ego no processo de defesa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 289-296). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]a).
- Freud S. (2006). Esboço de Psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 289-296). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]b).
- Fuks, L. B. (1998). Abuso sexual de crianças na família: reflexões psicanalíticas. *Percurso*, São Paulo, 20, 120-126.
- Fuks, L. B. (2005). Conseqüências do abuso sexual infantil. In C. P. França (Org). *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só* (pp. 49-73). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fuks, L. B. (2006). Conseqüências do abuso sexual infantil. *Percurso*, São Paulo, 36, 41-52.

- Fuks, L. B. (2010). Abuso sexual de crianças na família: reflexões psicanalíticas. In C. P. França (Org.), *Perversão: as engrenagens da violência sexual infantojuvenil*. (pp. 137-149) Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1988). A mãe morta. In A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1980).
- Hanns, L. (1996). *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kahtuni, H. C. & Sanches, G. P. (2009). *Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Campus.
- Kaufmann, P. (org.) (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kernberg, O. F. (1995). *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klein, M. (1997). *Psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Klein, M. (1991). Sobre a identificação. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1955).
- Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2009). Introjeção, corpo erógeno e simbolização. *Memória da psicanálise: Ferenczi, a ética do cuidado*, São Paulo: Duetto, 3, 31-35.
- Lambotte, M-C. (1997). *O discurso melancólico*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (1975). *Vocabulário da psicanálise*. 2ª ed. Santos: Martins Fontes.

- Laplanche, J. (1988). *Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Le Gaufey, G. (1996). Clivagem. In P. Kaufmann (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Manonni, O. (1973). *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda.
- Manonni, O. (1994). A desidentificação. In J. Florence (org.), *As Identificações: Na Clínica e na Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Mezan, R. (1993a). Que significa “pesquisa” em psicanálise? In M. E. L. Silva (coord.), *Investigações e psicanálise* (pp. 49-89). São Paulo: Papyrus,
- Mezan, R. (1993b). Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi. *Percurso*, São Paulo, 4, 43-52.
- Pizá, G. & Ferraresi, G. (2004). *A violência silenciosa do incesto*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- Pinheiro, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ.
- Pinheiro, T. (1998). Trauma e melancolia. *Percurso*, São Paulo, 10, 50-55.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Sabourin, P. (1992). Vizir secreto e cabeça de turco. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (pp. VII-XV). São Paulo: Martins Fontes.
- Sedat, J. (1996). Identificação. In P. Kaufmann (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Schwartzman, R. S. (2004). O conceito de recalçamento e a busca de uma metapsicologia para as novas patologias. In M. R. Cardoso, (Org) *Limites*. São Paulo: Escuta.
- Trotta, F. C. (2010). *Considerações sobre o afeto em psicanálise*. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Vertzman, J. S. (2002). O observador do mundo: a noção de clivagem em Ferenczi. *Agora*, Rio de Janeiro, vol.5, n.1, pp.59-78. Disponível em: <[http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151614982002000100005&lng=es&nrm=iso](http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982002000100005&lng=es&nrm=iso)>. ISSN 1516-1498
- Uchitel, M. (2001). *Neurose traumática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

## APÊNDICE 1 – Modalidades identificatórias na obra freudiana

Identificação histérica ou neurótica	Identificação onírica	Permite a realização de desejo no sonho através do deslocamento e da condensação de elementos em conflito.	“A interpretação dos sonhos” (1900) “Carta 61” (1897a)
	Identificação histérica ou neurótica	Sintomas histéricos, conversões.	“Carta 61” (1897a) “A interpretação dos sonhos” (1900) “Psicologia das massas e análise do ego” (1921)
	Identificação regressiva	Sintomas histéricos (tosse em Dora): regressão dos investimentos libidinais para a identificação com um traço (inferência inconsciente).	“Psicologia das massas e análise do ego” (1921)
Identificação narcísica	Incorporação	Protótipo da identificação, processo baseado no modo de satisfação típico da fase oral: ingestão e destruição do objeto. Ambivalência.	“Totem e tabu” (1915[1913]) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1915 [1905]) “Luto e melancolia” (1917[1915])
	Identificação da homossexualidade masculina	Identificação com a mãe que permite recalcar a relação incestuosa com ela e, ao mesmo tempo, conservar esse vínculo através das ligações amorosas homossexuais: ama a seus objetos como a si mesmo, como a mãe o amou. Determina o ego no que diz respeito à sua posição amorosa.	“Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910)
	Identificação melancólica	A libido é desvinculada do objeto e redirecionada ao ego, servindo ao estabelecimento de uma identificação com este mesmo objeto no próprio ego. Reconduz o indivíduo aos modos mais arcaicos da ambivalência (fase oral, incorporação).	“Luto e melancolia” (1917[1915]) “Psicologia das massas e análise do ego” (1921) “O ego e o id” (1923)
	Identificação totêmica ou simbólica	Responsável por instaurar o ideal do ego, diferenciação egóica resultante da introjeção do objeto ambivalente abandonado pelo indivíduo.	“Totem e tabu” (1915[1913])
	Identificação sem investimento sexual prévio	Baseada em um ponto de coincidência entre dois egos. Identificação de pensionato ou internato. Hipnose, formação de grupos e apaixonamento são relações compreendidas através desse tipo de identificação.	“Psicologia das massas e análise do ego” (1921)